



**Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História**

O *Reich* sobreviveu: autoridade e imaginário da sobrevivência do nazismo nas obras de Roberto Botacini

LUCAS OLIVEIRA ROCHA

**Brasília – DF
2025**

LUCAS OLIVEIRA ROCHA

**O *Reich* sobreviveu: autoridade e imaginário da
sobrevivência do nazismo nas obras de Roberto Botacini**

Dissertação apresentada à Universidade
de Brasília para obtenção do título de
mestre pelo Programa de Pós-Graduação
em História.

Linha de Pesquisa: História Social e suas
múltiplas formas.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Leal Pastor
de Carvalho.

**Brasília – DF
2025**

LUCAS OLIVEIRA ROCHA

**O Reich sobreviveu: autoridade e imaginário da
sobrevivência do nazismo nas obras de Roberto Botacini**

Dissertação apresentada no âmbito do programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília para obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho
PPGHIS—Universidade de Brasília – UnB
(Presidente)

Prof. Dr. Ricardo Figueiredo de Castro
PPGHIS—Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
(Membro Examinador)

Prof. Dr. Marcos Eduardo Meinerz
PPGHIS—Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR
(Membro Examinador)

Prof. Dr. Daniel Faria
PPGHIS—Universidade de Brasília – UnB
(Suplente)

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho é o resultado de um esforço coletivo, e minha gratidão se estende a todos que o tornaram possível.

Agradeço primeiramente a minha mãe, Luziana, meu pai, Reginaldo, e meu irmão, Gugu, que sempre estiveram comigo durante a escrita desta dissertação.

À minha namorada, Anna, que desde antes do meu ingresso na graduação vem me apoiando nessa jornada.

Ao meu orientador, Bruno, sua confiança em meu trabalho, desde os tempos da graduação, foi fundamental. Sou grato por ter me apresentado a esta temática fascinante e por ter me guiado com segurança até aqui.

Por fim, registro meu agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), pelo essencial apoio financeiro que garantiu a viabilidade e a qualidade desta pesquisa.¹

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

E, pensou, eu sei por quê. Querem ser os agentes da história, não as vítimas. Identificam-se com o poder de Deus e acreditam ser divinos. É essa sua loucura básica. Foram dominados por algum arquétipo; seus egos expandiram-se psicoticamente ao ponto de não saber onde eles começam e onde para a essência divina. Não é hubris, não é orgulho; é uma hipertrofia do ego levadas às últimas consequências – confusão entre quem venera e aquilo que é venerado. O homem não devorou Deus; Deus devorou o homem.

(Philip K. Dick – **O Homem do Castelo Alto**, 1962)

RESUMO

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, muito se especulou sobre o paradeiro de importantes líderes do partido nazista. Enquanto diversos criminosos de guerra foram julgados nos anos subsequentes ao conflito, alguns remanescentes permaneceram foragidos da justiça. A captura de Adolf Eichmann, na Argentina, e os Julgamentos de Frankfurt nos anos de 1960 impulsionaram uma literatura marcada pelo uso de características da História Alternativa, História Contrafactual, Romance Histórico e Ficção Científica para tentar explicar o desaparecimento desses malfeitores. Roberto Botacini, natural de Ribeirão Pires, em São Paulo, produziu diversos livros em que explica o suposto fim desses criminosos, utilizando traços tipicamente encontrados em gêneros literários dedicados à literatura especulativa, entre eles: “Onde estará Hitler?” e “Nazistas na América”, publicados em 1964; “A fuga de Hitler”, de 1965; “Perón: a volta do nazismo”, de 1973; e “O nazismo sobrevive ao Terceiro Reich”, publicado em 1977. Ao longo dos livros, o autor nos introduz a uma narrativa marcada por traços típicos dos quatro gêneros literários citados, dialogando com propriedades das teorias da conspiração. A partir dos gêneros literários, estabelecemos marcadores, características presentes ou ausentes nos estilos narrativos: “apelo à autoridade”; “acobertamento”; “apelo emotivo”; “ceticismo radical” e “causa-efeito” para traçar como o autor elabora suas narrativas, formulando argumentos que garantem autoridade aos seus livros. A partir da concepção de “paranoid style” proposto por Richard Hofstadter, do “Manual das Teorias da Conspiração” de Stephan Lewandowsky e John Cook e o livro “Conspiracy Theories: A Critical Introduction” de Jovan Byford, concluímos que a mistura dos gêneros literários com as teorias da conspiração dá origem a um diferente estilo literário presente nas obras do autor. Botacini foi uma figura importante em sua cidade, tendo se candidatado ao papado, aposentado uma mula e hoje o plenário da Câmara Municipal do município leva seu nome em homenagem ao escritor. Assim sendo, os conceitos de “Autoridade” e “Imaginário” são centrais a esta pesquisa. Para tanto, buscamos demonstrar como as obras do autor são construídas, no contexto da Guerra Fria, em que o assunto do destino de criminosos de guerra volta tona. A partir dos gêneros literários, dos marcadores e características típicas das teorias da conspiração, demonstramos que Botacini se insere em um gênero textual próprio que chamamos de “Ficção Histórica Especulativa”. Nesse gênero, a literatura especulativa se mistura as teorias da conspiração, misturando o real e o imaginado na produção da narrativa. Dessa forma, Botacini realiza denúncias a países que supostamente acobertaram nazistas, demonstrando que o autor nutria desconfiança em relação ao Estado.

Palavras-chave: nazismo, teorias da conspiração, literatura especulativa, autoridade e imaginário

ABSTRACT

At the end of World War II, much speculation arose regarding the whereabouts of prominent Nazi Party leaders. While several war criminals were tried in the years following the conflict, some remained fugitives from justice. The capture of Adolf Eichmann in Argentina and the Frankfurt Trials in the 1960s fostered a literary production marked by elements of Alternate History, Counterfactual History, Historical Novel, and Science Fiction, seeking to explain the disappearance of these individuals. Roberto Botacini, from Ribeirão Pires (São Paulo, Brazil), authored several books exploring the alleged fate of these criminals, employing traits typically found in speculative literature. His works include *Onde estará Hitler?* and *Nazistas na América* (1964), *A fuga de Hitler* (1965), *Perón: a volta do nazismo* (1973), and *O nazismo sobrevive ao Terceiro Reich* (1977). Throughout his narratives, Botacini combines elements from the four aforementioned genres while engaging with features of conspiracy theories. Drawing on literary genres, we identified markers—such as “appeal to authority,” “cover-up,” “emotional appeal,” “radical skepticism,” and “cause-effect”—to analyze how the author constructs his narratives and establishes credibility in his arguments. Based on Richard Hofstadter’s paranoid style, Stephan Lewandowsky and John Cook’s *Conspiracy Theory Handbook*, and Jovan Byford’s *Conspiracy Theories: A Critical Introduction*, we argue that the blending of literary genres with conspiracy theories produces a distinctive style in Botacini’s works. Botacini was a notable figure in his hometown, even running for the papacy, retiring a mule, and having the local City Council’s main chamber named in his honor. The concepts of “authority” and “imaginary” are therefore central to this study. We demonstrate that his works were produced in the context of the Cold War, when the fate of war criminals resurfaced in public debate. In merging speculative literature with conspiracy theories, Botacini develops what we define as “Speculative Historical Fiction,” a genre in which reality and imagination intertwine, allowing the author to denounce countries allegedly sheltering Nazis and to express his distrust of the State.

Keywords: nazism, conspiracy theories, speculative literature, authority and imaginary.

LISTA DE ABREVIATURAS

ODESSA	Organização de antigos membros da SS
SS	Schutzstaffel

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Investigadores soviéticos no local onde Hitler e Eva Braun se suicidaram	14
Imagem 2: Wernher von Braun na capa da Time Magazine.....	20
Imagem 3: Roberto Botacini	32
Imagem 4: Botacini enquanto jogador da Juventus.....	34
Imagem 5: Jamil Curl Nasser, escritor da história de “Inferno nas Salinas” (esquerda) e Roberto Botacini (centro)	37
Imagem 6: Botacini e a mula Menina.....	45
Imagem 7: Roberto Botacini	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Gêneros textuais e marcadores	57
Tabela 2: Ocorrência dos marcadores.....	71
Tabela 3: Ocorrência dos marcadores nos gêneros textuais	72
Tabela 4: Como foi o plano de fuga de Hitler de acordo com os livros de Roberto Botacini ..	94
Tabela 5: Argumentos que levam Roberto Botacini a acreditar que os nazistas estavam vindo para a América do Sul.....	96
Tabela 6: Como os nazistas conseguiram se estabelecer na América do Sul segundo Roberto Botacini.....	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
<u>CAPÍTULO 1—GUERRA FRIA E AS NARRATIVAS DA SOBREVIVÊNCIA DO NAZISMO.</u>	8
2.1—O fim do Reich e a morte de Hitler	10
2.2—Criminosos e colaboracionistas que fugiram da justiça	15
2.3—Guerra Fria e a disseminação de teorias da conspiração	22
2.4—Vida e produção literária de Roberto Botacini	31
<u>CAPÍTULO 2—ROBERTO BOTACINI E GÊNEROS DISCURSIVOS.</u>	49
1.1—História, narrativa e discurso.....	50
1.2—Os gêneros narrativos.....	51
1.3—Os marcadores.....	56
1.4—Apelo à autoridade	57
1.5—Acobertamento	61
1.6—Apelo emotivo.....	63
1.7—Ceticismo radical.....	66
1.8—Causa-Efeito	69
1.9—Incidência dos marcadores nos gêneros textuais.....	70
<u>CAPÍTULO 3—BOTACINI E A QUESTÃO DA AUTORIDADE.</u>	74
3.1—Conceito de Autoridade	74
3.2—Autoridade e Imaginário.....	79
3.3—Botacini e outras produções	83
3.3.1—Nazismo em Argentina, de Silvano Santander	83
3.3.2—Técnica de uma traición, de Silvano Santander	84
3.3.3—O IV Reich, de Juracy Costa	85
3.3.4—O renascimento da suástica no Brasil, de Erich Erdstein	86
3.3.5—El escape de Hitler, de Patrick Burnside	87
3.3.6—Bariloche Nazi, de Abel Basti	88
3.3.7—Mengele: el angel de la muerte en sudamerica, de Jorge Camarasa.....	89
3.3.8—Grey Wolf: The escape of Hitler, de Simon Dunstan e Gerrard Williams.....	90
3.3.9—Las fotos de Hitler Después de Segunda Guerra, de Abel Basti	91
3.4—Autoridade e o Imaginário da sobrevivência do nazismo nas obras de Botacini	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107

INTRODUÇÃO

A temática do nazismo sempre me interessou. Desde mais novo, sentado à frente da televisão, fui exposto a uma miríade de programas e filmes dedicados a traçar a ascensão do Terceiro *Reich*, os eventos mais importantes da Segunda Guerra, o fim do partido nazista e “estórias” especulares nas quais o nazismo aparece como pano de fundo. Na graduação, comecei a consumir algumas dessas obras com o olhar mais crítico. Desde filmes aclamados pela mídia, como a Lista de Schindler (1993), a Vida é Bela (1997) e O Pianista (2002), até obras que usam a imagem do nazismo como cenário principal, como Bastardos Inglórios (2009), O Homem do Castelo Alto (2015), Operação Overlord (2018) e Jojo Rabbit (2019).

A quantidade de produções midiáticas sobre o nazismo é enorme, o que me levou a questionar os motivos que levaram a popularidade dessa temática. Algumas explicações são mais imediatas, como a proximidade temporal do nazismo com o nosso próprio tempo e a curiosa figura de Adolf Hitler, que além de algumas anedotas históricas, é um mistério para o grande público. Durante a escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso em História, me deparei com um campo pouco explorado e com grande potencial: o estudo dos usos do nazismo na grande mídia, suas representações e teorias envolvendo o partido e seus generais. Assim, tive contato com obras como Os Meninos do Brasil (1978), O Dossiê Odessa (1974) e *Hunters* (2020) durante meus estudos sobre a temática.

A figura de Roberto Botacini surge para mim ainda durante a escrita do TCC. A partir da leitura do livro “O Homem dos Pedalinhos: Herberts Cukurs - a história de um alegado nazista no Brasil do pós-guerra”, do historiador e orientador dessa dissertação, Bruno Leal Pastor de Carvalho e a Tese de Doutorado, “O *Reich* de mil anos: o imaginário conspiratório da sobrevivência nazista após a Segunda Guerra Mundial”, do historiador Marcos Meinerz, tive os primeiros contatos com Botacini, e percebi que sua conturbada imagem e seus livros sobre o nazismo seriam um ótimo ponto de partida para entender os usos e teorias do nazismo no contexto brasileiro.

Embora vários trabalhos tenham sido escritos sobre o período hitlerista, criminosos de guerra e colaboracionistas, a historiografia do destino desses criminosos e do imaginário latente a partir de diversas teorias, ainda é incipiente. No Brasil, os principais expoentes são Bruno Leal, que na sua tese de doutorado, transformada em livro, “O Homem dos Pedalinhos”², analisa

² CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. **O Homem dos Pedalinhos: Herberts Cukurs - a História de Um Alegado Nazista no Brasil do Pós-Guerra**. Rio de Janeiro: FGV, 2021.

o caso do criminoso de guerra Hebert Cukurs no Brasil; Marcos Meinerz, também em sua tese transformada em livro. “O Reich de Mil anos”³, examina como o imaginário da sobrevivência do nazismo no pós-Segunda Guerra Mundial foi moldado e transformado a partir de diversas obras que utilizam da imagem do partido em suas produções; A tese de doutorado de Felipe Abal, “O oscilar da balança: o processo de decisório na extradição de fugitivos nazistas em uma análise histórico-jurídica”⁴, que analisa os pedidos de extradição de Gustav Wagner e Erich Priebke.

Fora do Brasil, algumas publicações relevantes que podem ser destacadas são: “The Hitler Conspiracies”⁵, de Richard Evans, examina diversas teorias acerca do Terceiro Reich durante e após o conflito; “Hunting Evil: How the Nazi War Criminals Escaped and The Hunt to Bring Them to Justice”⁶, de Guy Walters, investiga a fuga de alguns criminosos nazistas e o processo de levá-los a justiça; os livros “The World Hitler Never Made: Alternate History and the Memory of Nazism”⁷, “Hi Hitler!: How the Nazi Past Is Being Normalized in Contemporary Culture”⁸ e “The Fourth Reich: the specter of Nazism from World War II to the present”⁹, de Gavriel Rosenfeld, que analisam a figura de Hitler e do nazismo na cultura de massa e como essa imagem está sendo transformada pela cultura contemporânea.

Diferente dos trabalhadores citados, esta pesquisa pretende analisar a fuga de nazistas, criminosos de guerra e colaboracionistas a partir da ótica da literatura especulativa. Assim, buscamos analisar os cinco livros de Roberto Botacini a partir da escolha de alguns gêneros literários e de características fundamentais das teorias da conspiração, demonstrando como as obras do autor são construídas.

Para tanto, pensamos nos conceitos de narrativa e discurso apontadas por Hayden White e Roland Barthes, como formas de expressão humana, do “estilo paranoico”, proposto por

³ MEINERZ, Marcos Eduardo. **O Reich de mil anos: o imaginário conspiratório da sobrevivência nazista após a Segunda Guerra Mundial**. 2018. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/56014>

⁴ CITTOLIN ABAL, Felipe. **O oscilar da balança: o processo decisório na extradição de fugitivos nazistas em uma análise histórico-jurídica**. 2016. Tese (Doutorado) - Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, 2016.

⁵ EVANS, Richard. **The Hitler Conspiracies**. New York: Oxford University Press, 2020.

⁶ WALTERS, Guy. **Hunting Evil: How the Nazi War Criminals Escaped and The Hunt to Bring Them to Justice**. London: Bratam Press, 2009.

⁷ ROSENFELD, Gavriel. **The World Hitler Never Made: Alternate History and the Memory of Nazism**. New York: Cambridge University Press, 2005.

⁸ ROSENFELD, Gavriel. **Hi Hitler!: How the Nazi Past Is Being Normalized in Contemporary Culture**. New York: Cambridge University Press, 2014.

⁹ ROSENFELD, Gavriel. **The Fourth Reich: the specter of Nazism from World War II to the present**. New York: Cambridge University Press, 2019.

Richard Hofstadter, como forma de entender a mentalidade conspiratória, a noção de autoridade epistêmica delimitada por Richard de George, que rege a relação de autoridade entre indivíduos em uma sociedade, e a relação das obras com o imaginário social a partir da perspectiva de Bronislaw Baczko, em que o imaginário é essencial a consciência coletiva.

Os livros do autor foram analisados, primeiramente, em formato físico, e, posteriormente, digitalizados. Para pensarmos os argumentos de Botacini, elaboramos uma planilha onde catalogamos os livros, delimitando: a estrutura textual, isto é, como as partes dos livros são divididos; os autores citados em cada livro; outras informações relevantes, como notas do autor, informações nas capas e prefácios dos livros e editora; em seguida, catalogamos os argumentos, onde demarcados os argumentos que aparecem em mais de um livro, argumentos que são axiais para a fundamentação dos livros, bem como os demais argumentos apresentados.

Os livros de Roberto Botacini exploram as teorias que surgiram sobre o paradeiro do nazismo e seus membros no pós-guerra. As teorias da sobrevivência do partido nazista e seus líderes se popularizaram nos anos finais do conflito e continuaram a se dispersar no pós-guerra. A ideia de que Hitler e seus asseclas, que pretendiam dominar o mundo, tenham sido derrotados após 12 anos no poder da Alemanha, era inconcebível. Na mesma toada, Hitler ter tirado a própria vida seria uma possibilidade inimaginável. Dessa forma, teorias que alegavam que Hitler teria fugido do *bunker* na noite de 29 ou 30 de abril junto a outros nazistas, de que ele e seus capangas estavam asilados em algum lugar do mundo, mais notadamente a América do Sul, preparando um triunfal retorno, chegaram ao senso comum. “E se Hitler não morreu no bunker?”, “E se os nazistas planejam refundar o Reich de mil anos na América do Sul?”, “Se Adolf Eichmann e Josef Mengele estiveram na América do Sul, o que impede Martin Bormann de ter vivido seus últimos anos no Novo Continente?”, “Poderiam outros nazistas terem vindo ao Brasil com a ajuda de uma organização secreta?”. Perguntas como essas pairavam no imaginário popular.

O ambiente do pós-guerra era rodeado de dúvidas. As produções midiáticas das mais variadas formas circulavam e alimentavam o imaginário de que o nazismo poderia ter sobrevivido.¹⁰

Para Marcos Meinerz, essas obras estão

¹⁰ MEINERZ, Marcos Eduardo. **Imaginário da formação do IV Reich: América Latina após a Segunda Guerra Mundial**. Curitiba: SAMP, 2017. p. 57.

em um período no qual a imprensa mundial, a cultura de massa e até mesmo alguns círculos historiográficos pensavam que o Brasil havia acobertado ou era conivente com os criminosos de guerra que estavam no país.¹¹

A ideia de que Hitler teria se suicidado era simplesmente inaceitável para um grande grupo de pessoas. Como pode um homem tão astucioso como Hitler simplesmente acabar com a própria vida? A presença de figuras notórias do *Reich* na Argentina, como Adolf Eichmann, o arquiteto da Solução Final, e no Brasil, Franz Stangl e Josef Mengele, comandante de Treblinka e o Anjo da Morte, respectivamente, levanta a ideia de que outros nazistas poderiam ter se escondido na América do Sul. Dentro desse imaginário, a possibilidade de Hitler e Eva Braun estarem vivos também sobreviveu.¹²

Essa pesquisa discute cinco obras publicados por Roberto Botacini entre 1964 e 1977: “Onde estará Hitler?” (1964); “Nazistas na América” (1964); “A fuga de Hitler” (1965); “Perón, a volta do nazismo” (1973) e “O nazismo sobrevive ao Terceiro Reich” (1977). Nos livros, o autor discute a suposta sobrevivência de Hitler e outros criminosos de guerra, contestando a “história oficial”, apontando supostas lacunas nos relatos do suicídio do *Führer* e de sua esposa, e tentando demonstrar como ele poderia ter fugido pela Espanha em direção a América do Sul. Nas obras, Botacini defende a existência da “ODESSA”, acrônimo para “Organização de antigos membros da SS”, e outras organizações de resgate de nazistas. Para Meinerz, esse movimento se dá porque

Talvez mais do que qualquer outro na história, o futuro de Hitler depois da Segunda Guerra Mundial causou grande curiosidade e controvérsia. A sua suposta sobrevivência ao conflito é uma ideia presente no imaginário do mundo ocidental há mais de setenta anos. Durante todo esse período, os meios de comunicação produzem e reproduzem, em grandes quantidades, teorias conspiratórias sobre um dublê ter morrido no seu lugar, enquanto empreendia fuga para Argentina, ou Antártida, onde promoveria o futuro renascimento do nazismo.¹³

Botacini nasceu em 17 de novembro de 1935, em Ribeirão Pires, em São Paulo e cultivava a ideia de que a América do Sul foi um paraíso nazista para os criminosos após o término do conflito. Nessa perspectiva a América Latina ganhou “no senso comum, a pecha nada louvável de terem sistemática e indiscriminadamente acobertado criminosos nazistas no decorrer

¹¹ MEINERZ, Marcos Eduardo. **O Reich de mil anos: o imaginário conspiratório da sobrevivência nazista após a Segunda Guerra Mundial**. 2018. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2018. p. 158. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/56014>.

¹² EVANS, Richard. **The Hitler Conspiracies**. New York: Oxford University Press, 2020. p. 172-173.

¹³ MEINERZ, 2018, op., cit. p. 121.

do pós-guerra”¹⁴, recaindo sobre países como a Argentina e o Brasil a acusação de terem abrigado esses criminosos e de restabelecer células nazistas no continente.

Além dos livros, Botacini protagonizou episódios curiosos no ABC Paulista, como a denúncia pela bitributação ilegal de tijolos em Ribeirão Pires, a aposentadoria de uma mula em Ribeirão Pires, na qual, mediante documentação, descobriu que ela já havia prestado 30 anos de serviços à cidade, uma candidatura a Papa, ao descobrir que possuía os requerimentos necessários, e o pedido de cassação do Papa em sua visita ao Brasil. As polêmicas envolvendo o autor, que podem aparentar ser somente episódios curiosos, revelam que Botacini tinha críticas ao Estado. Desde seus livros, até a aposentadoria da Mula ou as críticas ao Papa, o autor buscava a partir de brechas legais e de formas inusitadas demonstrar sua desconfiança do governo.

O objetivo dessa pesquisa é entender como as obras de Roberto Botacini foram produzidas, reconhecendo os artifícios empregados pelo autor para garantir a credibilidade de suas obras. Além disso, buscamos compreender como a autoridade de Botacini é construída, a partir de aspectos da sua vida política e do uso do imaginário latente da sobrevivência do nazismo durante a Guerra Fria em suas obras ao expressar sua desconfiança em relação ao Estado.

No capítulo 1, discutimos a relação de Roberto Botacini com os gêneros textuais “História Alternativa”; “História Contrafactual”; “Romance Histórico” e “Ficção Científica”. Buscamos estabelecer as relações entre os cinco livros do autor e características, ou marcadores, que podem aparecer nesses gêneros, são eles: “apelo à autoridade”; “acobertamento”; “apelo emotivo”; “ceticismo radical”; e “causa-efeito”. A partir dos gêneros textuais e dos marcadores, conseguimos delimitar uma melhor definição das obras do autor. Os livros apresentam características comuns as teorias da conspiração, mas, ao mesmo tempo, se aproximam da literatura especulativa, tornando as obras mais atrativas ao leitor e a leitura mais acessível.

A mistura de teorias da conspiração, com os gêneros textuais mencionados dão origem ao gênero que chamamos de “Ficção Histórica Especulativa”, um modelo literário que não se reconhece como ficção ou romance, mas a escrita se confunde com esses gêneros. Simultaneamente, as obras apresentam traços comuns a escrita da historiografia, misturando o real com o imaginado, colocando as obras em uma zona nebulosa.

No capítulo 2, contextualizamos alguns acontecimentos importantes do período. Primeiramente, foi apresentado os últimos momentos de Hitler e o fim do *Reich*, com a rendição

¹⁴ CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. **O Homem dos Pedalinhos: Herberts Cukurs - a História de Um Alegado Nazista no Brasil do Pós-Guerra**. Rio de Janeiro: FGV, 2021a. p. 67-71.

aos Aliados. Em seguida, apresentamos alguns criminosos de guerra e colaboracionistas que fugiram da justiça, se evadindo para outras localizações. Esses indivíduos serviram de evidência para teorias que alegavam a existência de organizações secretas, que reuniam praticamente todos os remanescentes do partido, de que o partido estava se reerguendo em algum lugar do mundo. Debatemos, em seguida, como o período conhecido como “Guerra Fria” foi uma época de tensão e medo, propiciando o surgimento de teorias que alimentavam o imaginário das pessoas. Por fim, realizamos um breve trabalho biográfico, apresentando alguns dos mais noticiados fenômenos da vida do autor, responsáveis por sua notoriedade.

No último capítulo, discutimos o conceito de “Autoridade” e como se constrói ela é construída. Concluimos que a autoridade Botacini pode ser reconhecido enquanto “autoridade epistêmica” na temática do nazismo. Em seguida, estabelecemos uma relação entre “Autoridade” e “Imaginário”, demonstrando como o imaginário pode ser utilizado como mecanismo para se garantir autoridade em algum aspecto da vida. Apresentamos algumas outras obras produzidas antes e depois dos livros de Botacini, de modo a demonstrar que ele não estava sozinho nessa empreitada, e se inseria em uma linha de pensamento consolidada, isto é, a da sobrevivência do nazismo e que boa parte de seus argumentos não eram inéditos. Finalmente, apresentamos como a autoridade e o imaginário da sobrevivência no nazismo se manifestam nas obras do autor, e como as obras sugerem que se trata também de mais uma forma encontrada por Botacini para expressar sua desconfiança no Estado.

CAPÍTULO 1

GUERRA FRIA E AS NARRATIVAS DA SOBREVIVÊNCIA DO NAZISMO

A Guerra Fria, período em que o mundo viveu os horrores da possibilidade de uma guerra nuclear, foi um momento áureo na produção de narrativas fantásticas. Histórias que exploravam temas que estimulam a imaginação, como viagem no tempo ou contatos com alienígenas, estavam na palavra do dia. Filmes, séries, livros e quadrinhos foram produzidos aos montes.¹⁵

Junto a isso, do final dos anos de 1940 até o final da década seguinte, os julgamentos de criminosos nazistas e colaboracionistas andavam a passos curtos. Existia um medo latente nas potências ocidentais e na Alemanha Ocidental de que empreender esses julgamentos alimentaria as acusações do lado oriental de que a República Federal estava repleta de nazistas.¹⁶

Durante a Guerra Fria, principalmente nos Estados Unidos, a incansável luta contra o “perigo vermelho” colocou em segundo plano qualquer outro tipo de conflito que precisava ser resolvido. Não só a caça aos nazistas se tornou um tema menos urgente, como os americanos perceberam que os próprios nazistas poderiam ser úteis nessa empreitada.¹⁷

Outro motivo que colaborou com o ocultamento de criminosos de guerra durante a Guerra Fria foram as narrativas que surgiam na cultura de massa. O cinema americano produziu diversas obras que exploravam a imagem do nazismo e, principalmente, Adolf Hitler. O líder do partido era representado enquanto um ser repleto de mistério, junto aos seus principais aliados. No imaginário ocidental, a pequena cúpula que controlava o partido foi a única responsável pelos horrores da guerra, recaindo sobre ela toda a culpa pela destruição. Assim, o restante da sociedade alemã, os remanescentes do regime e os países que aproveitaram a mão-de-obra nazista eram, mesmo que indiretamente, inocentados pelos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial.¹⁸

Em meio a esse incêndio de produções midiáticas, o tema do nazismo foi utilizado como combustível. Segundo Bruno Leal, “organizações nazistas secretas devem ser compreendidas

¹⁵ CARVALHO, 2021a, op., cit. p. 63.

¹⁶ EVANS, Richard. **O Terceiro Reich em guerra**. São Paulo: Planeta, 2012. n.p.

¹⁷ GUTERMAN, Marcos. **Nazistas entre nós**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 13.

¹⁸ Ibid. p. 14-15.

também como subproduto desse contexto histórico”. Da mesma forma que se produzia materiais sobre discos voadores, Leal afirma que as organizações nazistas secretas, tal qual a ODESSA, nunca comprovada, apareciam como explicações para o desaparecimento de figuras nazistas, elaboradas a partir de enunciados reducionistas e enxutos.¹⁹

As narrativas que surgiram na Guerra Fria sobre o nazismo chegaram até mesmo a tentar explicar o fenômeno do Terceiro *Reich* a partir da figura de um *Führer* sobre-humano. Nessas narrativas, a figura política de Hitler não era mais importante. Elas buscavam em sua vida pessoal, a partir da infância do ditador, explicações para os acontecimentos da guerra. Hitler surge como uma figura demoníaca, sendo explicado a partir do sobrenatural ou pelo completo oposto disso, isto é, como um indivíduo ordinário. Algumas produções buscaram humanizar o *Führer*, aproveitando o interesse crescente na figura do líder do partido para estetizá-lo em prol do entretenimento. O livro, posteriormente adaptado aos cinemas, “The Boys From Brazil”, de Ira Levin, publicado em 1976, narra os planos do médico Josef Mengele de clonar Hitler por várias partes do mundo, ou então o filme *Flesh Feast*, do diretor Brad Grinter, publicado em 1970, que narra Hitler passando por procedimentos cirúrgicos para mudar sua aparência que consistem em larvas comerem seu rosto.

Nessa conjectura, muitas dessas obras deixam seus crimes de lado e se preocupam somente em nutrir o anseio de um público sedento por conhecedor mais sobre a figura de Hitler.²⁰ Leal afirma que, nesse sentido, a máquina de propaganda do partido, movida por Joseph Goebbels, cria uma noção de que o “*Reich* de mil anos” é real, mesmo que sobreviva somente no imaginário das pessoas.²¹

Essas narrativas sobre os criminosos de guerra também exploravam e muniam o imaginário que existia na época. A América do Sul teria sido um paraíso para esses criminosos. Leal pontua que, principalmente os países da América Latina, teriam ficado com a “pecha nada louvável de terem sistemática e indiscriminadamente acobertado criminosos nazistas no decorrer do pós-guerra”. Nesse cenário, tinha-se a ideia de que existiam mais criminosos nazistas e colaboracionistas escondidos na América do Sul do que na Europa, mesmo sendo clara a omissão por parte das forças vitoriosas de levar a julgamento esses sujeitos no final da guerra.²²

¹⁹ CARVALHO, 2021a, op., cit.

²⁰ MEINERZ, op., cit. 2018. p. 145.

²¹ CARVALHO, 2021a, op., cit. p. 63.

²² Ibid. p. 35.

O fim da Guerra Fria permitirá novos estudos sobre o paradeiro dos criminosos e colaboracionistas. O jogo político que perdurou durante a Guerra Fria serviu de proteção para esses nazistas, visto que muitos conseguiam viver em segredo devido às tensões políticas existentes. Com a queda do muro de Berlim e a consequente dissolução da União Soviética, arquivos até então interditados foram abertos e novos documentos vieram à tona para que pesquisadores pudessem se debruçar sobre algumas incógnitas que ainda existiam sobre esses criminosos.²³

Nesse cenário, a existência de organizações como a ODESSA se tornou muito mais improvável. Segundo Gerald Steinacher, “modelos monocausais não explicam adequadamente as relações complicadas que facilitaram a fuga dos nazistas”. O historiador afirma que, após o fim da Guerra Fria, ficou mais claro a existência de redes de ajudas e suporte entre ex-membros da SS, porém elas eram pequenas e formadas por indivíduos que lutaram lado a lado na guerra.²⁴

Por fim, enquanto pesquisas sérias, realizadas por profissionais, aparecem em volumes pequenos, as narrativas repletas de especulações inundam o mercado editorial e do entretenimento e influenciam como o senso comum percebe o caso dos criminosos nazistas no pós-guerra. Carvalho pontua que o principal problema das narrativas especulativas é que elas são construídas a partir de um “princípio de verdade”, isto é, as explicações para fenômenos pouco esclarecidos eram feitas a partir de premissas totalizantes, como o caso da ODESSA.²⁵ Novas pesquisas que esclareçam os mitos da sobrevivência do nazismo e dos seus principais líderes devem surgir, clareando a percepção do imaginário das pessoas acerca desse curioso fenômeno.

2.1—O fim do Reich e a morte de Hitler

Os últimos suspiros do Terceiro Reich foram marcados por confusão e desespero no *führerbunker*, local onde Hitler passou seus últimos momentos de vida. Com o ataque a Berlim cada vez mais próximo, os principais aliados do *Führer* presentes no esconderijo o advertiram de que o mais sensato a ser feito seria fugir para Berchtesgaden, região ao sul da Alemanha, nos Alpes. Mesmo assim, Hitler argumentou que não poderia esperar que seus soldados defendessem a capital de seu império caso ele fugisse para um local seguro.²⁶ O historiador Ian Kershaw afirma que o *Führer*, mesmo nos momentos finais, continuava usando sua máscara de que sairia

²³ STEINACHER, Gerald. **Nazis on the run**. New York: Oxford University Press, 2011. p. xviii.

²⁴ Ibid.

²⁵ CARVALHO, 2021a, op., cit. p. 75.

²⁶ KERSHAW, Ian. **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. n.p.

vitorioso. Mesmo já estando claro que a Alemanha sairia derrotada, ele “jamais admitira a possibilidade de rendição, enquanto estivesse vivo, o enorme sofrimento e a destruição da guerra iriam continuar”.²⁷

Depois do aniversário de Hitler em 20 de abril, a maioria dos líderes do partido, exceto Joseph Goebbels, estavam ansiosos para fugir antes que estradas fossem completamente sitiadas. Kershaw argumenta que, embora os nazistas constantemente renovassem seus votos de confiança ao líder do partido, na realidade, estavam todos mais interessados em se safar da morte ou da captura.²⁸

Em 25 de abril, Berlim foi repartida em duas por conta do encontro de tropas americanas com soviéticas. O centro de Berlim cada vez mais sofria o peso da artilharia dos Aliados. Mesmo com a resistência alemã, que a essa altura não podia mais se comparar ao exército soviético, os russos chegavam cada vez mais perto da Chancelaria do Reich. Nesse momento, Hitler teria pela primeira vez declarado abertamente que a Alemanha havia perdido a guerra.²⁹

A situação de Hitler se tornava cada vez mais desesperadora conforme os russos conseguiam avançar as linhas de combates pelo centro de Berlim. Em 28 de abril, eles já se encontravam em regiões próximas ao *bunker*. A notícia de que Heinrich Himmler, último chefe da *Gestapo*, tentou negociar o fim do conflito com as potências ao oeste piorou o desânimo que existia no círculo mais próximo de Hitler. Conforme exposto pelo historiador Joachim Fest, Hitler “sempre havia considerado Göring corrupto, e Speer, que, segundo confidenciara a Artur Axmann, era a outra decepção dos últimos tempos, um artista imprevisível e ingênuo”, mas a traição de Himmler “significava o fim do mundo”.³⁰

Hermann Göring, um dos importantes líderes do partido, já havia traído Hitler anteriormente. Em 22 de abril, devido às atitudes confusas do *Führer*, Göring julgou que o decreto de 1941, que o nomeava chefe de Estado se Hitler estivesse inapto a comandar o partido, entrou em vigor. Hitler respondeu revogando o decreto e demandou que Göring se demitisse dos seus cargos alegando problemas de saúde.³¹

Com toda a tensão que rondava o abrigo subterrâneo nos últimos momentos do partido, Hitler teria tomado “uma decisão após a outra, sem hesitar”. Foi nessa conjectura que decidiu se casar às pressas com Eva Braun. Ordenou que um oficial de justiça que havia trabalhado com

²⁷ KERSHAW, Ian. **O fim do Terceiro Reich**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. n.p.

²⁸ Ibid.

²⁹ Ibid.

³⁰ FEST, Joachim. **No bunker de Hitler**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2010. n.p.

³¹ EVANS, 2021, op., cit.

Joseph Goebbels, ministro da propaganda, fosse buscado em um tanque para firmar o matrimônio, sendo Goebbels e Martin Bormann as testemunhas.³²

Fest expõe que o casamento de Hitler e Eva Braun tinha um significado mais profundo. O *Führer* havia dito em diversas ocasiões que, enquanto líder do partido, não existia a possibilidade de que ele estabelecesse um vínculo com outra pessoa. Conforme Fest, enquanto *Führer*, “não havia lugar para imagens de um lar com família”. O casamento representaria o fim de Hitler, visto que ele estava desistindo desse pré-requisito para ser líder do partido, estabelecido por ele mesmo.³³

Nesse cenário, Hitler também escreveu seu testamento. Tentou se eximir da culpa, acusando os líderes de outros Estados de serem judeus com interesses que teriam causado a guerra e reforçou seu desejo de continuar em Berlim. Após a morte de Benito Mussolini, Hitler temia que seu corpo caísse nas mãos das forças aliadas, “que precisava de um espetáculo novo, encenado pelos judeus, para divertir as massas instigadas”.³⁴

No seu testamento pessoal, afirma ainda que ele e sua esposa teriam escolhido “a morte para evitar a desonra da destituição ou da capitulação. É nosso desejo sermos cremados, imediatamente, no lugar onde passei a maior parte do meu dia a dia profissional, no decorrer destes 12 anos, a serviço de meu povo”.³⁵

O desejo de morte se estendeu até mesmo a Blondi, sua pastora alemã. Com medo de que a cadela caísse nas mãos dos soviéticos, o *Führer* pediu ao sargento Fritz Tornow, cuidador de Blondi, que desse à cadela ácido cianídrico e atirasse nos cinco filhotes. O ato teve um significado duplo: Hitler não queria que Blondi fosse parte do espetáculo que seria promovido pelos Aliados e queria testar a eficácia da capsula que seria usada pelos nazistas para fugir da justiça.³⁶

Do lado de fora do bunker, e por toda a Alemanha, as ordens que vinham do bunker já não possuíam mais efeito. As unidades do exército alemão organizavam suas próprias defesas, ignorando as diretrizes que vinham do esconderijo.³⁷

O medo de cair nas mãos dos soviéticos era tanta que Hitler declarou ao seu ajudante pessoal, Otto Günsche, que iria acabar com sua própria vida junto a sua esposa. Deu ordens ao

³² FEST, op., cit.

³³ Ibid.

³⁴ Após serem executados, os corpos de Benito Mussolini e Clara Petacci foram pendurados na praça Loreto, em Milão, para serem vilipendiados. Ver: Ibid.

³⁵ Ibid.

³⁶ Ibid.

³⁷ Ibid.

ajudante para que fosse cremado e “fez Günsche prometer que tomaria as providências necessárias para eliminar todos os vestígios de seus restos mortais”. A forma como Hitler declarou sua vontade soou tão peremptória que Günsche teria anotado em um papel. Günsche rapidamente contactou Erich Kempka, motorista de Hitler, para que reunisse a maior quantidade de gasolina que conseguisse, mesmo que fosse necessário extrair gasolina dos veículos que estavam na garagem.³⁸

No dia 30 de abril, o fim do *Führer* se aproximava. Junto de seus principais aliados, próximo à sala de conferências do *bunker*, Hitler e Eva Braun se despediram. O piloto Hans Baur tentou, por uma última vez, convencê-lo de fugir de Berlim. O piloto, que havia chegado ao bunker junto de Georg Betz, afirmou haver aviões preparados para viagens de até 11 mil quilômetros. Hitler negou novamente o desejo de seus principais generais, pedindo para que Baur garantisse que seu corpo e de Eva Braun fossem incinerados.³⁹

Na tarde de 30 de abril de 1945, Hitler e Eva Braun se suicidaram. Eva utilizou cianeto, ao passo que Hitler atirou contra a própria têmpora. A população alemã só foi ter conhecimento da morte do *Führer* em 1 de maio, em que Kershaw chamou de “uma última mentira da propaganda” de Goebbels, que apresentou o fim de Hitler heroicamente.⁴⁰ O motorista de Hitler, Erich Kempka, em suas memórias, relata que após a porta dos aposentos de Hitler ser aberta, Heinz Linge, mordomo do *Führer* gritou perguntando onde estava o combustível para cremar Hitler. Kempka teria visto então o corpo de Hitler sendo carregado “envolto em um cobertor escuro. Seu rosto estava coberto até a ponta do nariz. Abaixo dos cabelos grisalhos, a testa tinha a palidez cerosa da morte. O braço esquerdo estava pendurado para fora do cobertor até o cotovelo”.⁴¹

³⁸ Ibid.

³⁹ Ibid.

⁴⁰ KERSHAW, 2015, op., cit.

⁴¹ KEMPKA, Erich. **I was Hitler's chauffeur: The memoirs of Erich Kempka**. Inglaterra: Frontline books, 2010. n.p.

Imagem 1: Investigadores soviéticos no local onde Hitler e Eva Braun se suicidaram



Fonte: Google Imagens

Günsche teria anunciado aos líderes do partido a morte de Hitler enquanto Heinz Linge, mordomo de Hitler, enrolava os corpos em um cobertor. Linge e Peter Hogl, oficial da SS, carregaram o corpo de Hitler para a sala de conferências, enquanto Bormann levava o de Eva Braun.⁴²

Em meio à confusão que se instaurava na sala de conferências, Kempka aparece e questiona Günsche sobre o que estava acontecendo. Kempka havia levado consigo diversas latas de gasolina em meio a artilharia soviética. Günsche esclarece a ele que Hitler e sua mulher estavam mortos e os presentes seguem levando os corpos em direção ao jardim do bunker. Mesmo diante dos barulhos e impactos de artilharia que caíam próximos ao *bunker*, conseguiram descarregar 10 latões de gasolina sob os corpos e atear fogo.⁴³

Segundo Fest, mesmo que Günsche tivesse ordenado que os restos mortais de Hitler e Eva Braun fossem descartados por um soldado da SS, ninguém teria checado se a ordem foi cumprida.⁴⁴ O único vestígio encontrado de Hitler pelos investigadores soviéticos foram as próteses dentárias, que foram confirmadas pertencerem ao *Führer* pelo dentista que tratava os dentes dele desde 1938.⁴⁵

⁴² FEST, op., cit.

⁴³ Ibid.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ EVANS, 2012, op., cit.

Mesmo após a morte do líder do partido, a rendição demorou alguns dias para acontecer, sendo assinada em 7 de maio. O novo líder do partido, Karl Dönitz, comandante da marinha alemã, havia sido nomeado por Hitler em seu testamento. Dönitz se manteve fiel a Hitler enquanto o líder do partido estava vivo. Até o momento, Dönitz havia negado todos os boatos de rendição que haviam vindo à tona. Com a morte do *Führer*, ele se viu em condições de acabar com o conflito, que já estava perdido.⁴⁶

Dönitz atrasou propositalmente as negociações para que soldados e civis pudessem fugir das regiões dominadas pelos soviéticos para serem capturados pelas potências ocidentais, já que os Aliados vinham prometendo julgar os criminosos de guerra após o conflito.⁴⁷ A estratégia de Dönitz consistia em negociar uma rendição parcial com as potências ocidentais, enquanto a frente leste resistia as ofensivas soviéticas. A estratégia não funcionaria, visto que as potências ocidentais somente negociariam uma rendição completa.⁴⁸ Mesmo assim, o plano rendeu a rendição de cerca de 1,7 milhões de soldados alemães aos americanos e britânicos.⁴⁹ O fim do partido nazista estava decretado.

2.2—Criminosos e colaboracionistas que fugiram da justiça

Com o fim da guerra, muitos julgamentos foram levados pelos próprios populares. Na Hungria, cerca de 27 mil pessoas foram acusadas de crimes por cortes populares. Até 1948, as cortes populares da Hungria sentenciaram 322 pessoas a morte, das quais 146 chegaram a ser executadas.⁵⁰ Com a ocupação da Alemanha pelos aliados, foi instituído o Tribunal Militar Internacional, que ficou conhecido mundialmente como o Tribunal de Nuremberg. Ele inaugura uma onda de julgamentos no imediato pós-guerra, com julgamentos de figuras de menor ou maior importância e impacto no conflito. Os anos de 1960, 1970 e 1980 também foram palco de julgamentos, momento em que o nazismo volta a palavra do dia, principalmente após a captura de Adolf Eichmann em Buenos Aires.⁵¹ Decretos de morte foram assinados em Nuremberg,

⁴⁶ KERSHAW, 2015, op., cit.

⁴⁷ FEST, op., cit.

⁴⁸ KERSHAW, 2015, op., cit.

⁴⁹ EVANS, 2012, op., cit.

⁵⁰ KARSAI, László. The People's Courts and Revolutionary Justice in Hungary, 1945-46. In: DEÁK, I.; GROSS, J.; JUDT, T (orgs.). **The politics of Retribution in Europe: World War II and its Aftermath**. New Jersey: Princeton University Press, 2000. p. 233.

⁵¹ CARVALHO, 2021a, op., cit. p. 30.

como o de Martin Bormann, já que seu corpo estava desaparecido até então, Wilhelm Frick, Hermann Göring, Alfred Jodl, Rudolf Hess e Karl Dönitz, entre diversos outros.⁵²

Mesmo com o esforço dos países vitoriosos no conflito e a instauração de julgamentos, o número de criminosos e colaboracionistas que foram levados à justiça é baixo. Conforme exposto por Marcos Guterman, de cerca de 6500 pessoas que trabalharam em Auschwitz, somente 50 foram condenadas pelos seus crimes.⁵³

Alguns dos principais líderes do partido morreram logo após o fim do conflito, sem nunca ter pagado pelos seus crimes. Joseph Goebbels, ministro da Propaganda, e sua esposa, Magda Goebbels, se suicidaram com capsulas de cianeto no jardim da Chancelaria do Reich. Após ingerirem o veneno, um soldado da SS atirou nos corpos duas vezes, para garantir a morte dos dois. Os 6 filhos receberam uma injeção de morfina para dormirem, e em seguida o médico de Hitler, Ludwig Stumpfegger, envenenou as crianças com ácido cianídrico. Os corpos de Joseph e Magda foram cremados com a pouca gasolina que restou do combustível utilizado para cremar Hitler e Eva Braun, facilitando a identificação dos cadáveres pelos soviéticos. Os generais Wilhelm Burgdorf e Hans Krebs se suicidaram, Martin Bormann e o médico Stumpfegger tentaram fugir, mas as rotas estavam bloqueadas pelos soviéticos, e ambos acabaram se suicidando com a ingestão de veneno. Hermann Göring, que havia fugido para a Bavária, foi encontrado em 9 de maio. Os aliados negaram ao general a morte por fuzilamento, e ordenaram que ele fosse enforcado. Em 15 de outubro de 1945, Göring ingeriu uma capsula com veneno antes de ser enforcado. Heinrich Himmler também tentou escapar se disfarçando com um tapa-olho, mas foi preso ao passar por um posto de controle britânico. Quando sua identidade foi revelada em um campo de confinamento, Himmler foi revistado e os guardas tomaram sua “capsula suicida”. Durante um exame médico, requisitado pelos interrogadores, o médico pediu para ele abrir a boca. Nesse momento, o general que carregava uma capsula de vidro de cianureto mordeu rapidamente o veneno e morreu.⁵⁴

Muitos criminosos de guerra e colaboracionistas conseguiram fugir da justiça utilizando as rotas de fuga que existiam na Europa. Essas rotas eram conhecidas como “rotas de rato” e eram mantidas por diversas pessoas, e não por uma organização como a ODESSA, que se empenhavam principalmente em tirar os verdugos da Europa. Membros da Igreja Católica, principalmente na Espanha de Franco, foram um dos principais responsáveis pela manutenção dessas

⁵² EVANS, 2012, op., cit.

⁵³ GUTERMAN, op., cit. p. 28.

⁵⁴ EVANS, 2012, op., cit.

rotas. Alois Hudal, bispo austríaco que trabalhava em Roma, foi um dos principais contrabandista de nazistas no pós-guerra. Hudal⁵⁵ era um simpatizante do nazismo, e foi responsável por levar para longe da justiça diversos criminosos, como a fuga do comandante do campo de Treblinka, Franz Stangl.⁵⁶

Usando sua influência na igreja, Hudal ajudava essas pessoas sob a desculpa de estar realizando caridade. Ele emitia documentos em nome da igreja para conseguir passaportes de refugiados da Cruz Vermelha, o que possibilitava o ingresso em outros países com nomes falsos. As duas principais rotas de fuga passavam pela Suíça, mas principalmente pela chamada “Rota dos Conventos”, na qual a fuga se dava por Roma.⁵⁷ Importantes líderes do partido, como Josef Mengele, Klaus Barbie e Adolf Eichmann teriam fugido da Europa usando as rotas de fuga dos monastérios.⁵⁸

Embora existissem algumas opções de rotas para fugir da Europa, como pela Suíça e Espanha, a rota pela Itália foi a mais importante. Essa rota apresentava pouca burocracia em relação às outras. A rota era utilizada principalmente por refugiados que perderam tudo na guerra e não tinham para onde ir. Os criminosos de guerra e colaboracionistas se infiltravam em meio ao turbilhão de pessoas, o que tornava a checagem de documentos quase impossível. Steinacher afirma que “as autoridades italianas também tinham pouco interesse em manter os convidados indesejados no país e por isso tinham pouco interesse em encontrar problemas nos documentos deles [tradução nossa]”.⁵⁹

Se misturar aos refugiados e viver no anonimato era mais simples, caso o criminoso não tenha desempenhado um papel central no regime. Para os líderes do partido, com seus rostos estampados por todos os lugares, fugir era uma tarefa mais complexa. Segundo Leal, “sobravam documentos que os incriminavam”, tendo muitos deles utilizado documentos falsos e até mesmo passado por cirurgias estéticas, buscando se tornarem irreconhecíveis. Mesmo os que foram presos por não conseguirem aproveitar a desordem que existia na Europa, eventualmente escaparam das prisões. Os campos montados pelas forças Aliadas foram improvisados e não tinham a estrutura necessária, tornando a fuga uma tarefa menos complicada do que deveria ser, prosseguindo para as rotas de rato.⁶⁰

⁵⁵ GOÑI, Uki. **The Real Odessa**. New York: Granta Books, 2002.

⁵⁶ GUTERMAN, op., cit.

⁵⁷ MEINERZ, op., cit. p. 74-75.

⁵⁸ GUTERMAN, op., cit. p. 16.

⁵⁹ STEINACHER, op., cit. p. 1-2.

⁶⁰ CARVALHO, 2021a, op., cit. p. 31-33.

Ao chegar à Itália, muitos criminosos se encontravam com poucos recursos para se manter no país. Foi nessa conjectura que buscaram ajuda em instituições que poderiam confiar, como a Igreja Católica, a Cruz Vermelha e organizações internacionais de ajuda a refugiados. Essas instituições ajudavam esses indivíduos sem checar a fundo quem eles eram.⁶¹

A principal região onde os nazistas se direcionavam para fugir da justiça foi o Tirol do Sul, na Itália. De lá, os criminosos iam para Génova e então escapavam para as Américas, mais notadamente para a Argentina. A popularidade da região entre os criminosos se deu porque a região de Bolzano ou Tirol do Sul fazia fronteira com a Áustria, e a maioria da população da região falava alemão. Steinacher afirma era possível permanecer na região por anos enquanto não se conseguia dinheiro para fugir do continente e conseguir documentação falsa, permanecendo oculto.⁶² Mesmo que não em Tirol do Sul, muitos teriam optado por continuar no continente europeu, em cidades mais afastadas, portando identidades falsas até que fosse possível deixar o continente em segurança.⁶³

A Cruz Vermelha podia emitir passaportes, embora não fosse competência do órgão. Os passaportes eram emitidos em casos de emergência, como em guerras. Os documentos emitidos pela Cruz Vermelha tinham validade para uma viagem, mas muitos países reconheciam os documentos como oficiais, e não checavam as identidades das pessoas que os portavam. Junto a isso, muitas pessoas, que eram realmente refugiados, possuíam documentos da Cruz Vermelha, tornando uma tarefa fácil para os criminosos de guerra se misturarem em meio a essas pessoas.⁶⁴

O Bispo Hudal foi responsável pela emissão de muitos desses documentos. Em 31 de agosto de 1948, Hudal entrou em contato com Perón pedindo a emissão de 5 mil vistos. Ele teria explicado às autoridades argentinas que esses vistos seriam para soldados austríacos e alemães que lutaram contra os bolcheviques, e, portanto, seriam heróis.⁶⁵ Outro importante figura das rotas de fuga dos nazistas foi o padre Krunoslav Draganović. O fascista croata trabalhava para o serviço de inteligência dos Estados Unidos e levava para o país nazistas que interessavam aos americanos antes que eles fossem capturados e julgados.⁶⁶

Muitos nazistas foram trazidos para a Argentina sob o governo de Juan Domingos Perón na tentativa de transformar o país em uma potência industrial no continente, aproveitando o

⁶¹ STEINACHER, op., cit. p. 3.

⁶² Ibid. p. 32-33.

⁶³ CARVALHO, 2021a, op., cit. p. 34.

⁶⁴ STEINACHER, 2011. p. 55-56.

⁶⁵ Ibid. p. 122-123.

⁶⁶ GUTERMAN, op., cit. p. 16-17.

conhecimento técnico e científico no exército argentino. Mesmo assim, a CEANA (Comisión para el Esclarecimiento de las Actividades del Nazismo en Argentina), comissão criada em 1997 na Argentina para esclarecer a atividade de criminosos de guerra no país, concluiu que não houve uma agenda de resgate desses criminosos. A elaboração de teorias que fomentam o engajamento de Perón em trazer sistematicamente esses criminosos seriam conspirações, segundo a CEANA.⁶⁷

Cientistas alemães entraram no país com a função de modernizar a Argentina. O engenheiro Waldermar Tank, por exemplo, chegou a Argentina em 1950 para dar continuidade a indústria aeronáutica do país. O especialista em aviões é prova de que os países da América do Sul atraíram mão de obra qualificada nazista, que buscava um local para dar continuidade às suas pesquisas. Tank chegou a Argentina após outro projetista que trabalhava para Perón, Emil Dewointine, acusado de cooperar com a ocupação nazista na França, ser condenado por tribunais europeus.⁶⁸

Um artigo publicado em 2000, por Carlota Jackisch e Daniel Mastromauro, feito a partir de documentos do Ministério do Interior Argentino, que continha documentos da Polícia Federal e da Direção Geral de Migrações do país, identificou 180 indivíduos que pertenciam ao partido nazista.⁶⁹

Klaus Barbie, condenado por diversos crimes de guerra, conhecido como o “carneiro de Lyon”, trabalhou para os Estados Unidos até 1950 antes de ir para a Bolívia. Foi extraditado, julgado e condenado na França em 1982. O ex-comandante do gueto de Riga, Eduard Roshmann, vilão no livro de Forsyth, chegou à Argentina em 2 de outubro de 1948 usando o nome Federico Wegener. Roshmann morreu no Paraguai em 1977. Gustav Wagner, a “Besta de Sobibor”, foi para o Brasil após a guerra, suicidando-se após ser descoberto por Simon Wiesenthal. Franz Stangl, um dos responsáveis pelo campo de Treblinka, fugiu para a Roma em 1947 após ser capturado pelos aliados no final da guerra, chegando ao Brasil em 1951. Foi extraditado para a Alemanha em 1968. Walter Rauff, responsável pela criação dos “caminhões da morte” foi preso ainda em 1945, mas escapou da prisão. Passou pelo Equador, Argentina e Chile, morrendo em 1984 na sua residência. Josef Mengele, conhecido como o “Anjo da Morte”, responsável por terríveis experiências no campo de Auschwitz, desembarcou em Buenos Aires em

⁶⁷ MEINERZ, 2018, op., cit. p. 67.

⁶⁸ Ver: <https://www.cafehistoria.com.br/engenheiro-nazi-argentina/>

⁶⁹ JACKISH, Carlota.; MASTROMAURO, Daniel. Identificación de criminales de guerra llegados a la Argentina según fuentes locales. Ciclos, v. X, n. 19, p. 217–235, 2000.

1949. Após a captura de Eichmann, passou a viver mais furtivamente, chegando ao Brasil. Em 1979 foi encontrado morto no litoral paulista, vítima de um ataque cardíaco.⁷⁰ Um dos principais responsáveis pela morte dos judeus durante a guerra, Adolf Eichmann, reconhecido com o “arquiteto do holocausto”, foi capturado pela Mossad, serviço secreto israelense, em 11 de abril de 1960, em Buenos Aires. Eichmann foi julgado em Israel em um longo processo, culminando em sua morte em 1962, sendo responsabilizado pela "Solução Final da questão judaica".⁷¹

Muitos criminosos de guerra, também com interesses técnicos e científicos, também foram levados para os Estados Unidos. Eles foram utilizados na inteligência americana e na polícia federal, usando suas *expertises* para caçar comunistas. O apoio à caça aos comunistas empregadas pelos americanos vinha inclusive da própria Alemanha Ocidental. Os soviéticos eram uma ameaça constante ao país, sendo desejável branda tolerância aos nazistas se isso significasse o enfraquecimento da União Soviética.⁷²

Imagem 2: Wernher von Braun na capa da Time Magazine



Fonte: Google Imagens

Provavelmente um dos mais importantes nazistas que entraram nos Estados Unidos foi Wernher von Braun. O engenheiro alemão trabalhou durante a guerra para Hitler fabricando

⁷⁰ MEINERZ, 2018, op., cit. p. 68-71.

⁷¹ Ibid., p. 66.

⁷² Ibid., p. 18-20.

foguetes, muitos fabricados com mão de obra escrava, utilizados em bombardeiros as forças aliadas. Logo após o final do conflito, ele e outros importantes nomes da ciência alemã tiveram seus registros apagados e foram levados aos Estados Unidos. Von Braun foi um dos nomes mais importantes do programa espacial americano e da fabricação de ogivas nucleares. Seu rosto chegou a ser capa da revista *Time*.⁷³

A chegada de membros do partido nazista, tanto ex-combatentes como técnicos e cientistas, nas Américas e em outras partes do mundo, levantou o alerta de diversas pessoas. A partir dos momentos finais do conflito, estendendo até a Guerra Fria, o imaginário de que esses indivíduos escapavam da justiça por intermédio de um grupo, responsável por manter em segurança e tirar das mãos da justiça esses criminosos de guerra, começou a se assentar. Assim, começaram a nascer no imaginário popular organizações como a “ODESSA”, “A Aranha” ou “Die Spinne” e “Kameradenwerk”, todas responsáveis pelo resgate de nazistas.

O livro de Simon Wiesenthal, *The Murderers Among us: The Simon Wiesenthal memoirs*, publicado originalmente em 1967, transforma o fenômeno da ODESSA em fato consumado. Segundo Wiesenthal, a sigla “ODESSA” se refere à Organização de Antigos Membros da SS. Essa organização estaria empenhada desde antes do fim da guerra a resgatar criminosos de guerra e tirá-los das garras da justiça. A organização estaria atuando em todo o planeta Terra e era responsável por proteger os antigos membros da SS.⁷⁴

Wiesenthal trouxe ao debate em seus livros a ODESSA diversas vezes. Ele teria descoberto a organização nos anos de 1950, a partir de conversa com um indivíduo chamado “Hans”, um alemão que supostamente teria trabalhado na inteligência do país. A ODESSA foi utilizada por Wiesenthal para explicar todas as fugas de nazistas que ele caçava. Steinacher explica que Wiesenthal viu na ODESSA uma solução para o “fenômeno complicado e obscuro de um êxodo nazista [tradução nossa]”, mantendo a ansiedade pública sobre o assunto viva.⁷⁵

Segundo o historiador Guy Walters, o caçador de nazistas, Simon Wiesenthal tinha sua “reputação construída na areia”. Ao longo de sua vida, ele teria mentido sobre a caça de Eichmann e outros nazistas, bem como sua experiência na guerra e sua carreira acadêmica.⁷⁶

O mito da ODESSA se tornou ainda mais relevante quando Frederick Forsyth publica sua trama “O Dossiê Odessa”, rapidamente adaptada às telas. Nele, o grupo teria grandes

⁷³ Ibid. p. 22-23.

⁷⁴ CARVALHO, 2021a, op., cit. p. 62.

⁷⁵ STEINACHER, op., cit. p. xvii.

⁷⁶ WALTERS, Guy. **Hunting Evil: How the Nazi War Criminals Escaped and The Hunt to Bring Them to Justice**. London: Bratam Press, 2009. p. 77-78.

riquezas a seu dispor, zelando carinhosamente pelos seus membros. Além disso, esses ex-membros da SS foram inseridos em cargos de poder político, garantindo influência ao grupo. O grupo estaria trabalhando em escala global. No livro, o autor apresenta cinco objetivos da ODESSA, que, mesmo usados em prol da ficção, são repetidas por Botacini.⁷⁷

Os objetivos são: a infiltração dos nazistas na nova República Federal da Alemanha, como cargos na polícia, advocacia, governo e hospitais; o segundo foi a infiltração na base da organização política da Alemanha, como nos distritos ou nas seções eleitorais. Segundo Forsyth, essas duas tarefas tinham como objetivo parar ou retardar as investigações contra os nazistas; o terceiro objetivo era a infiltração nos negócios, no comércio e na indústria. Com os lucros dessas empresas, seria possível influenciar jornais e assistir financeiramente aos *Kameraden*; a quarta tarefa consistia em contratar o melhor advogado possível quando algum nazista era levado à justiça e em seguida anunciar que não poderia pagá-lo. O advogado poderia, então, ser nomeado pelo próprio tribunal para defender o acusado; por fim, a quinta tarefa é a propaganda. A ODESSA teria investido dinheiro em folhetos direitistas e em inocentar os nazistas, divulgando números falsos de judeus mortos na guerra e que o embate entre os Estados Unidos e a União Soviética demonstrava que Hitler tinha alguma razão.⁷⁸

Para Guy Walters, entretanto, existiam incontáveis organizações empenhadas em auxiliar os criminosos. Não se pode pensar em somente um grande fogaréu, mas sim em pequenos focos de incêndios. Para ele, “se a palavra “Odessa” deve ser usada hoje, então ela pode ser usada como um termo genérico para se referir a todas as “sociedades de transporte” secretas que cuidavam dos nazistas fugitivos [tradução nossa]”.⁷⁹ Steinacher afirma que as rotas de fuga pela Itália faziam com que organizações secretas míticas como a ODESSA e suas atividades parecessem amadorismo.⁸⁰

2.3—Guerra Fria e a disseminação de teorias da conspiração

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, a indústria do entretenimento inundou o mercado com produções. Um tema que foi amplamente explorado na cultura de massa foram os desastres, isto é, a possibilidades de golpes de Estado, guerras e ataques

⁷⁷ STEINACHER, op., cit. p. xvi.

⁷⁸ FORSYTH, Frederick. **O Dossiê Odessa**. Rio de Janeiro: Record, 1972. p. 143-145. Os cinco objetivos da ODESSA também aparecem no prefácio do livro.

⁷⁹ WALTERS, op., cit. p. 139-140.

⁸⁰ STEINACHER, op., cit. p. 160.

terroristas.⁸¹ Além das produções midiáticas, voltadas ao entretenimento, surgiram também diversas teorias da conspiração. Essas teorias alegam que Hitler e seus asseclas não haviam morrido no *bunker*, que gigantescas organizações estão operando em segredo no mundo e que o IV *Reich* estava sendo erguido em algum lugar, possivelmente na América do Sul.

Essas teorias foram nutridas pelo conturbado cenário que emergiu ao fim da guerra. Os soviéticos negavam informações sobre a possível morte do *Führer* e até mesmo afirmaram que ele continuava vivo como estratégia política, as imprecisões do relato do historiador Hugh Trevor-Roper, autor do principal livro sobre os últimos dias no bunker no imediato pós-guerra, e a ausência das principais testemunhas oculares transformou a morte de Hitler em um mistério. O historiador Richard Evans afirma que diversas revistas, como a *Police Gazette*, nos Estados Unidos, e a *Bonjour*, na França, sustentaram a própria existência afirmando e produzindo incontáveis matérias que confirmavam a sobrevivência de Hitler.⁸²

Esses jornais sustentaram essas teorias principalmente a partir dos submarinos U-530 e U-977. Os dois submergíveis, que chegaram à Argentina ao fim do conflito, eram vistos como o transporte que Hitler usou para fugir da Europa.⁸³ Botacini também utiliza essa explicação para esclarecer o paradeiro do *Fuhrer*. Foi através deles, segundo o autor, que alguns figurões do regime e suas famílias desembarcaram no continente. A ideia não é original do autor.

Silvano Santander, já em 1955, alega que em “10 de julio de 1945 llega al puerto de Mar del Plata el submarino alemán U.530, y el 17 de agosto del mismo año lo hacía el submarino U.977”.⁸⁴ Assim como Botacini, Santander afirma que existia um complô para proteger esses criminosos, embora não faça uma alusão a “Odessa” ou a alguma organização de proteção aos nazistas. O autor diz que a opinião pública foi “agitada e o enigma nunca pôde ser decifrado, porque as autoridades argentinas, até onde vimos até agora, estavam em segredo, protegendo os restos do nazismo em dispersão [tradução nossa]”.⁸⁵ Por fim, outros dois submarinos teriam chegado na costa da Patagônia clandestinamente e “descargaron muchos cajones pesados que fueron conducidos [...] en ocho camiones. Por lo que ellos pudieron entender, se trataba de una carga valiosa que venía de Alemania”.⁸⁶ Assim como exposto por Santander, Botacini explica

⁸¹ ROSENFELD, Gavriel. **The Fourth Reich: the specter of Nazism from World War II to the present**. New York: Cambridge University Press, 2019. p. 14.

⁸² EVANS, 2020, op., cit. p. 171.

⁸³ Ibid.

⁸⁴ SANTANDER, 1955, op., cit. p. 37.

⁸⁵ Ibid.

⁸⁶ Ibid.

a permanência de nazistas na América a partir da chegada de tesouros do nazismo em submarinos que mantinham alguma relação com o U-530 e U-977.

Essas explicações, que utilizam de ceticismo radical e do questionamento infundado da realidade, não pertencem mais aos gêneros de produções do entretenimento. Essas interpretações, ou teorias da conspiração, buscam solapar explicações propostas por pesquisadores e instituições profissionais, inaugurando uma nova interpretação, mesmo que mentirosa, para eventos e fenômenos históricos.

Uma forma eficaz de identificar teorias da conspiração foi proposta em um pequeno manual escrito por Stephan Lewandowsky, da Escola de Psicologia Experimental da Universidade de Bristol e John Cook, do Centro de Comunicação das Mudanças Climáticas da Universidade de George Mason. O “Manual das Teorias da Conspiração” pode nos ajudar a entender o que são as teorias da conspiração e o pensamento conspiratório, porque essas teorias são tão populares, como preveni-las e os sinais que denunciam que estamos lidando com uma teoria conspiratória. Traduzido para mais de vinte idiomas, o manual escrito pelos dois especialistas em teorias da conspiração é um ótimo material para se pensar as teorias da conspiração da sobrevivência do nazismo.⁸⁷

Nesse manual, Lewandowsky e Cook apresentam sete sinais que podem indicar que estamos lidando com um pensamento conspiratório a partir do acrônimo *CONSPIR*. Trata-se de uma maneira interessante de se pensar as teorias da sobrevivência do nazismo, já que o conspiracionista tenta a todo momento mascarar seus escritos com nuances que buscam garantir algum grau de legitimidade ao que está sendo dito. Junto a isso, por se tratar de livros escritos a partir do início da década de 1960, muitas conclusões que hoje estão disponíveis a nós, como o desfecho de algumas importantes figuras do regime nazista ou a existência de uma rede de resgate de nazistas, a *ODESSA*, não estavam disponíveis na época. Entretanto, os sinais expostos pelos autores podem ser vistos nas teorias da sobrevivência do nazismo, sendo úteis em nossa análise.

Os sete sinais presentes no acrônimo *CONSPIR* são: *Contradictory* (Contradição), que diz respeito à possibilidade dos conspiracionistas acreditarem em ideias que se contradizem. Isso quer dizer que Botacini pode acreditar ao mesmo tempo na possibilidade de Hitler ter fugido por via aérea, mesmo dizendo que seria quase impossível uma fuga por aviões, já que dessa forma Hitler estaria muito exposto.

⁸⁷ LEWANDOWSKY, S.; COOK, J. The Conspiracy Theory Handbook. 2020. Disponível em: <http://sks.to/conspiracy>

Overriding suspicion (Suspeita absoluta), a narrativa oficial é desconfiada em níveis extremos, o que pode explicar a necessidade constante de rebater na teoria oficial de que Hitler se suicidou do bunker.

Nefarious intent (Intenção nefasta), os conspiradores denunciados pelo conspiracionistas nunca possuem boas intenções, portanto, os nazistas buscam se reerguer no poder.

Something must be wrong (Algo deve estar errado), mesmo que eventualmente o conspiracionista abandone algumas de suas premissas, a conclusão é sempre a mesma, isto é, algo não está certo e as teorias oficiais estão acobertando algo ou alguém.

Persecuted victim (Vítima perseguida), os conspiracionistas acreditam estarem sendo perseguidos e são os únicos capazes de derrotar os vilões. Isto quer dizer que o conspiracionista é vítima e herói ao mesmo tempo.

Immune to evidence (Imune às evidências), assim sendo, as teorias da conspiração são autoajustáveis. Qualquer novo indício de que a teoria da conspiração é uma falsificação se torna nova prova para o conspiracionista.

Re-interpreting Randomness (Reinterpretação da aleatoriedade), a aleatoriedade não é possível nas teorias da conspiração, já que nada acontece por acaso. Dessa forma, não pode ser uma possibilidade de que o corpo de Hitler nunca ter sido encontrado, ele precisa estar em algum lugar.⁸⁸

Nas teorias da conspiração, segundo Eros Carvalho, “o que se disputa é o próprio fenômeno histórico”.⁸⁹ Assim, o fato histórico, como a morte de Hitler, é um ambiente de disputa para o conspiracionista, que busca a todo tempo reconstruí-lo. Dessa maneira, as teorias da sobrevivência do nazismo, além de negar fatos socialmente aceitos, buscam também incorporar em sua narrativa acontecimentos alternativos.

Outra feição das teorias da conspiração é que não se trata somente de casos isolados. Roberto Botacini e seus adeptos não possuem uma visão de mundo que, entre outras concepções, a sobrevivência no nazismo vive em meio às suas crenças. A visão de mundo do conspiracionista e quem as consome depende, necessariamente, de uma predisposição para acreditar nas teorias. Richard Hofstadter chama essa forma de conceber o mundo como *paranoid style*, ou o estilo paranoico de vivenciar as experiências mundanas. Nesse modelo de experimentar a realidade, os “advogados” das teorias da conspiração enxergam os eventos históricos com

⁸⁸ Ibid.

⁸⁹ CARVALHO, Eros Morera. Teorias da conspiração: Por que algumas não valem um caracol. **Perspectiva Filosófica**, v. 48, n. 2, 2021b. p. 344-345.

excessivo exagero, suspeita e, acima de tudo, concebem o mundo fantasiosamente. Hofstadter nos alerta que não se trata do que podemos chamar de “paranoico clínico”. O termo paranoico é unicamente emprestado da psicologia porque o autor reconhece que sintomas corriqueiros e modos de expressão paranoicos estão presentes nas obras de conspiracionistas. Dessa forma, seria inútil pensar o conspiracionista somente enquanto vítima de distúrbios mentais. É reconhecer aspectos paranoicos em indivíduos que não possuem nenhuma doença mental que torna o fenômeno das teorias da conspiração importante de serem estudados.⁹⁰

Vale reconhecer também que o termo é inteiramente pejorativo. Não se trata, conforme exposto por Hofstadter, da teoria ser uma conspiração ou não, de se tratar de ideias reais ou imaginadas. O *paranoid style* se faz presente na forma como o porta-voz advoga suas ideias, como ele enxerga o mundo e como essas ideias são concebidas por seu público. Mesmo assim, as explicações de fenômenos a partir de lógicas conspiratórias são constantemente ridicularizadas na mídia como expressões de sujeitos que sofrem de algum problema psicológico.⁹¹

As teorias da conspiração acreditam que estão removendo as “máscaras” da sociedade. Eventos de grande impacto cultural, social ou político costumam ser seus principais alvos. Não basta somente descrever que “inúmeros” criminosos de Guerra estão vindo ao Brasil, o conspiracionista detalhará seus planos malignos nos seus mínimos detalhes. Ironicamente, desta forma, a teoria deixa de ser teoria e se torna uma demonstração fundamentada. Jovan Byford, portanto, concorda com Hofstadter. Uma explicação categorizada como “teoria da conspiração” automaticamente está sendo vista com maus olhares, visto que o termo é também pejorativo. Isso acontece porque, ao se acreditar na narrativa conspiratória, o leitor precisa ir de encontro a todo o conhecimento cientificamente construído acerca de um evento. Isso não quer dizer que qualquer explicação que confronte o conhecimento científico seja uma teoria da conspiração. A ciência é construída a partir de novos questionamentos e suposições acerca do que se sabe ou do que se quer saber sobre o mundo. Ao categorizar uma explicação como “teoria da conspiração”, estamos duvidando do seu caráter epistêmico, e logo, assumindo que suas explicações são falsas e que carecem de evidências.⁹²

Mesmo reconhecendo as teorias da conspiração pejorativamente, é preciso se atentar ao perigo de excluí-las completamente enquanto possibilidade de explicação. O perigo inerente à

⁹⁰ HOFSTADTER, Richard. **The paranoid style in american politics and other essays**. Massachusetts: Havard University Press, 1996. p. 3-4.

⁹¹ BYFORD, Jovan. **Conspiracy Theories: A Critical Introduction**. UK: Palgrave MacMillan, 2011. p. 23.

⁹² Ibid. p. 21 apud HUSTING; ORR, 2007, p. 141.

completa rejeição das teorias da conspiração, mesmo que seja evidente a sua farsa, é deixá-la livre para ser difundida em outros meios. Nas universidades, ser visto como um conspiracionista ou teórico da conspiração é uma forma de assassinato intelectual. Mas, no mundo fora das paredes da academia, essas teorias se multiplicam livremente, sem que haja oposição às suas narrativas. Assim, mesmo que seja natural se referir ao termo pejorativamente, ainda se faz necessário o estudo dessas explicações de mundo, visto que elas refletem as percepções de parte da sociedade no que diz respeito a acontecimentos históricos, ou até mesmo de outras naturezas.⁹³

Tudo se torna evidência para o conspiracionista, mesmo a falta de evidências. Se o conspirador está a todo tempo tentando mascarar seus planos, a ausência de qualquer evidência é utilizada pelo conspiracionista como prova de que o conspirador está sob posse delas e, logo, prova de que existe uma conspiração em curso. Sendo essa a situação com que nos defrontamos, as teorias da conspiração podem ser entendidas como irrefutáveis em sua natureza. Nessa mesma toada, se para um pesquisador ou jornalista que realiza um trabalho sério de análise de documentação todas as informações ali presentes precisam ser analisadas e confirmadas, mesmo as mais tentadoras para confirmar suas hipóteses, para o conspiracionista essas tentações são suas principais evidências. Byford chama esse fenômeno de “leap of imagination [salto de imaginação]”. O conspiracionista se deixará levar pela tentação de suas fontes, entrelaçando todas as informações que estão a seu dispor (que por vezes é afirmado pelo conspiracionista ser tudo que existe sobre determinado evento, visto que fontes que ele não consegue ter posse estão sendo mantidas em cativeiro pelo conspirador), e desenvolvendo uma narrativa que embora seja enganosa, é coerente e previsível, sendo ela capaz de alinhar tudo o que é possível (e impossível) sobre um evento.⁹⁴

A noção de que existe uma gigantesca conspiração que visa a destruição da vida como conhecemos está presente em teorias da conspiração. Botacini afirma veementemente que as ditas histórias “oficiais” sobre a morte de Hitler e seus aliados mais próximos, como Joseph Goebbels, querem obscurecer nossa percepção da realidade, esta é, que eles continuam vivos. As conspirações agem, mesmo que com largos objetivos, sutilmente no nosso dia a dia, “adulterando” a realidade.⁹⁵

Outro aspecto presente nas teorias da conspiração é a presença dos “renegados” de alguma causa. As conspirações abordadas nas teorias da conspiração são tão secretas que seria

⁹³ Ibid. p. 22.

⁹⁴ Ibid. p. 36-37.

⁹⁵ HOFSTADTER, op., cit. p. 29-32.

impossível para um indivíduo normal conseguir qualquer informação relevante sobre a conspiração. Nesse âmbito, surge a figura do renegado, personagem que fazia parte em alguma escala da conspiração e, por qualquer motivo que seja, decidiu abandoná-la. O renegado se torna o pilar do conspiracionista, sendo ele muitas vezes sua fonte primária de informações.

A suposta presença de Martin Bormann, secretário de Hitler, no Brasil, é explicada na mídia brasileira a partir dos relatos de “Dona Geni”, uma viúva paulistana de 46 anos. “Dona Geni” afirma ter conhecido “Martin” pedindo esmolas em janeiro de 1960, com fome e cansado, “o homem teria contado a dona Geni que estava fugindo de seus compatriotas e que não poderia regressar ao seu país de origem ocupar cargos importantes no regime nazista”. Leal afirma que os jornalistas da época tendiam a acreditar em qualquer fonte.⁹⁶

Botacini afirma em seus livros e entrevistas⁹⁷ que sua principal certeza quanto a vinda de importantes líderes do partido nazista ao Brasil surge a partir da conversa com Erik Steiner, um sujeito que o autor conhece no bairro da Mooca, em São Paulo, alcoolizado, que afirmava ter feito parte da *Wehrmacht*. Steiner relatou para Botacini, segundo o próprio autor, diversas informações acerca do paradeiro de importantes personagens nazistas que Botacini só se deu conta da importância anos depois. O autor afirma ainda que Steiner é, na verdade, Heinrich Muller, último chefe da *Gestapo*, revelação que teve anos depois analisando fotos de Muller. O renegado surge para Botacini como uma “prova viva de que todas as conversões não são feitas pelo lado errado. Ele traz consigo a promessa de redenção e vitória [tradução nossa]”.⁹⁸

Fulcral ao *paranoid style* é a acumulação de evidências. Conforme foi exposto, parte essencial do credo conspiratório é que todas as informações, inclusive detalhes que até então teriam sido ignorados na tentativa de ocultar a existência da conspiração, são importantes na construção da narrativa. Botacini não inicia seus livros simplesmente a partir de especulações, mas ele efetivamente propõe questões a serem respondidas, e então apresenta suas evidências que buscam responder à questão. Em “A fuga de Hitler”, Botacini inicia o livro propondo a seguinte pergunta: “Hitler estará realmente morto? Ou teria conseguido fugir do bunker, sair de Berlim e finalmente ganhar a América do Sul ou qualquer outro local?”. A seguir, discute a importância da questão que vem sendo, segundo ele, repetida em inúmeros meios de

⁹⁶ CARVALHO, 2021a, op., cit. p. 57.

⁹⁷ Em diversas entrevistas Roberto Botacini nos introduz o personagem central nas suas obras, Erik Steiner, a quem ele afirma que, mesmo sendo-lhe omitida essa informação em uma primeira conversa com o personagem, anos depois ele conseguiu verificar através de fotografias que se tratava de Heinrich Muller. Ver: “Hitler não morreu em Berlim”. A Cidade, Santa Catarina, 5 de jul. 1972. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/882860/23111>. Acesso em: 5 de jan. 2024.

⁹⁸ HOFSTADTER, op., cit. p. 29-32.

comunicação. Logo após, apresenta sua primeira evidência ao dizer que os “inquéritos oficiais [...] nada de prático esclareceu. Os russos sustentaram por longo tempo que Hitler sobrevivera e estava foragido”. Poucas páginas à frente, Botacini propõe outra questão: “Existe prova de que Adolf Hitler fez preparativos, com o fim de estabelecer um refúgio onde pudesse ficar escondido depois da derrota?”. Imediatamente, o autor responde que sim, afirmando a existência de várias provas dos planos de Hitler, embora “tenham sido feitos no maior segredo”, evocando o aspecto de segredo das provas que tem em mãos. Por fim, nesse trecho, expõe outra evidência a partir de uma suposta fala do almirante Karl Dönitz em 1943, quando o nazista afirma a existência de uma “fortaleza inexpugnável, para o Führer, em alguma parte do mundo”.⁹⁹

É importante também para o teórico da conspiração se opor aos “relatos oficiais”, termo, por si só, impreciso. Em “Onde estará Hitler?”, após um prolongado relato dos últimos dias de Hitler no *bunker*, Botacini apresenta a versão oficial da morte de Hitler, e em seguida relata no capítulo denominado “A Morte de Hitler (versão nº 2)” a suposta história na qual Hitler não havia morrido. Dessa forma, percebemos o aspecto que Hofstadter apresenta como presente em obras de conspiracionistas: não pode haver espaço para o erro. Sendo o conspirador, isto é, aquele responsável pela conspiração, um ser maligno que beira a perfeição, que age a partir de atos completamente calculados e racionais, é essencial que o conspiracionista não deixe brechas em sua explicação, nada pode ficar inexplicado. A mentalidade do paranoico conspiracionista “é muito mais coerente que o mundo real, pois não deixa espaço para erros, falhas ou ambiguidades [tradução nossa]”. Botacini se vê diante da necessidade de produzir uma teoria que conseguia ser coerente o suficiente para responder todas as dúvidas que existam e possam surgir sobre a morte (ou não) de Hitler.¹⁰⁰

Tendo em mãos uma miríade de fontes, verificáveis ou não (isto é, por vezes o conspiracionista forja suas fontes na tentativa de se afirmar), o conspiracionista realiza um “curioso salto de imaginação que sempre é dado em algum ponto crítico da narração dos acontecimentos [tradução nossa]”.¹⁰¹ Para aqueles que acreditam nas teorias da conspiração, o conspiracionista consegue articular melhor do que ninguém todas as fontes existentes sobre um evento, mas, além disso, somente o conspiracionista é capaz em dado momento de sua narrativa, ir do que pode ser considerável inegável para o inacreditável, e, ainda assim, manter seu público fiel. O conspiracionista, é, portanto, um transmissor de ideias. Tudo que ele precisa já está em suas

⁹⁹ BOTACINI, 1965, op., cit. p. 7-11.

¹⁰⁰ HOFSTADTER, op., cit. p. 36-37.

¹⁰¹ Ibid. p. 37.

mãos. Na pior das hipóteses, novas evidências que não aquelas que ele possui são artimanhas do conspirador tentando ocultar seus segredos.

A última característica das teorias da conspiração diz respeito ao caldo cultural e contextual necessário para que as teorias da conspiração surjam e floresçam. Marc Bloch, já em 1921, discorrendo sobre o que ele chamou de falsas notícias da História" ou "lendas de guerra", aponta que as observações inexatas ou testemunhos imperfeitos só acontecem mediante um "caldo de cultura favorável". Nesse caldo, as pessoas expressam preconceitos, ódios, medos e emoções fortes, interpretando erroneamente as informações a seus dispor para satisfazer "os ardentes desejos de todos". Bloch continua apontando que "uma falsa notícia nasce sempre de representações coletivas que preexistem ao seu nascimento", isto é, um evento inicial desencadeia as imaginações que já estão fermentadas, sendo a falsa notícia o ambiente onde a consciente coletiva "contempla o seu próprio rosto".¹⁰²

Para Hofstadter, a mentalidade paranoica surge quando “conflitos sociais que envolvem esquemas últimos de valores e que trazem medos e ódios fundamentais, em vez de interesses negociáveis, para a ação política [tradução nossa]” estão presentes na sociedade. É importante pensar às teorias da conspiração da sobrevivência do nazismo na América do Sul a partir da Guerra Fria, da captura de Adolf Eichmann e dos julgamentos de Frankfurt, que diariamente fortaleciam a imaginação da existência de um inimigo maior da nação. Essa atmosfera de constante medo de uma guerra nuclear torna o solo propício para a plantação de ideias conspiratórias. Além disso, o abrupto fim de Hitler não parece satisfazer seus anseios.¹⁰³ Para tanto, é preciso haver uma explicação mais completa e sem lacunas, que de conta de versões que façam mais sentido na cabeça dos que escrevem as teorias, ao qual concordamos com Hofstadter em reconhecê-los como parte do *paranoid style*.

Por fim, os motivos que levam uma pessoa a acreditar em teorias da conspiração são diversos. Para Evans, algumas pessoas realmente acreditam nas teorias da conspiração que consomem e propagam, outras consomem como forma de entretenimento, ou para terem a oportunidade de moldar o mundo como queiram, ignorando as complexidades da realidade, e existem indivíduos que exploram essas teorias para obter ganhos financeiros. As teorias da conspiração da sobrevivência do nazismo podem parecer inofensivas, mas, segundo Evans, todas elas se

¹⁰² BLOCH, Marc. Reflexões de um historiador sobre as falsas notícias de guerra. Em: BLOCH, Marc. HISTÓRIA E HISTORIADORES. Lisboa: Teorema, 1998.

¹⁰³ No último episódio da série *Hunters* da *Prime Video*, Hitler é posto em julgamento depois de ser capturado na Argentina. Ver: HUNTERS. Direção: Phil Abraham. Produção: Amazon Studios, Amazon Prime Video. Estados Unidos: Amazon Studios, 2020-2023.

baseiam em um ceticismo radical que coloca em xeque a pesquisa histórica. Mesmo que os objetivos de uma teoria não sejam malignos, elas possuem a capacidade de ameaçar a organização da sociedade.¹⁰⁴

2.4—Vida e produção literária de Roberto Bottacin

Descrito em uma manchete de jornal como “contestador, folclórico, gozador, professor primário, contador, jogador de futebol profissional, escritor e político”, a vida de Bottacin foi uma verdadeira aventura. Bottacin nasceu em Ribeirão Pires, cidade onde a maioria de suas controversas atitudes teve ação, em 17 de novembro de 1935, filho de Américo Fonseca Moreira e Olga Bottacin.

Ao longo dos anos, escreveu diversos livros, alguns dos quais de fácil acesso em lojas de livros usados, enquanto outros nem tanto. São eles: “Onde Estará Hitler”, “Nazistas na América”, “A Fuga de Hitler”, “Hitler Não Morreu em Berlin”, “Perón, a Volta do Nazismo”, “Tijolinho e Zé Briquete”, “O Sacrifício de Nixon”, “Cem Anos de Colonização Italiana no ABC”, “O Nazismo Sobrevive ao III Reich”, “Ribeirão Pires... Sua História”, “Mauá... Sua História”, “Rio Grande... Sua História”, “Ribeirão Pires Era Assim” e “Sob a Luz de um Lâmpião Nasceu o Ribeirão”.¹⁰⁵

O leque de temas abordados por Bottacin é amplo, escrevendo desde a história de sua cidade e a formação da Grande ABC, até mesmo livros sobre a Igreja Católica, espiritismo e rascunhos quanto a física quântica e teoria da relatividade. Porém, serão os livros acerca do destino de criminosos nazistas que irei me ocupar.¹⁰⁶ Em uma entrevista ao “Jornal do Brasil”, em 1972, o autor diz que pretende com seus livros “mudar certos aspectos da história, sempre em nome da verdade”.¹⁰⁷

Em 9 de maio de 2002, após a sua morte, foi protocolada na Câmara Municipal de Ribeirão Pires uma carta de despedida a Bottacin. Diversos vereadores assinaram o requerimento que descreve sua vida como “tão fugaz, incerta e polêmica quanto a grafia correta do nome”. O

¹⁰⁴ EVANS, 2020, op., cit. p. 205-211.

¹⁰⁵ Ademir Medici. **Roberto Bottacin vive**. Diário da Grande ABC, São Paulo, 7 de ago. 2021. <https://www.dgabc.com.br/Noticia/3738980/roberto-bottacin-vive>. Acesso em: 6 de jan. 2024.

¹⁰⁶ **Museu de Rib. Pires amplia acervo e itens em exposição**. Folha do ABC, São Paulo, 22 de jan. 2019. <https://www.folhadoabc.com.br/index.php/secoes/cidade/item/11800-museu-de-rib-pires-amplia-acervo-e-itens-em-exposicao>. Acesso em: 6 de jan. 2024.

¹⁰⁷ Brasileiro que pesquisa o paradeiro de nazistas já publicou três livros. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 9 de jul. 1972. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/239150. Acesso em: 5 de jan. 2024.

requerimento segue dizendo que os vereadores sentirão falta dele, “que sempre tumultuou as sessões da Câmara Municipal, que vociferava, por corredores e galerias, contra os governantes, fossem da posição ou da oposição” além de conduzir suas proezas “nas lacunas da legislação” e mostrar para os moradores da cidade como a lei era falha “ridicularizando as nossas instituições por meio de atos paralelos que provavam o quanto o nosso país se colocava na deriva em determinados conceitos”.¹⁰⁸

Imagem 3: Roberto Botacini



Fonte: Nazistas na América (1964)¹⁰⁹

Ao longo da vida, esteve investido em diversas ocupações, sempre ocupando espaços de grande destaque na mídia, o que o torna um proeminente nome nas manchetes jornalísticas do Grande ABC Paulista ao longo do século XX. Importa-nos perceber isso uma vez que Botacini (ou Bottacin, ambas as grafias são utilizadas para se referir a Roberto) aparentou realizar suas façanhas, que quase sempre possuíam críticas a alguém ou alguma coisa, com o intuito de ganhar cada mais atenção nos meios de comunicação, padrão que se seguiu até os seus últimos dias, como ficará claro mais adiante.

¹⁰⁸ O requerimento está disponível no site da Câmara Municipal de Ribeirão Pires, ver: <https://www.camararp.sp.gov.br/proposicoes/Requerimentos/0/917/0/54132>. Acesso em: 1 de abr. de 2025.

¹⁰⁹ BOTACINI, Roberto. **Nazistas na América**. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1964b.

Após sua morte, por derrame cerebral em quatro de maio de 2002, o plenário da Câmara Municipal de Ribeirão Pires adotou seu nome em sua homenagem, além disso, o “Acervo Temático de História” do Centro Histórico e Literário de Ribeirão Pires também homenageia o autor, levando o nome Roberto Bottacin Moreira. No acervo, onde estão concentrados artigos do patrimônio e da história de Ribeirão Pires, Grande ABC, São Paulo e do Brasil, a homenagem ao autor se dá porque “foi um dos primeiros historiadores da cidade”.¹¹⁰ Dentre as muitas excentricidades de Botacini, como a candidatura a Papa ou a aposentadoria de uma mula, o autor e suas ações são descritos como a de “um visionário que não foi compreendido”, “além da irreverência, ele destacava-se pela inteligência e criatividade. Muitos o chamavam de louco ao perceber que suas opiniões denunciavam situações absolutamente visíveis, mas que precisavam permanecer ocultas” e “com sarcasmo e inteligência abria discussão sobre tudo de importante que se relacionava com a cidade, divulgando-a mundialmente”.¹¹¹ Certamente, portanto, Roberto Botacini ou Bottacin não é um personagem qualquer. Seu destaque enquanto autor e figura caricata lhe rendeu até mesmo homenagens póstumas. Será a partir desses episódios que o transformaram em uma personalidade mítica da cidade que partirá a análise para tentar entender como é construída sua figura de autoridade, principalmente no que diz respeito ao destino de criminosos de guerra ao término do conflito, quais eram suas motivações e quem ele tentava alcançar com seus livros.

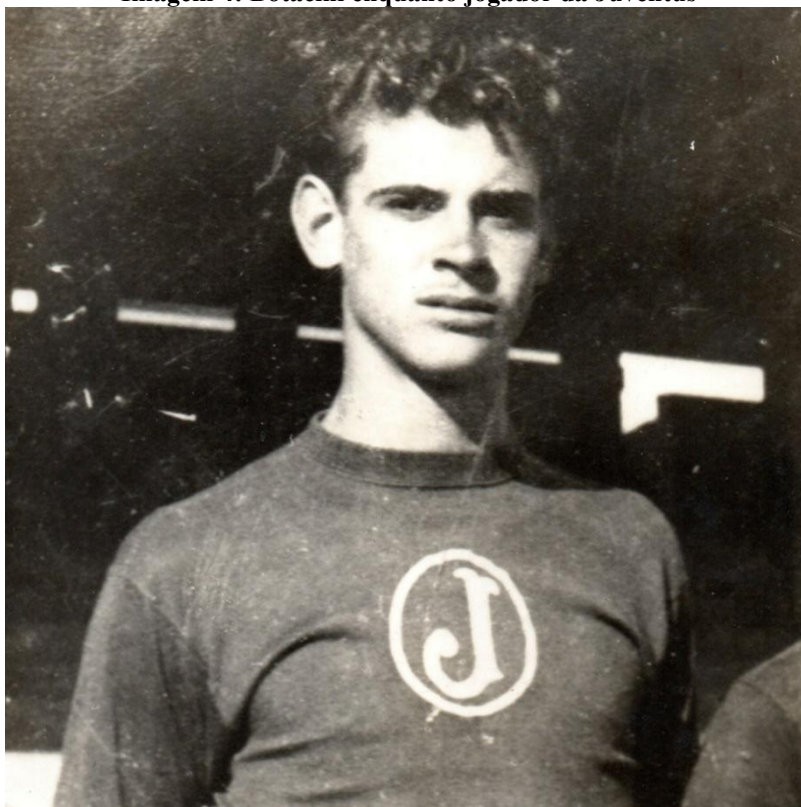
Para tentar entender a motivação por trás de seus livros, é preciso analisar primeiramente a vida de Botacini. Antes de se aventurar na política, no jornalismo e na redação de livros, Botacini foi jogador de futebol profissional. A primeira aparição do autor dentro dos campos data de 1952, aos dezesseis anos, quando disputou o então chamado “Torneio Início do Campeonato Paulista Profissional de Futebol”. Trata-se de um campeonato que, aos moldes do futebol de hoje em dia, pode ser considerado peculiar. Todo o torneio é disputado em um único dia, com partidas em um só tempo de quinze minutos, exceto a final, que era disputada em dois tempos de quinze minutos, sem descanso entre eles. Botacini figurava o elenco da Juventus,

¹¹⁰ As informações acerca da homenagem a Botacini, além de outras dados sobre a cidade podem ser encontrado no site da prefeitura dedicado ao turismo na cidade. Disponível em: <https://turismoribeiraopires.com.br/>. Acesso em: 16 de jan. 2024.

¹¹¹ OLIVEIRA, Vanessa de. **Marcos da História de Ribeirão Pires**. Mais Notícias, Ribeirão Pires, 17 de mar. 2011. Disponível em: <https://jornalmaisnoticias.com.br/marcos-da-historia-de-ribeirao-pires/>. Acesso em: 15 de jan. 2024.

que disputava o troféu da competição contra times como o Santos, São Paulo, Corinthians e Palmeiras.¹¹²

Imagem 4: Botacini enquanto jogador da Juventus



Fonte: São Paulo Antiga¹¹³

Botacini atuava como arqueiro (ou goleiro) no “moleque travesso”, como era conhecida a equipe Clube Atlético Juventus ou Juventus da Mooca. Sua carreira futebolística, entretanto, está longe de ser o período mais emocionante de sua carreira. A última aparição do autor nas escalões da equipe data de 1958, indicando uma aposentadoria precoce dos gramados com somente cinco anos de atuação profissional. Serão nesses anos de atleta que Botacini afirma ter conhecido uma figura central na fabulação de seus livros: Erik Steiner. Conforme o autor, Steiner nada mais era que Heinrich Müller, chefe da Gestapo no período hitlerista, vivendo na

¹¹² **Disputa-se, esta tarde, o Torneio Início do Campeonato Paulista Profissional de Futebol de 1953.** O Estado de São Paulo, São Paulo, 12 de jun. 1953. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19530712-23978-nac-0017-999-17-not/busca/Botacini>>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

¹¹³ NASCIMENTO, Douglas. Bottacin, o paulista eu quis ser papa. São Paulo, 8 de mai. 2025. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/bottacin-o-paulista-que-quis-ser-papa/>. Acesso em: 26 de mai. 2025.

região da Mooca em São Paulo, responsável por fornecer a Botacini os principais paradeiros dos membros do partido nazista que fugiram dos julgamentos de Nuremberg em direção a América do Sul.¹¹⁴

Ao longo dos anos de 1960, após sua breve investidura no futebol, Botacini buscou novos ares e dedicou seu tempo a diferentes atividades. Em 1960, aos 24 anos, o ainda jovem Roberto Botacini foi cotado com indicação pelo então prefeito de Ribeirão Pires, Francisco Arnoni, como presidente da Mesa da Comissão Municipal de Cultura e Turismo da cidade.¹¹⁵ Dessa forma, Botacini se inseria ainda jovem na vida política, pleiteando um cargo de surpreendente função para a sua idade, visto que escreveria livros sobre cultura e história da região do ABC posteriormente. Em 1961, começou a integrar o programa “Com a Boca no Mundo”, um projeto informativo da “Radio ABC” que cobria ao longo de trinta minutos as principais notícias de todas as cidades da região do ABC. Nesse momento, Botacini era também jornalista da “A Tribuna” de Santos. O programa, conforme exposto na manchete, teve uma boa aceitação e contava com diversas correspondências dos ouvintes. Cerca de dois anos depois, aos 27 anos, Botacini começou sua jornada como intérprete da Grande ABC (será também somente um ano depois que Botacini publicará seus dois primeiros livros sobre a suposta fuga de Hitler, são eles: A Fuga de Hitler e Onde estará Hitler?). Na ocasião, em 19 de março de 1963, comemorava-se o oitavo aniversário de emancipação política de Ribeirão Pires, já que a cidade foi desmembrada do município de Santo André. A data é definida por conta do padroeiro da cidade, visto que nessa mesma data é comemorado o dia de São José, embora a data oficial de emancipação da cidade seja em primeiro de janeiro. Botacini é citado na reportagem como escritor e historiador, e já que a história da cidade é demasiada extensa para ser contada numa “simples reportagem”, conforme escrito no trecho jornalístico, Botacini está investido em um trabalho que irá relatar “de modo admirável o que foi o passado dessa cidade pacata, mas dinâmica, que floresce à beira da Estrada de Ferro Santos a Jundiaí”.¹¹⁶ Mesmo tendo parte em toda a mística que tece o padroeiro e a história da cidade, e sendo oficialmente considerado o historiador da cidade até hoje, Botacini se envolverá em uma ação jurídica 20 anos depois da reportagem e após mais publicações no que se refere a história do município na tentativa de alterar o padroeiro da cidade.

¹¹⁴ “**Hitler não morreu em Berlim**”. A Cidade, Santa Catarina, p. 7, 5 de jul. 1972.

<http://memoria.bn.br/DocReader/882860/23111>. Acesso em: 5 de jan. 2024.

¹¹⁵ **Câmara solicitou funcionamento imediato da Comissão de Turismo**. A Tribuna, São Paulo, p. 8, 4 de fev. 1960. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/153931_01/892. Acesso em: 4 de jan. 2024.

¹¹⁶ **Comemora-se hoje em Ribeirão Pires o Dia do Padroeiro da Cidade: São José**. Correio Paulistano, São Paulo, p. 10, 19 de mar. 1963. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_11/15127. Acesso em: 4 de jan. 2024.

Por meio de pesquisas para a escrita de seus livros sobre a história do município, o autor descobriu que a data correta da fundação da cidade é 25 de março de 1714, sendo então a padroeira da cidade Nossa Senhora do Pilar. Para Botacini, São José não possui nenhuma relação com a fundação da cidade e a figura é preservada enquanto padroeiro somente por tradição dos munícipes. Como de costume, as críticas ao padroeiro se veem juntas a críticas aos próprios políticos da cidade, Botacini diz que São José é “padroeiro biônico, como alguns senadores que temos”. A partir de 1983, o caricato autor começa uma cruzada para a mudança do padroeiro, e mesmo aos anos finais da ditadura, tece críticas ao regime. Afirma que o plebiscito para a mudança do santo deve ser o mais democrático possível, concorrendo ao cargo outros santos além de São José e Nossa Senhora do Pilar, entre eles, inclusive, Padre Cicero, indicado por nordestinos que vivem na cidade. Botacini toma essa posição em relação ao plebiscito, uma vez que “já que não podemos votar para presidente, vamos votar em santo”.¹¹⁷ Para o autor, os santos representavam os partidos da cidade, servindo de cabo eleitoral, São José seria o partido *PDS*, Nossa Senhora do Pilar o *PMDB*, e Santo Antônio o *PT*. O padre Angelo Biaggio, vigário de Ribeirão Pires no período, criticou o plebiscito, acusando os políticos da cidade de buscarem repercussão, pois estariam eles traindo São José. Para o padre, “podem fazer a eleição que for, mas São José está no coração de todos”.¹¹⁸

¹¹⁷ **Ribeirão Pires poderá ter um novo padroeiro.** O Estado de São Paulo, São Paulo, 8 de jul. 1983. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19830708-33232-nac-0031-999-31-not/busca/Bottacin>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

¹¹⁸ **Ribeirão Pires (SP) faz eleição direta para escolher o padroeiro.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p. 4, 1º caderno, 11 de set. 1983. http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/294857. Acesso em: 5 de jan. 2024.

Imagem 5: Jamil Curl Nasser, escritor da história de “Inferno nas Salinas” (esquerda) e Roberto Botacini (centro)



Fonte: Correio Paulistano (1963)¹¹⁹

Ainda em 1963, Botacini se aventura em mais uma profissão, porém dessa vez longe das máquinas de escrever e das impressoras de jornais: será ator em um filme a ser filmado, dentre outras cidades, em Ribeirão Pires. Trata-se do filme “Inferno nas Salinas”, produzido pela “Guarani Filmes”. O filme conta a história de um pracinha que lutou em Monte Castela, na Itália, e que ao retornar ao Brasil sofre diversos problemas como neurose e o sistema nervoso abalado, provavelmente vítima do que ficou conhecido como *shell-shock*¹²⁰. O objetivo do filme era mostrar “os desequilíbrios sociais e a neurose coletiva provocada pela última guerra mundial”. As cenas que tentarão reconstruir as batalhas em Monte Castelo tinham como protagonista as serras que cercam Ribeirão Pires, e o papel que Botacini desempenharia não havia sido definido ainda, embora a reportagem afirme que seria um “papel de realce”.¹²¹ Além das breves manchetes a respeito do filme, nenhum outro material está disponível. É provável que o filme jamais tenha sido finalizado. Um ano depois, conforme foi mencionado, Botacini lançaria dois livros no que tange o paradeiro dos criminosos nazistas e seu principal mentor, Hitler. A

¹¹⁹ **Ribeirão Pires será palco de Inumeras Filmagens.** Correio Paulistano, São Paulo, p. 2, 1º caderno, 21 de abr. 1963. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_11/15471. Acesso em: 4 de jan. 2024.

¹²⁰ A expressão começou a ser usada a partir do retorno de soldados da Primeira Guerra Mundial. Acreditava-se que o estranho comportamento dos soldados era causado pelo choque de projetéis durante os conflitos, mas que posteriormente foi diagnosticado como um distúrbio mental causado pelo trauma da Guerra. Para ver mais: MOSSE, Geroge. *Shell-shock as a Social Disease*. New Delhi: Journal of Contemporary History, Vol 35(1), p. 101-108, 2001. Disponível em:

https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/002200940003500109?casa_token=uHHmTi8DaGEAAAAA:g_DOYFkzE3d4LfU6GXxqaOXomIs8wDI7W4EYR6yloGUd9P_GzvaNHL1mjvx6pDCdEbWaoDb2H0WDg.

Acesso em: 16 de jan. 2024.

¹²¹ Ribeirão Pires será palco de Inumeras Filmagens, op., cit.

presença na película indica o interesse do autor na temática, podendo ser um ponto crucial em sua jornada enquanto “historiador”.

Algumas outras aparições de Botacini na mídia podem não ser tão relevantes, mas expõem alguns gostos do autor. Em novembro de 1968, o autor foi intimidado pela alfândega de Santos pela apreensão de dois artefatos importados por ele. O primeiro deles, um isqueiro, mas é o segundo que chama atenção: um automóvel da marca *SIMCA*. Nada encontramos com relação às condições financeiras de Botacini, somente que como trabalhou como contador, professor, jornalista, político e escritor. A data de apreensão do veículo data de 11 de novembro de 1968, menos de uma semana até seu aniversário de 33 anos. Decerto, importar veículos atualmente não é uma tarefa barata, ao tempo de Botacini, em plena ditadura, pode ser um vestígio do poder aquisitivo que ele possuía.¹²²

Alguns anos depois, em 1974, ele novamente surge nos jornais, agora sob a titulação de “escritor” que realiza um “levantamento histórico da cidade”. Dessa vez, uma disputa urbanística divide a população de Ribeirão Pires. A cidade, rodeada de serras e morros, se vê enfrentando a tentativa de loteamento do morro de Santo Antônio para a construção de estabelecimentos comerciais, praças, jardins, residências e um estacionamento. A prefeitura seria o beneficiário desse loteamento, que, segundo alguns “ele [o morro] está atravessando o desenvolvimento da cidade”. Para Botacini, a prefeitura erra em supor que a destruição do morro é o melhor para cidade, para ele será destruído “um dos mais belos pontos de referência da cidade para construir uma floresta de cimento”, e acrescenta, “o morro deveria ser urbanizado, instalando-se em seu topo um clube noturno, um restaurante e uma boate”. Botacini temia que a cidade tornar-se-ia somente mais uma cidade industrial poluída como as outras do ABC.¹²³ Na edição do jornal na qual se encontra a declaração do autor, a manchete a respeito do morro, intitulada “Um morro divide Ribeirão Pires” figura a principal reportagem da edição. Botacini é o com a opinião contrária à derrubada exibida a partir de uma argumentação lógica, visto que o outro ponto apresentado contra a derrubada é exposto a partir de um viés religioso. Além disso, nesse momento, ele já é reconhecido como um historiador da cidade e da Grande ABC, se tornando cada vez mais presente em reportagens ao longo dos anos de 1970 e 1980.

¹²² **Alfândega de Santos**. A Tribuna, São Paulo, p. 3, 2º caderno, 19 de nov. 1968. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/153931_01/91905. Acesso em: 4 de jan. 2024.

¹²³ **Um morro divide Ribeirão Pires**. O Estado de São Paulo, São Paulo, 17 de fev. 1974. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19740217-30335-nac-0039-999-39-not/busca/Botacini>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

No final dos anos de 1970, Botacini protagonizou também outros casos peculiares que tiveram cobertura pelas mídias jornalísticas. Em 1978, em uma reportagem da revista *Manchete Esportiva*, do Rio de Janeiro, o autor defende uma galinha branca, levando-a à sede do jornal *Notícias Populares* repleta de faixas. Segundo a notícia, Botacini estaria “pau da vida” já que torcedores fanáticos do Corinthians estavam sacrificando animais na esperança de uma vitória corintiana. O autor “pedia punição para os racionais que sacrificam irracionais”, e ameaçava realizar uma queixa à “Sociedade Protetora dos Animais”. A reportagem termina com um comentário inesperado de seu correspondente Luiz Carlos de Assis, que diz “não é por nada não. Mas Botacini é nome de palmeirense”.¹²⁴

A defesa da galinha despenada pelos corintianos não será a última vez que Botacini iria de encontro com a justiça em prol da defesa dos animais. Um ano depois, em 1979, ele novamente aparecia nos jornais, dessa vez defendendo quatorze cachorros apreendidos por determinação do delegado Milton Batista. Botacini, apresentado na reportagem como “um daqueles personagens que fazem o folclore de uma cidade do interior”, saiu em defesa da austríaca Ana Absatz, dona dos cachorros, anunciando que entraria com um *habeas corpus*. A figura folclórica argumenta que os cães não foram apreendidos e sim presos, por receberem ordem de prisão, já que estavam na pequena chácara de Ana, uma propriedade particular. Para Botacini, eles não infringiram o Código Penal e não existia nenhum mandado de prisão contra os cachorros. Ocorreu, na verdade, uma prisão arbitrária. Botacini diz que irá lutar até o fim em defesa dos cachorros e contra as carrocinhas. Além disso, a Constituição brasileira “cita que todo brasileiro tem o direito de ir e vir, de liberdade de locomoção, de livre trânsito. A Constituição não fala em cidadão brasileiro, fala em todo brasileiro. E cachorro que nasce no Brasil é brasileiro”. Nessa luta em defesa dos quatorze cachorros de Absatz, o autoproclamado “defensor dos injustiçados” alega que eles foram ilegalmente detidos, coagidos e seu direito de locomoção foi ferido.¹²⁵

Historiador, escritor, jornalista, ex-futebolista e defensor dos animais, Botacini trabalhava também como contador para a “Cooperativa Mista de Produção de Ribeirão”, responsável pela contabilidade das olarias de Ribeirão Pires e contador da maioria dos oitenta fabricantes da cidade. A partir de 1969, expôs diversas denúncias sobre a tributação ilegal de tijolos no município. Botacini alegava que Ribeirão Pires já chegou a fornecer cinco milhões de tijolos

¹²⁴ Luiz Carlos de Assis. **Desde quando Botacini é nome de corintiano**. *Manchete Esportiva*, Rio de Janeiro, 1978. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116335/9231>. Acesso em: 5 de jan. 2024.

¹²⁵ **Habeas-corpus para os cachorros**. *Jornal da República*, p. 12, São Paulo, 15 de nov. 1979. <http://memoria.bn.br/DocReader/194018/1176>. Acesso em: 5 de jan. 2024.

por mês para a Baixada Santista, mas por conta das tributações, esse valor caiu para quinhentos mil. Além disso, dentre as 345 olarias que existiam em Ribeirão Pires e Suzano, somente 45 estavam operando. Nas palavras do autor, “os oleiros enfrentam situação extrema, lutando para sobreviver”. Isso porque, segundo ele, as olarias já se enquadravam no imposto único a minerais, no valor de 15%, e após o advento do imposto sobre mercadorias, também de 15 por cento, as fabricantes de tijolos agora incorriam em uma bitributação de 30 por cento, que junto a outros custos operacionais, como o transporte e intermediários, tornava todo o processo impraticável. Para o autor, a tributação era ilegal, visto que, pela Lei 4.425, de 1964, o tijolo, por se enquadrar como mineral, deveria ser tributado unicamente pelo “Imposto Único Sobre Minerais”. Por algum tempo, conforme Botacini, os produtores conseguiram burlar esses impostos, mas os revendedores passaram a não aceitar mais mercadorias sem nota fiscal. O autor termina dizendo que “como então podem viver esses trabalhadores, que desconhecem outra atividade e labutam em conjunto com toda a família?”.¹²⁶

O apelo de Botacini também chegou ao Congresso Nacional, em um discurso de Maurício Toledo, presente no Diário do Congresso Nacional em 1973. O autor aparece como representante das “Olarias Reunidas”, denunciando a bitributação ilegal de tijolos, além da menção ao seu livro “Tijolinho e Zé Brique”, um conto infantojuvenil sobre a situação em que vivem as olarias do ABC Paulista.¹²⁷

As denúncias de bitributação de tijolos feitas por Botacini culpavam o Estado, mas em agosto de 1973 esclareceu-se que a Receita Federal é quem realizava essa bitributação. Botacini confessou seu equívoco julgando que o culpado era o Estado, e o coordenador da Administração Tributária de São Paulo no período, Antônio Carlos Rocha, esclareceu a situação, considerando injusta a acusação a Secretaria da Fazenda do Estado, mas reconhecendo como uma demanda justa a reclamação dos proprietários das olarias.¹²⁸

¹²⁶ **Problemas do Pôrto em Convenção.** A Tribuna, Santos, p. 3, 1º caderno, 17 de set. 1969. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/153931_01/87774. Acesso em: 4 de jan. 2024; **Imposto ilegal atingirá a construção civil.** Cidade de Santos, São Paulo, p. 9, 10 de jun. 1973. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/896179/34560>. Acesso em: 4 de jan. 2024 e **Bitributação traz crise a olarias de Ribeirão Pires.** A Tribuna, São Paulo, p. 9, 2º caderno, 24 de jun. 1973. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/153931_02/48631. Acesso em: 5 de jan. 2024.

¹²⁷ Diário da Câmara dos Deputados, terça-feira, 4 de set. de 1973. Diário do Congresso Nacional, editado pelo Senado Federal, Capital Federal, 4 de set. de 1973. Ano XXVIII, nº 97, p. 5191. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD04SET1973.pdf>. Acesso em: 9 de fev. de 2023.

¹²⁸ **Estado atribui à Receita Federal a bitributação.** O Estado de São Paulo, São Paulo, 31 de ago. 1973. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19730831-30192-nac-0039-999-40-not/busca/Botacini>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

Essas três aparições, entretanto, não chegariam perto dos maiores feitos que Botacini realizou. Nos anos de 1977 e 1978, o autor foi protagonista de duas notícias que o eternizaram como uma das figuras mais emblemáticas da história de Ribeirão Pires, rendendo-lhe, inclusive, uma reportagem no *Jornal Nacional*, da Rede Globo. A primeira delas foi uma série de polêmicas envolvendo o papado. A partir de 1977, Botacini começa a surgir novamente nos jornais, dessa vez pleiteando o cargo de Papa da Igreja Católica. Após descobrir no artigo 89 do Direito Canônico que qualquer um pode se tornar Papa, e que inclusive uma mulher chegou a ser tornar Papa e engravidar¹²⁹, tendo também todos os requisitos para ser sucessor de Paulo VI, isto é, católico, batizado, crismado e solteiro, além da possibilidade de o curso sacerdotal ser realizado após a vitória na eleição, iniciou o processo de entrada da documentação para sua candidatura ao papado e datilografou pelo menos sessenta páginas explicando a possibilidade de um leigo ser papa. O autor, que estava sendo taxado como louco, sendo referido como “Sua Santidade” por seus amigos, “um mal-sucedido político do Município de Ribeirão Pires”, que se candidatou a prefeito, vice-prefeito e deputado em Ribeirão Pires, mas “jamais foi eleito”, pela mídia, admitiu que não ia desistir dessa briga e que não se deixava levar por essas brincadeiras.

O escritor afirmou que entraria com a papelada por meio da Nunciatura Apostólica do Rio de Janeiro, e que possuía planos para reformular diversas convicções da Igreja que ele acusava serem ultrapassadas. Ele queria “evolucionar a Igreja Católica”, reivindicar um assento na ONU para o Estado do Vaticano, uma vez que ele acreditava que o menor Estado independente não se restringia somente a sua área geografia, enquanto a Igreja Católica possui fiéis no mundo inteiro, está em escolas e universidades, ou seja, é uma “organização monstro”, segundo Botacini. Além disso, Botacini acreditava que o “direito de milhões de cristãos em todo o mundo está sendo tolhido e cerceado pelo Colégio de Cardeais” e se mostrava contra as medidas de celibato impostas aos padres, que para ele resultavam em fuga sacerdotal, apresentando dados para defender sua ideia. Segundo ele, ao longo das reportagens, para cada cinco igrejas existia um padre, resultado das medidas de celibato impostas e “se a própria Igreja recomenda o casamento para seus fiéis, por que então proíbe esse mesmo casamento para seus ministros?”. A modernização do Estado do Vaticano era outra proposta apresentada, visto que o Papa é uma entidade que não tem “malícia necessária para discutir política e economia com o Presidente Carter”. Ele propõe a eleição de um Presidente da República no Vaticano, responsável pela

¹²⁹ **Vaticano—Empresa e Estado.** A Tribuna, São Paulo, p. 24, 22 de ago. 1978. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/153931_02/109947. Acesso em: 5 de jan. 2024.

administração política e econômica do Estado, enquanto o Papa se limita somente a questões de liturgia e rituais católicos. O escritor também diz que, caso não consiga chegar ao posto de Papa, tentará chegar pelo menos ao Concílio que elege o Santo Padre como o representante dos leigos.¹³⁰

Devido à real possibilidade de um leigo se candidatar ao papado, o jornal *O Fluminense*, do Rio de Janeiro, resolveu colher a opinião dos fiéis sobre o caso, que, nesse cenário, também são leigos. As opiniões divergiam, uns concordavam, enquanto outros eram contra. Um dos entrevistados assumiu que “desde que tenha condições morais e espirituais para exercer tão importante função” era possível um leigo ser Papa, mas para isso era preciso ser conhecedor da teologia, “sem isso é impossível ser Papa e dirigir 600 milhões de católicos no mundo”. Outra fiel argumenta que “acho que pode e deve. Acho que ser Papa não é uma tarefa tão difícil, não dá muito trabalho. Também acho que a Igreja não está com nada. Cada vez mais, ela perde a autoridade e a finalidade expressa por Jesus Cristo. Acho que deve sofrer uma renovação”. Outros não foram tão simpáticos com a ideia, “tá maluco ou tá brincando? Isso é até uma heresia, um sacrilégio. É uma ofensa. Não se pode admitir que qualquer um seja Papa”.¹³¹ O jornal *A Tribuna*, de São Paulo, fez o mesmo questionamento para padres de Santos. Muitos decidiram não comentar o caso, enquanto outros somente assumiam que os anseios de Botacini eram ridículos e sem nenhuma explicação lógica. Walter Denari, presidente do Centro de Formação para o Apostolado de Santos no período, disse que Botacini “estava somente tentando uma projeção pessoal”.¹³²

Mesmo sendo taxado de louco, pleiteando um cargo que para muitos estava longe do seu alcance, Botacini realizava uma ferrenha crítica à própria Igreja, lançando a sua candidatura. O escrito defendia que todos que de alguma forma integrassem a religião, tivessem o direito de votar, afinal, seria isso uma democracia. Sendo assim, o autor lutava para que “os papas fossem eleitos não somente por 120 cardeais, conforme é feito atualmente, mas sim com a participação também dos bispos, padres e leigos, já que todos esses também têm seus direitos assegurados de pertencer a lista de indicados para o cargo”. Em meio a tantas ditaduras que assolavam o mundo, Botacini criticava de forma cômica, embora nem mesmo ele admitisse, como a Igreja

¹³⁰ **Botacini. Um leigo quer ser Papa.** *Cidade de Santos*, São Paulo, n. 3.711, p. 7, 10 de nov. 1977. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/896179/58815>. Acesso em: 4 de jan. 2024 e *Político mal sucedido agora quer ser o papa.* *A Tribuna*, São Paulo, p. 4, 10 de nov. 1977. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/153931_02/102528. Acesso em: 18 de jan. 2024.

¹³¹ **Até cristãos admitem leigo no trono papal.** *O Fluminense*, Rio de Janeiro, 7 de nov. 1977. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/100439_11/49514. Acesso em: 5 de jan. 2024.

¹³² **Político mal sucedido agora quer ser o papa.** Op., cit.

Católica conduzia seus próprios assuntos enquanto condenava os regimes autoritários. Conforme Vanessa de Oliveira, em uma reportagem sobre personagens históricos de Ribeirão Pires,

A iniciativa era uma crítica ao paradoxo existente no seio da Igreja Católica, que no discurso condenava o arbítrio dos ditadores contemporâneos, mas na prática era também uma instituição anti-democrática, pois não permitia a participação dos fiéis na escolha de seus representantes religiosos e nas discussões sobre o futuro da religião.¹³³

Seu histórico de disputas com a Igreja, após o icônico episódio, não estaria por completo finalizado. Três anos após sua candidatura ao papado, Botacini retornaria ao Direito Canônico para, dessa vez, pedir a cassação do Papa João Paulo II durante sua visita ao Brasil. Em 1980, o autor critica novamente como o papado é conduzido, alegando que as eleições para escolha do Papa são antidemocráticas e que João Paulo II, eleito após sua candidatura, portanto, não foi escolhido de forma democrática e deveria ser cassado de seu cargo. O autor diz que as eleições não deveriam acontecer com votos de “apenas 120 cardeais, como corre atualmente. Existem milhões de brasileiros espalhados por todo o mundo com condições de emitir sua posição a respeito da escolha do Papa”. Botacini então conclui dizendo ser “necessária uma reformulação nas normas que regem a atual doutrina cristã muito tradicionais, para a atualidade”. Para defender sua posição, ele retorna ao Direito Canônico, propondo a modificação do artigo trinta e três que estipula as normas de eleição do Papa. Além disso, postula para que, além dos 120 cardeais, a escolha do Papa deveria contar com sumo pontífices, padres, bispos e inclusive os leigos, conforme está presente nos artigos 64, 89 e 90. A defesa de Botacini surge porque ele acredita que as comunidades cristãs é que deveriam ser as principais responsáveis pelos rumos da igreja, além de utilizar passagens de Santo Agostinho para tentar viabilizar sua argumentação. O autor encaminhou uma carta para o secretário de Estado do Vaticano, indicando as irregularidades praticadas pela Igreja Católica. Afirmou ainda que, caso não obtenha resposta, tentaria pedir a cassação do Papa durante sua visita ao Brasil.¹³⁴ Novamente, a crítica de Botacini parecia ser como a Igreja condenava as ditaduras e mesmo assim praticava atos antidemocráticos na instituição.

¹³³ DE OLIVEIRA, Vanessa, op., cit.

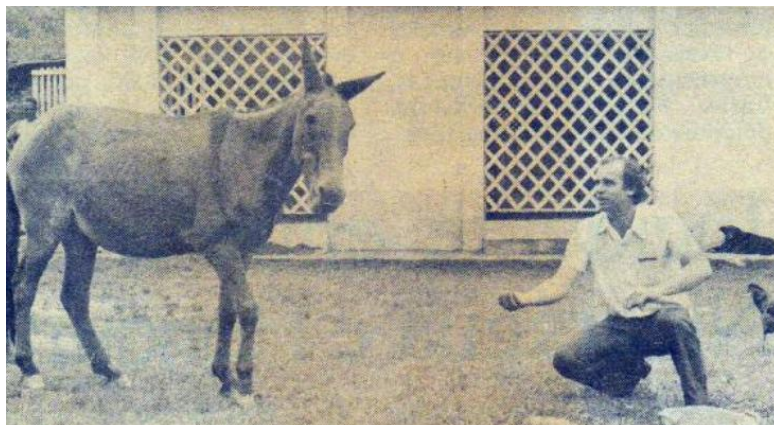
¹³⁴ A notícia rodou pelos jornais do Brasil, como no Diário do Paraná, O Fluminense, do Rio de Janeiro e Estado de São Paulo. Ver: **Paulistano excêntrico vai pedir a cassação do papa**. Diário do Paraná, Paraná, p. 2, 1º caderno, 5 de jun. 1980. <http://memoria.bn.br/DocReader/761672/142125>. Acesso em: 5 de jan. 2024; **Escritor pede para tirar Papa**. O Fluminense, Rio de Janeiro, p. 7, 5 de jun. 1980. http://memoria.bn.br/DocReader/100439_12/4119. Acesso em: 5 de jan. 2024 e **Cassação**. O Estado de São Paulo, São Paulo, 6 de jul. 1980. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19800605-32277-nac-0012-999-12-not/busca/Bottacin>>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

A segunda aparição de Botacini que renderia diversas reportagens que rodariam o Brasil inteiro, aconteceu em 1978. Trata-se de um processo que ele conduziu em Ribeirão Pires, para a aposentadoria de uma mula. Botacini encontrou a documentação de venda do animal para a prefeitura de Santo André, em São Paulo, e descobriu que a mula *Menina*, aos trinta e um anos, prestou seis anos de serviços ao município antes de ser enviada a Ribeirão Pires, onde realizou mais vinte e quatro anos de serviços, puxando o caminhão de coleta de lixo. A partir dessa descoberta, o autor entrou com a documentação na Câmara Municipal de Ribeirão Pires alegando que *Menina* já havia prestado trinta anos de contribuição.

O prefeito de Ribeirão Pires no período, Luiz Carlos, afirmou que a mula *Menina* havia sido “aposentada” e que viveria agora em uma das propriedades da prefeitura, recebendo alimentação. Mesmo assim, a mula continuaria sendo propriedade do Município e, na prática, ela não havia sido aposentada, mas sim colocada em desuso. O encarregado do canil da Prefeitura de Ribeirão Pires relata que há mais de vinte anos “quando eu cheguei aqui, ela já puxava a caçamba de lixo pelas ruas da cidade”. Além disso, seu José afirma que a mula *Menina* somente suportou todo esse tempo porque era “malandrinha” e fugia constantemente das suas obrigações. Devido ao êxito de sua façanha, Botacini afirmou em reportagem que enviaria um projeto ao Congresso Nacional, na tentativa de aposentar animais que tenham prestado de vinte e cinco a trinta anos de serviços ao homem. Junto a isso, Botacini entraria com um pedido à Câmara da cidade para que o nome *Menina* fosse dado a uma área de *camping* do município, além de uma estátua da mula “como homenagem do povo de Ribeirão Pires aos animais que trabalham para o homem”.¹³⁵

¹³⁵ **Depois de 30 anos, o descanso merecido.** A Tribuna, São Paulo, p. 18, 1 de set. 1978. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/153931_02/110285. Acesso em: 5 de jan. 2024.

Imagem 6: Botacini e a mula Menina



Fonte: Revista Folha (2011)¹³⁶

Embora o feito de Botacini pareça unicamente mais uma de suas defesas ferrenhas pelos animais ou então mais uma de suas estratégias para se impulsionar através da mídia, a aposentadoria da mula *Menina* estava repleta de uma crítica ao sistema burocrático da Previdência Social. Botacini conseguiu “aposentar” a mula em menos de dois meses, a reportagem alega que existe “funcionário velho na fila da aposentadoria há um ano ou mais e não consegue o que a mula conseguiu tão rápido. Tem gente com inveja dela”.¹³⁷

Bem antes do caso da mula *Menina*, Botacini já havia se envolvido em outra polêmica com o Instituto Nacional de Previdência Social. Ainda em 1967, o autor foi em defesa de Silma de Abreu, que após sofrer de uma apendicite aguda seguida de internação e operação de emergência, não conseguiu as guias do *INPS*, mesmo sete dias após a operação, devido à burocracia necessária para conseguir a documentação, agravada pelo fato da operação ter sido em um sábado, momento que não havia expediente no *INPS*. Botacini foi também à Câmara dos Vereadores esclarecer tudo que estava acontecendo e afirmou que entraria com um mandado de segurança para conseguir o pagamento dos benefícios à Silma.¹³⁸

Curiosamente, mesmo após defender a mula na justiça, Botacini se empenhou na fundação de uma empresa de turismo, a *Burrobrás*, na qual os turistas da cidade seriam

¹³⁶ **As peripécias de um historiador que quis se tornar Papa e aposentou uma mula**, op., cit.

¹³⁷ **Depois de 30 anos, o descanso merecido**, op., cit.

¹³⁸ **INPS não paga, a taxa é cara, salário falta**. Cidade de Santos, São Paulo, p. 6, 12 de jul. 1967. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/896179/90>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

transportados em carruagens levadas por burros, em protesto ao aumento do preço dos combustíveis na cidade.¹³⁹

O caso da mula *Menina* se tornou folclórico no município. Um mês após conseguir sua aposentadoria, como crítica aos vereadores pela concessão descontrolada do título de cidadão ribeirãopirense, Botacini inscreveu na Câmara da cidade um pedido de título de cidadã de Ribeirão Pires à mula, além de quase dez anos após sua aposentadoria, quando da morte do burro *Velocípede*, parceiro de *Menina*, demandou o pagamento de pensão a mula que agora estava viúva.¹⁴⁰ A mula *Menina* faleceu em abril de 1987, após sofrer de pneumonia. O folclórico caso de aposentadoria da mula serviu de exemplo, já que, em 1984, o prefeito de Taubaté, Walter de Oliveira, colocou três mulas em desuso após anos de serviço. Durante o enterro de *Menina*, no meio das poucas pessoas, Botacini, “protetor e amigo”, estava presente.¹⁴¹

Os episódios envolvendo Botacini não acabaram após a candidatura ao papado e a aposentadoria da mula *Menina*. Ao longo dos anos de 1980, o autor foi responsável por outras notícias que surgiram nos meios de comunicação. No ano de 1981, declarou que a Câmara Legislativa da cidade é omissa e “completamente inoperante”, opinião que era apoiada por Antônio Simões, presidente do *PMDB* na cidade no período, que argumenta que alguns vereadores da cidade são “totalmente omissos e relapsos”. Para resolver esse problema, ele propôs a fundação de uma Câmara paralela à Câmara do município, a qual ele apelidou de “Câmara do Povo”.

Botacini foi em busca de apoio dos políticos de Ribeirão Pires, já que para ele, essa Câmara seria a única forma da vontade da população ser realizada e para tanto registraria a “Câmara do Povo” no cartório de títulos. No convite que foi enviado aos políticos da cidade, o autor diz que a Câmara paralela tem o “objetivo de criar uma autodeterminação do legislativo municipal, sem tutelas ou favores, lutando e exigindo os seus direitos dentro das liberdades legais e que poderá, assim, atender a principais reivindicações dos munícipes”.¹⁴² A “Câmara do Povo” foi criada em agosto de 1981, três meses após a notícia de que Botacini estaria empenhado nesse projeto. Ele contou com o apoio de quatro dos cinco partidos de oposição da cidade, além de salientar de que nas reuniões estariam presentes os representantes de todos os bairros

¹³⁹ **Paulistano excêntrico vai pedir a cassação do papa.** Op., cit.

¹⁴⁰ DE OLIVEIRA, Vanessa, op., cit.

¹⁴¹ **Mula aposentada por merecimento morre em SP.** Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p. 8, 11 de dez. 1987. http://memoria.bn.br/DocReader/154083_04/28764. Acesso em: 5 de jan. 2024.

¹⁴² **Ribeirão Pires pretende criar uma outra Câmara.** O Estado de São Paulo, São Paulo, 11 de jun. 1981. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19810611-32590-nac-0033-999-33-not/busca/Bottacin>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

do município, sendo anunciado também a fundação da Prefeitura do Povo, para realizar em mutirão o que a Prefeitura não realiza nas periferias da cidade. Além disso, não haveria tesouraria na Câmara paralela, visto que, segundo Botacini, “não vai entrar nem sair dinheiro”. Após as eleições de presidente, vice-presidente e secretário, Botacini leu aos presentes os estatutos que regem a entidade fundada por ele, dentre elas que “são fins da Câmara do Povo, contribuir para o bem-estar da cidade, defender os direitos fundamentais dos munícipes e zelar pelos seus interesses”.¹⁴³

Mesmo podendo ser considerado um político malsucedido, já que nunca foi eleito para exercer cargos na administração pública, Botacini desempenhava outras funções além de fundador da Câmara do Povo. Em uma disputa em relação à preservação da velha estação da cidade de Ribeirão Pires, ele é descrito como “assessor do Departamento de Educação e Cultura do Município”, defendendo a preservação da estrutura externa da estação, que estaria correndo o risco de ser reformada pela empresa que detinha os direitos da estação em 1983.¹⁴⁴ Outra presença curiosa do autor aconteceu durante o período de redemocratização. Durante as manifestações do movimento *Diretas Já*, em São Paulo, enquanto diversos manifestantes protestam em favor da emenda Dante de Oliveira nas mais diversas localidades da cidade, Botacini se faz presente junto a um grupo no Largo São Francisco. Junto ao seu cavalo, *Delfim*, o autor expõe duas faixas, uma do lado direito com o dizer “largar o osso” e outra do lado esquerdo “gosto do cheiro de burro, mas prefiro diretas”.¹⁴⁵

Embora seus outros feitos o tenham rendido mais notoriedade na mídia, os livros nos quais ele alega que Hitler fugiu do *bunker* em Berlim e que outros membros do partido se refugiaram na América do Sul em vistas a reerguer o *Reich* não são, portanto, casos isolados. Quais seriam suas motivações para escrever essa série de livros? No caso da mula, ficou claro que se tratava de uma denúncia à Previdência Social, e no que se refere ao caso da candidatura e tentativa de cassação do Papa, de uma crítica à própria Igreja. É difícil pensar que a mesma pessoa que, mesmo após sofrer um derrame cerebral, perder a visão de um olho e mesmo assim continuar frequentando as sessões da Câmara Municipal, tendo jogado pizzas e galinhas em direção

¹⁴³ **Uma Câmara paralela em Ribeirão Pires.** O Estado de São Paulo, São Paulo, 7 de ago. 1981. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19810807-32639-nac-0019-999-19-not/busca/Bottacin>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

¹⁴⁴ **Ribeirão Pires pretende preservar velha estação.** O Estado de São Paulo, São Paulo, 22 de mar. 1983. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19830322-33140-nac-0016-999-16-not/busca/Bottacin>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

¹⁴⁵ **Clima de festa teve início cedo.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p. 2, 1º caderno, 17 de abr. 1984. http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/118196. Acesso em: 5 de jan. 2024.

do plenário e conseguiu um alvará para o funcionamento de uma pizzaria no local onde era o prédio da Câmara de Vereadores¹⁴⁶, foi responsável também por alimentar o imaginário social da sobrevivência do nazismo. Todos esses episódios são fundamentais para a compreensão da construção de autoridade do autor que, através dessas controvérsias, alavancava seu *status* de um intelectual excêntrico.

¹⁴⁶ As peripécias de um historiador que quis se tornar Papa e aposentou uma mula, op., cit.

CAPÍTULO 2

ROBERTO BOTACINI E GENÊROS DISCURSIVOS

A temática do nazismo se tornou muito popular na cultura de massa nas décadas de 1960 e 1970. Diversas produções midiáticas tomavam conta das imaginações dos produtores e consumidores de filmes, séries e livros. A explicação proposta pelo historiador John Lukács para esse fenômeno é a de que havia uma nova geração que não presenciou os horrores da guerra, novos documentos sobre o Terceiro *Reich* estavam disponíveis e começava a decadência da Guerra Fria, que demonstrou que a Segunda Guerra Mundial foi um evento muito mais interessante.¹⁴⁷ Já para o historiador Marcos Meinerz, que fala em “tsunami nazista”, isso ocorre também por conta da captura de Adolf Eichmann, que acaba por expor a concretude da sobrevivência de nazistas.¹⁴⁸

Conforme exposto pelo historiador Gavriel Rosenfeld, as narrativas da sobrevivência do nazismo e da criação de um IV *Reich* deixaram de ter foco na República Alemã e imaginaram uma conspiração internacional sendo gerida pelos fugitivos alemães no mundo inteiro.¹⁴⁹ Diversas produções criaram essa noção a partir de vários gêneros. “Julgamento em Nuremberg” (1961), de Stanley Kramer, segue o julgamento de nazistas em 1947; “Indiana Jones e Os Caçadores da Arca Perdida” (1981), de Steven Spielberg, se insere no gênero de *Nazisplotation*, com uma forte estetização do nazismo; “Dr. Strangelove” (1964), de Stanley Kubrick, conta por sátira a história de um cientista nazista trabalhando para os Estados Unidos, fruto da Operação *Paperclip*. Rosenfeld afirma que essas produções midiáticas foram das mais diversas e demonstram a fascinação com o nazismo que existiu na segunda metade do século passado. Para o historiador, essas obras demonstram que existia uma maior preocupação com os criminosos do que com suas vítimas, e que seguiam uma tendência de esquecer aspectos mais importantes dos crimes cometidos.¹⁵⁰

Outras produções enxergavam o nazismo a partir da lente do absurdo. “They Saved Hitler’s Brain” (1963), de David Bradley, narra a história de um grupo de oficiais que removeram

¹⁴⁷ LUKACS, 1998. p. 17 apud MEINERZ, Marcos. **O Reich de mil anos: o imaginário conspiratório da sobrevivência nazista após a Segunda Guerra Mundial**. 2018. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/56014>. p. 146.

¹⁴⁸ Ibid., p. 146.

¹⁴⁹ ROSENFELD, Gavriel. **The Fourth Reich: the specter of Nazism from World War II to the present**. New York: Cambridge University Press, 2019. p. 192.

¹⁵⁰ Ibid., p. 206.

a cabeça de Hitler após o fim do conflito e a levaram para a América do Sul, quando nos anos de 1960 seria reanimada para tentar conquistar o mundo mais uma vez e “The Boys from Brazil” (1977), de Franklin Schaffner, conta a história de um caçador de nazistas que descobre que Josef Mengele está tentando clonar Hitler em crianças no Paraguai.

Esses são alguns exemplos do que estava sendo produzido a época de Botacini. Para tanto, se faz necessário pensar as obras do autor não somente a partir das teorias da conspiração, mas identificar algumas características de outros gêneros textuais em suas obras. São elas, a História Alternativa, História Contrafactual, Romance Histórico e Ficção Científica. Podemos pensar esses gêneros de escrita a partir de algumas características centrais, são elas: apelo à autoridade, acobertamento, apelo emotivo, ceticismo radical e causa-efeito.

1.1—História, narrativa e discurso

Farei meu relatório como se contasse uma história, pois quando criança aprendi, em meu planeta natal, que a Verdade é uma questão de imaginação. O fato mais concreto pode fraquejar ou triunfar no estilo da narrativa: como a joia orgânica singular de nossos mares, cujo brilho aumenta quando determinada mulher a usa e, se usada por outra, torna-se opaca e perde o valor. Fatos não são mais sólidos, coerentes, perfeitos e reais do que pérolas. Mas ambos são sensíveis.¹⁵¹

A narrativa e o discurso são aspectos fundamentais da experiência humana. Conforme exposto por Roland Barthes, a narrativa está presente em formas quase infinitas, em todos os lugares, tempos e em todas as sociedades. A narrativa surge junto ao próprio ser humano, de forma que não existem povos sem narrativa. Segundo Barthes, “a narrativa está aí, como a vida”.¹⁵²

A narrativa é a comunicação de uma sequência de eventos ou acontecimentos, de forma que seja estabelecida uma relação significativa entre essas sequências. A construção das narrativas passa por processos de escolhas conscientes e inconscientes.¹⁵³ O historiador Hayden White aponta que a narrativa é uma solução para um problema que interessa ao homem: ela traduz o saber em relato.¹⁵⁴

Sendo a narrativa uma das formas que o ser humano alcançou para melhor compreender o mundo em que vive, os escritores que se dedicam a escrever sobre o passado elaboram o que o historiador Alan Munslow chama de “story space”. Trata-se da forma como os autores precisam imaginar o passado, que não pode mais ser experimentado, em suas narrativas. Assim, os

¹⁵¹ LE GUIN, Ursula. K. **A mão esquerda da escuridão**. São Paulo: Aleph, 2014. p. 13.

¹⁵² BARTHES, Roland. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 19.

¹⁵³ MUNSLOW, Alun. **Narrative and History**. New York: Palgrave MacMillan, 2007. p. 132.

¹⁵⁴ WHITE, Hayden. The Value of Narrativity in the Representation of Reality. **Critical Inquiry**, v. 7, n. 1, p. 5–27, 1980.

autores podem decidir os agentes do passado, o que eles disseram e o que eles fizeram, na tentativa de encontrar algumas respostas a questões previamente propostas. Sendo a narrativa um artifício humano que não carece da própria ação humana, isto é, opiniões, ideias, convicções, o “story space” é pensado por razões que não dizem respeito somente ao passado, mas principalmente por razões e explicações pertinentes aos indivíduos no presente.¹⁵⁵

O discurso representa como uma narrativa é contada.¹⁵⁶ O linguista Gérard Genette aponta que, a narrativa vive a partir da história contada, ao passo que o discurso vive da forma como o autor profere a narrativa.¹⁵⁷ Barthes assinala que os discursos possuem diversos significados e, portanto, podem ser interpretados de múltiplas formas. Mesmo um único enunciado pode possuir vários níveis de significado. Sendo o discurso um conjunto de enunciados, os significados contidos neles se sobrepõem a todo momento. Esses significados estão relacionados com como enxergamos o mundo a partir de variados critérios, como cultura e ideologia.¹⁵⁸

A narrativa e, conseqüentemente, o discurso, estão sujeitos às condições sociais. Essas condições afetam tanto a produção quanto a interpretação de um discurso. O linguista Norman Fairclough indica três graus de condições sociais que afetam um discurso: a situação social imediata em que o discurso ocorre, como uma conversa casual ou uma reunião de uma empresa; a instituição social na qual o discurso ocorre, como em um livro, em que o autor segue normas editoriais; e a sociedade como um todo, como valores culturais e ideológicos ou normas sociais.¹⁵⁹

As obras de Roberto Botacini estão, assim, inseridas em um contexto específico, repletas de valores culturais e ideológicos específicos. A delimitação dos gêneros narrativos e dos marcadores nos auxiliará a compreender diversas nuances presentes na obra do autor. Não se trata de uma análise do discurso do autor, mas de entender como suas narrativas e discursos estão repletas de pormenores que podem garantir ao autor legitimidade e autoridade no assunto.

1.2—Os gêneros narrativos

Em um primeiro momento, é importante definir como conceituaremos os gêneros narrativos que também fazem parte das narrativas dos livros de Botacini.

¹⁵⁵ MUNSLOW, op. cit., p. 18.

¹⁵⁶ Ibid., p. 132.

¹⁵⁷ GENETTE, Gérard. **O discurso da narrativa**. Lisboa: Vega Universidade, 1979. p. 27.

¹⁵⁸ BARTHES, 2011. op. cit., p. 10-11.

¹⁵⁹ FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. New York: Longman, 1996. p. 25.

A História Alternativa, *allohístória* ou *uchronia* é um tipo de literatura que pode ser facilmente ampliada e acaba por interagir com diversos temas da história. Ela está preocupada em pensar como alguns eventos, se desenrolados alternativamente, resultariam em futuros paralelos. Toda a premissa das Histórias Alternativas gira, portanto, diante da possibilidade de o passado ter ocorrido de outra forma, em pequeno ou grande grau, diferente da forma como o conhecemos. O momento que possibilita uma realidade alternativa é conhecido como o momento de “quebra”. Histórias de mundos paralelos também podem fazer parte da História Alternativa. Neles, diferentes realidades existem paralelamente por alterações no passado ou devido à existência de uma máquina que torne isso possível. Dessa forma, podemos dizer que as Histórias Alternativas fazem parte do subgênero da ficção científica.¹⁶⁰

Nas Histórias Alternativas, uma relação entre passado e presente é estabelecida e faz parte central da narrativa: o passado ocorreu de forma diferente de como conhecemos. Essa alteração do passado pode ser significativa, como uma morte que não ocorreu, ou então somente uma mera extrapolação, como a alteração de detalhes aparentemente insignificantes, mas que geram resultados improváveis.¹⁶¹ Para Rosenfeld, as Histórias Alternativas são inerentemente presentistas. A preocupação real dessas narrativas não é com o passado em si e suas possibilidades, mas sim como o autor pode utilizar desse passado para pensar o presente, tanto do ponto de vista positivo, isto é, fantasioso, como do ponto de vista do pesadelo, ou o lado negativo das coisas.¹⁶²

No que diz respeito à linguagem presente nas Histórias Alternativas, a simplicidade da forma de escrita toma conta. Por se tratar de um subgênero da Ficção Científica, a narrativa ou o *plot* são agentes centrais, portanto, o estilo de escrita busca se aproximar do ato de contar histórias, com uso de diálogos e descrições precisas. Assim, com relação à factualidade dessas histórias, certas leis da natureza e da sociedade são preservadas, ao passo que outras são inventadas para dar sustento à narrativa. Leis como a gravidade podem existir, mas caso seja necessário, o autor também cria suas próprias regras para garantir que seu desfecho faça algum sentido.¹⁶³

¹⁶⁰ HELLEKSON, Karen. **The alternate history: refiguring historical time**. Ohio: The Kent State University Press, 2001. p. 8-10.

¹⁶¹ Ibid., p. 10.

¹⁶² ROSENFELD, Gavriel. Why do we ask “what if?” Reflections on the function of alternate history, **History and Theory**, v. 41, p. 93, 2002.

¹⁶³ HELLEKSON, op. cit., p. 10

Por fim, as Histórias Alternativas descrevem narrativas que nos desafiam a abandonar as noções tradicionais de linearidade, questionando alguns processos de causa e efeito e de tempo e espaço. Esse tipo de narrativa assume explicitamente que se trata de uma fantasia. O momento de “quebra” ou “estranhamento”, isto é, quando o passado conhecido se confunde com o imaginado, é o responsável por fazer nos defrontarmos com essa quebra da linearidade, dando as Histórias Alternativas sua importância: elas conseguem transformar nosso entendimento da realidade, reconhecer a importância de agentes isolados na história e nos fazer repensar o mundo como ele é.¹⁶⁴

A História Contrafactual, diferentemente da História Alternativa, é uma forma de se pensar um passado alternativo para fins mais investigativos. Os dois gêneros se confundem, por vezes sendo vistos como análogos. Entretanto, a História Alternativa está preocupada com a mudança do passado para fins mais próximos do entretenimento, ao passo que a História Contrafactual é utilizada por uma corrente de historiadores para tentar chegar a um melhor entendimento do passado.

Para o historiador Edward Carr, as questões “e se?”, presentes nas Histórias Contrafactuais, nada mais são do que um jogo com finalidade de divertir. Para o também historiador Richard Evans, trata-se de uma forma de pensar a história em que algo que possivelmente nunca aconteceria pode acontecer.¹⁶⁵ Na escrita da História, a História Contrafactual nos ajuda a pensar o peso das contingências nos eventos históricos.

Os historiadores que recorrem à História Contrafactual buscam entender a agência humana no tempo, demonstrando a partir de alguns eventos que os seres humanos ainda possuem livre arbítrio e o passado não é dominado pela aleatoriedade.¹⁶⁶ Assim sendo, esses historiadores analisam as decisões tomadas em alguns eventos específicos e as outras opções que esses sujeitos “tomadores de decisão” possuíam são investigadas, chegando a perspectivas alternativas. Os eventos analisados precisam ser explicados enquanto momentos decisivos na história, ou seja, nem todos os eventos são passíveis de serem contados ou relevantes. Para demonstrar a importância dos eventos, a História Contrafactual apresenta um levantamento da bibliografia junto às suas pesquisas.¹⁶⁷ Dessa forma, a linguagem costumeira da História Contrafactual acaba sendo tipicamente científica, com uso de referências e notas de rodapé.

¹⁶⁴ Ibid., p. 9-10.

¹⁶⁵ EVANS, Richard. **Altered pasts: counterfactuals in history**. Massachusetts: Brandeis University Press, 2013. p. 15-31.

¹⁶⁶ Ibid., p. 48.

¹⁶⁷ Ibid., p. 64.

Esse jogo de “e se?”, entretanto, é rodeado de generalizações, portanto, as generalizações das predições são evidências para a História Contrafactual.¹⁶⁸ Evans afirma que, ao explorar como um evento poderia ter acontecido de forma diferente, a História Contrafactual acaba por deixar diversos aspectos importantes de fora, por mais minuciosa que seja a análise. Essa forma de pensar, para Evans, desconsidera eventos sociais e econômicos. A equação dos contrafactuais cria narrativas reducionistas por ignorar considerações de longo prazo.¹⁶⁹

Em uma perspectiva mais fantasiosa, temos a Ficção Científica. Esse tipo de literatura é marcado também por um momento de quebra, como a introdução de uma tecnologia fantástica ou de criaturas alienígenas. Delimitar o que é ou não Ficção Científica, entretanto, é algo complexo.

Por vezes, classificamos o que é ficção ou não a partir de partículas do trabalho, buscando propriedades que fazem parte do que é entendido por ficção. A dificuldade em relação a essa classificação, quando estamos trabalhando com ficção científica, é que o gênero, por natureza, abrange uma gama muito variada de temas. Qualificar um texto enquanto ficção científica, pode ser um problema, caso peguemos somente partes isoladas. Stacie Friend sugere olhar os trabalhos de ficção em um contexto mais amplo, principalmente no que diz respeito à leitura, escrita e crítica.¹⁷⁰

Adam Roberts percebe a importância de se pensar a SF (*Science Fiction*) dessa forma, uma vez que boa parte das obras estão inseridas em um *megatext* mais amplo. Boa parte dos leitores de um gênero específico de ficção científica já estão habituados a muitos dos conceitos e contextos presentes na obra, podendo reagir agressivamente caso se deparem com ficções científicas que não se inserem nesse *megatext* anterior a obra.¹⁷¹

A Ficção Científica possui um “ponto de diferença”, isto é, um elemento ou vários que criam a distinção do imaginado e do real. O termo utilizado por Roberts, pensado pelo crítico Darko Suvin é a palavra em latim “novum”, ou “novo”. Esse termo é usado para designar o elemento que cria a cisão entre o que é real e o que não é. Importante frisar que, no caso da ficção científica, o “novum” é algo material, como uma nave que possibilita uma viagem ou algo do gênero.¹⁷²

¹⁶⁸ BUNZL, Martin. Counterfactual History: A User's Guide. **The American Historical Review**, v. 109, n. 3, p. 845–858, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/ahr/109.3.845>

¹⁶⁹ EVANS, 2013, op. cit., p. 56-79.

¹⁷⁰ FRIEND, Stacie. VIII—Fiction as a Genre. **Proceedings of the Aristotelian Society (Hardback)**, v. 112, n. 2pt2, p. 179–209, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9264.2012.00331.x>

¹⁷¹ ROBERTS, Adam. **Science Fiction: The new critical idiom**. New York: Routledge, 2006. p. 3.

¹⁷² Ibid., p. 6-7.

Desta forma, a Ficção Científica se ancora em características materiais, físicas e racionais ao invés de usar normas arbitrárias, como o sobrenatural.¹⁷³ Esses elementos, ou o “novum”, são apresentados de forma científica, isso quer dizer que os autores buscam caracterizar uma tecnologia, por exemplo, que não existe, nos termos e modos que a ciência usualmente classifica. O que importa na ficção científica é o método científico na premissa que é apresentada, e não a possibilidade em si da premissa. Isso quer dizer que existe um cuidado com a materialização do que é apresentado nas obras, muitas vezes com descrições detalhadas.

A ficção científica possui uma mistura entre o conhecido e o estranho. Essa relação torna a ficção científica um gênero curioso para os leitores. Ao mesmo tempo, os autores apresentam pontos de convergência com a realidade, isto é, elementos que reconhecemos na nossa vida mundana, elementos “estranhos” são introduzidos na obra, desafiando o habitual e criando uma realidade imaginária.¹⁷⁴

Neste sentido, os elementos trabalhados na ficção científica são possibilidades que rodeiam o imaginário das pessoas, como a viagem no tempo, e, portanto, cativam a curiosidade. São abordados temas que, embora sejam pouco tangíveis em nossa realidade, como a vida em outros planetas, admitem uma remota possibilidade de serem reais. Assim, ela leva seus leitores a se perguntar “e se?”. A ideia dos autores é, portanto, elaborar mais pormenorizadamente essas questões.¹⁷⁵

Outro gênero a que podemos nos atentar é o Romance Histórico. Trata-se de um estilo literário cujos objetivos giram em torno da retratação de períodos históricos, sendo seus personagens fruto das singularidades do período.¹⁷⁶ Para György Lukács, no romance histórico, “trata-se da fidelidade na reprodução das bases materiais da vida em determinado período, os costumes, sentimentos e pensamentos que brotam deles”.¹⁷⁷ Isso quer dizer que o gênero procura reproduzir uma certa realidade histórica a partir de uma narrativa fantasiosa, mas fortemente ancorada na realidade.

A importância da âncora na realidade histórica é explicitada pelo filósofo e crítico literário Frederic Jameson que afirma que o Romance Histórico representa períodos paradigmáticos para a sociedade, isto é, revoluções, guerras, o nascimento de Cristo ou qualquer outro

¹⁷³ Ibid., p. 5.

¹⁷⁴ Ibid., p. 7-9.

¹⁷⁵ Ibid., p. 9-12.

¹⁷⁶ LUKÁCS, Gyorgy. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 33.

¹⁷⁷ Ibid., p. 206.

evento que tenha deixado marcas significativas na sociedade.¹⁷⁸ Assim, o romance histórico trata de um evento axial, no qual todos os eventos que o sucedem se derivam dele. A figura dos personagens presentes nesse evento adquire certa importância, mas o próprio evento é que guia a narrativa romanesca, visto que ele impacta a vida coletiva das pessoas. Jameson afirma que a importância desse evento se dá porque ele quebra as barreiras da experiência individual.¹⁷⁹

Mesmo assim, o romance histórico não privilegia a experiência individual ou a coletiva (o evento) e vice-versa, mas sim a relação entre as duas. Jameson indica, portanto, o que não é romance histórico: a representação de importantes eventos históricos, a história da vida de indivíduos comuns e a vida de importantes figuras históricas. O romance histórico pode ter todos esses aspectos presentes, desde que sob um contexto histórico, utilizando personagens. A relação de todas essas características é que dá vida ao romance histórico, que necessariamente reinventa essas relações em cada obra, não sendo possível a repetição dessas configurações, já que elas precisam ser constantemente recriadas.¹⁸⁰

1.3—Os marcadores

Para um melhor entendimento das obras de Botacini, definimos marcadores, isto é, características que podem, ou não, estar presentes nos gêneros literários descritos. São eles: apelo à autoridade, acobertamento, apelo emotivo, ceticismo radical e causa-efeito.

Os marcadores foram delimitados a partir de características importantes na elaboração de textos especulativos que se apresentam enquanto verdade. O “apelo à autoridade” marca o uso de referências, notas de rodapé e testemunhos, características que garantem ao autor legitimidade em sua escrita; “acobertamento” diz respeito a possibilidade de existência de instituições que trabalham em segredo; “apelo emotivo” garante engajamento dos leitores, visto que esses se sentem cativados pela narrativa; “ceticismo radical” denota o constante estado de dúvida, de incerteza, e a necessidade de provar que certos aspectos de um determinado evento são falsos; e “causa-efeito”, que marca a existência de estruturas de explicações para acontecimentos a partir de enunciados reducionistas.

A partir dos gêneros textuais e dos marcadores apresentados, elaboramos uma tabela com os dois elementos e suas respectivas incidências nos gêneros textuais. Verde marca a

¹⁷⁸ JAMESON, Frederic. O romance histórico ainda é possível? **Novos estudos. CEBRAP**, v. 77, p. 185–203, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/xDSWf78FZTqyfnhBdgSvtpB/?lang=pt>

¹⁷⁹ Ibid., p. 192.

¹⁸⁰ Ibid.

presença do marcador no gênero textual, amarelo a presença em menor intensidade e vermelho pouca ou nenhuma incidência.

Tabela 1: Gêneros textuais e marcadores

	História Alter-nativa	História Contra-factual	Romance Histó-rico	Ficção Cientí-fica
Apelo à autori-dade				
Acobertamento				
Apelo emotivo				
Ceticismo radi-cal				
Causa-Efeito				

Fonte: Elaboração do autor

1.4—Apelo à autoridade

O marcador “apelo à autoridade” descreve características presentes nas obras do autor que garantem algum tipo de credibilidade aos livros. Botacini utiliza traços comuns à escrita científica, praticada nas universidades, para que seus livros se assemelhem a uma pesquisa produzida por um acadêmico. Dentro desse marcador, destacamos as “referências” utilizadas pelo autor, as “notas de rodapé” e o uso de “testemunhas” ao longo de seus textos.

O uso das três características mencionadas é um traço típico no discurso de obras que buscam transparecer cientificismo. As “referências” e as “notas de rodapé” aparecem como a prova de que um levantamento do que está sendo exposto, neste caso, a sobrevivência de criminosos de guerra, colaboracionistas e o partido nazista, foi realizado. Desta forma, o autor referencia livros e documentos que garantem alguma credibilidade às suas obras, já que, visto por um público não especializado, garante autoridade aos livros e ao escritor. O uso de “testemunhos” é outra forma de garantir credibilidade às obras e ao autor. Embora exista um longo debate acerca das diferenças entre a História, memória e testemunho, a garantia da existência de um indivíduo que vivenciou os pormenores da guerra, do partido nazista e seus momentos finais, é tido como garantia da verdade.

O “apelo à autoridade” é aspecto presente na História Contrafactual visto que, enquanto objeto de estudo da História, o uso de referências e notas de rodapé se fazem necessários, ao passo que os testemunhos surgem conforme a necessidade da pesquisa.

Ao longo dos livros “Onde estará Hitler?” e “Nazistas na América”, publicados em 1964; “A fuga de Hitler”, de 1965; “Peron: a volta do nazismo”, de 1973 e “O nazismo sobrevive ao Terceiro Reich”, de 1977, o marcador “apelo à autoridade” aparece nas obras de Roberto Botacini, criando uma atmosfera de aparente cientificidade aos seus livros. Nos livros analisados, o marcador surge 69 vezes. O conjunto de uma “referência” seguida de uma “nota de rodapé” aparece 35 vezes. Se contarmos separadamente, temos 59 ocorrências de “referências” e 46 de “notas de rodapé”.

O livro “Onde estará Hitler?” é o único que conta com um espaço ao final do livro dedicado às referências bibliográficas. Os textos consultados são: Hitler, de Pierre e Renée Gosset; Anatomia de uma Tirania de Herman Zuercher; História da II Segunda Mundial de Edgar Mac Innis; Ascensão e Queda do III Reich de William L. Shirer; *The Last Days of Hitler* (referenciado como *The Days of Hitler*) de Hugh Trevor Roper; Documentos do Processo (Tribunal de Nuremberg) e Falas do advogado de defesa de Adolf Eichmann, Robert Servatius.¹⁸¹

Nos demais livros, a referência é feita no corpo do texto ou então através de nota de rodapé. Em “Perón: a volta do nazismo”, Botacini indica que o seguinte trecho foi escrito após a consulta a uma das obras do historiador Robert Potash, embora não indique a obra nem a página:

O historiador Robert Potash, que teve acesso a documentos ainda inéditos, demonstrou que o imperador da GOU foi Perón, contrariando assim a tese de que o ambicioso coronel tomou a chefia da organização quando ela se expandia e modificou para seu proveito os princípios que o dirigiram.¹⁸²

Nesse caso, a referência é realizada no corpo do próprio texto. Já no livro “O nazismo sobrevive ao Terceiro Reich”, Botacini indica as obras consultadas no início do capítulo:

Baseado em documentos dos arquivos do autor, nas cartas de Adolf Eichmann, publicadas na Espanha sob o título “Minha Verdade” e nos documentos publicados por Juracy Costa em “O IV Reich”.¹⁸³

Entretanto, o autor não realiza a referenciação corretamente ao longo do capítulo.

As “notas de rodapé” aparecem similarmente. Em “Onde estará Hitler?”, o autor, logo no início do livro, dedica uma nota de rodapé para explicá-las ao leitor, dizendo: “os números que aparecem no final das sentenças, entre aspas, determinam as obras consultadas. No final do

¹⁸¹ BOTACINI, Roberto. **Onde estará Hitler?** São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1964a. p. 119.

¹⁸² BOTACINI, Roberto. **Perón: a volta do nazismo.** São Paulo: Combrig, 1973. p. 15.

¹⁸³ BOTACINI, Roberto. **O nazismo sobrevive ao Terceiro Reich.** São Paulo: Combrig, 1977. p. 42.

livro, estas obras estão enumeradas”.¹⁸⁴ Essa necessidade pode significar que Botacini possuía um público-alvo em mente, no qual não estaria familiarizado com esses pormenores.

A maioria das referências que aparecem ao longo dos livros estão relacionadas aos momentos em que o autor narra os dias finais da guerra. A estrutura dos livros segue uma organização similar neles todos: começam com uma breve introdução aos supostos mistérios sobre o fim do partido nazista, seguido de uma narração da queda do *Reich* ou a vida de algum criminoso de guerra, ocupando a primeira metade dos livros, e por fim, as hipóteses do autor sobre o fim dos criminosos. Sua principal testemunha e algumas das obras consultadas são o que nos chama a atenção.

Nos três primeiros livros, “Onde estará Hitler?”, “Nazistas na América” e “A fuga de Hitler”, o principal agente responsável pelas informações que o autor nos apresenta é Enrico Stainer. Stainer é, portanto, a “testemunha” evocada por Botacini para garantir credibilidade nos seus livros, dedicando capítulos inteiros à suposta testemunha.

Enrico Stainer ou Erik Steiner, as duas grafias aparecem em diferentes momentos, surge pela primeira vez nos agradecimentos de “Onde estará Hitler”, de 1964, livro que inaugura a bibliografia do autor na temática.¹⁸⁵ Botacini alega ter conhecido o sujeito enquanto era jogador de futebol, entre 1953 e 1955, já que Stainer frequentava os estádios. Além disso, a testemunha comerciava *souvenirs*, tendo presenteado Botacini com “duas moedas alemãs, sendo uma da época Hitleriana e que estava já recolhida, pois, possuía o emblema da ‘Cruz Vermelha’”.¹⁸⁶ Por ter lutado na Segunda Guerra Mundial, Stainer saberia o paradeiro de alguns criminosos de guerra desaparecidos, assunto que interessava Botacini e razão pela qual os dois mantinham conversas, mesmo que o autor, na época, não levasse a sério os comentários de Stainer.

Após a publicação de pesquisas a partir dos depoimentos do Tribunal de Nuremberg, Botacini afirma que começou a notar semelhanças em fatos descritos pelos depoentes com comentários realizados por Stainer. Ainda em “Onde estará Hitler?”, o autor diz que sua testemunha desapareceu misteriosamente, e mesmo após consultar pelo nome de Stainer na Delegacia de Estrangeiros no D.O.P.S, não encontrou nada.¹⁸⁷

Anos após publicar os três primeiros livros, em 1972, Botacini aparece em três matérias jornalísticas em diferentes jornais, esclarecendo melhor o paradeiro de Stainer. Botacini diz que

¹⁸⁴ BOTACINI, 1964a, op. cit., p. 24.

¹⁸⁵ Ibid.

¹⁸⁶ Ibid., p. 97. Trata-se de uma nota de rodapé.

¹⁸⁷ Ibid., p. 97-99.

seu testemunho “que dizia chamar-se Erik Steiner e que confessava ter sido soldado da *Wehrmacht*, entre um aperitivo e outro, num modesto botequim do bairro da Mooca, fez-me uma série de revelações que o tempo se encarregou de mostrar-me o quanto espantosas elas eram”. Botacini diz ainda que Stainer revelou que muitos criminosos estavam escondidos em Buenos Aires, como Martin Bormann e Josef Mengele, muito antes da captura de Adolf Eichmann. Disse também que o *Führer* ainda estava vivo. Por fim, Botacini afirma que anos após perder Stainer de vista, enquanto pesquisava arquivos fotográficos de jornais da Segunda Guerra Mundial, percebeu que sua testemunha era Heinrich Muller, último chefe da Gestapo, que era dado como morto até então.¹⁸⁸

Um ano depois, quando publica “Perón: a volta do nazismo”, em 1973, volta a falar da figura de Stainer ou Muller. Nessa ocasião, o autor aparenta ter esclarecido o misterioso sumiço da figura. Stainer teria fugido do Brasil em direção à Espanha, tendo sua última aparição no país na Ilha de Maiorca, e em sequência se refugiado em Cairo, no Egito, tendo sido visto no país em 1962.¹⁸⁹

A figura do ex-soldado levanta dúvidas. Além das próprias afirmações do autor, nenhuma outra evidência de sua existência ou confirmação de identidade é apresentada. Mesmo assim, a misteriosa figura é utilizada enquanto uma testemunha, tornando os argumentos do autor mais factíveis aos leitores. A escolha de um ex-combatente do exército alemão pode ser explicada a partir das reflexões do historiador Richard Hofstadter. Os livros de Botacini a todo momento se assemelham a teorias da conspiração, sendo assim, essas teorias são tão secretas que seria impossível para um indivíduo normal conseguir qualquer informação relevante sobre a conspiração. Nesse âmbito, surge a figura do renegado, personagem que fazia parte em alguma escala da conspiração e, por qualquer motivo que seja, decidiu abandoná-la. O renegado se torna o pilar do conspiracionista, sendo ele muitas vezes sua fonte primária de informações. O renegado surge para Botacini como uma “prova viva de que todas as conversões não são feitas pelo lado errado. Ele traz consigo a promessa de redenção e vitória [tradução nossa]”.¹⁹⁰

¹⁸⁸ O trecho está transcrito nas três reportagens, ver: Ex-chefe da Gestapo revelou ao escritor que Hitler está vivo. O Fluminense, Rio de Janeiro, 7 de jul. 1972. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/100439_11/8572. Acesso em: 5 de jan. 2024; Brasileiro que pesquisa o paradeiro de nazistas já publicou três livros. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 9 de jul. 1972. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/239150. Acesso em: 5 de jan. 2024 e “Hitler não morreu em Berlim”. A Cidade, Santa Catarina, 5 de jul. 1972. <http://memoria.bn.br/DocReader/882860/23111>. Acesso em: 5 de jan. 2024.

¹⁸⁹ BOTACINI, 1973, op. cit., p. 37.

¹⁹⁰ HOFSTADTER, Richard. **The paranoid style in american politics and other essays**. Massachusetts: Havard University Press, 1996. p. 29-32.

Com relação às obras que compõem as seções dos livros dedicadas a apresentar novas perspectivas do paradeiro de criminosos de guerra como Hitler e Martin Bormann e as supostas organizações nazistas de resgates de nazistas, elas fazem parte do campo das teorias da conspiração e da ficção. O autor utiliza quatro obras para explicar as rotas de fuga dos criminosos, são elas: “Técnica de uma Traição: Juan D. Peron y Eva Duarte, agentes del nazismo em la Argentina”¹⁹¹, de Silvano Santander, publicado em 1955; “O IV Reich: O ressurgimento do nazismo”¹⁹², de Juracy Costa, publicado em 1969; “O depoimento do SS Altmann=Barbie”¹⁹³, de Ewaldo Dantas Ferreira, publicado em 1972; e “O Dossiê Odessa”¹⁹⁴, de Frederick Forsyth, publicado em 1972. O livro e as ideias de Silvano Santander aparecem nas cinco obras de Botacini, ao passo que os demais estão presentes somente em “Perón: a volta do nazismo” e “O nazismo sobrevive ao Terceiro Reich”, já que não haviam sido publicados quando o autor escreveu seus três primeiros livros.

As contribuições dessas obras aos argumentos de Botacini serão discutidas nos capítulos seguintes. É importante ressaltar que a maioria das ideias presentes nas obras do autor não são originais. A chegada de nazistas nos submarinos U-530 e U-977 ainda em julho e agosto de 1945; a existência de uma suposta organização de ex-membros da SS, a Odessa; o uso de um sócio no lugar de Hitler; a fuga de Martin Bormann; ou as listas de nomes de industriais alemães que transferiram suas riquezas para fora da Alemanha são conceitos e ideias que antecedem os livros de Botacini, e, portanto, se inserem em uma tradição literária de explicação para o fim do *Reich* e o desaparecimento de indivíduos ligados a ele, garantindo a Botacini autoridade e o título de especialista em criminosos de guerra.

1.5—Acobertamento

Quando pensamos em mistérios sem explicações concretas, uma das possibilidades de resolução é que alguém está mantendo esse mistério em segredo. O marcador “acobertamento” se refere à crença de que uma autoridade muito poderosa ou o governo não estão revelando alguma coisa. Essa característica pode surgir parcialmente na História Alternativa e na Ficção Científica. Se considerarmos que diferentes resultados podem surgir a partir da mudança de

¹⁹¹ SANTANDER, Silvano. **Técnica de una traición**. Buenos Aires: Edicion Argentina, 1955.

¹⁹² COSTA, Juracy. **O IV Reich: O ressurgimento do nazismo**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

¹⁹³ DANTAS, Ewaldo. **O Depoimento do SS Altmann=Barbie**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

¹⁹⁴ FORSYTH, Frederick. **O Dossiê Odessa**. Rio de Janeiro: Record, 1972.

algum evento no passado, a revelação de documentos ou indivíduos mantidos em segredo pode ser o motivo dessa mudança. Botacini alega ter contato com documentos “secrets” ou que não foram revelados a público. Dessa forma, a “História” precisa ser reescrita considerando essas fontes até então desconhecidas.

Ao longo de seus livros, o autor recorre à estratégia do “acobertamento” 15 vezes. Como os argumentos se repetem de um livro para o outro, contabilizamos somente uma incidência caso o mesmo tipo de “acobertamento” surja nos livros. Os principais argumentos que Botacini utiliza para explicar que algo está sendo escondido das pessoas são: os Aliados propositalmente desapareceram com alguns criminosos de guerra visto que as declarações desses sujeitos poderiam ser comprometedoras; os nazistas possuem obras de arte e tesouros no mundo inteiro, usadas por industriais para financiar as organizações de resgate aos nazistas; empresas alemãs, sabendo que perderiam a guerra, deslocaram suas riquezas para outros países e continentes para continuar dando suporte ao partido nazista; as análises dos supostos restos mortais do *Führer* estão cobertas de contradições; existem outras versões para a morte de Hitler ignoradas pelas autoridades; A “Odessa” possuía cinco tarefas secretas; A “Odessa” trabalhou em conjunto com a *CIA*; e Juan Perón era um fantoche da “Odessa”.

O uso da estratégia do “acobertamento” é importante para garantir autoridade ao autor. Embora a historiografia acerca da última guerra e do nazismo estivesse dando seus primeiros passos, apresentar perspectivas diferentes, mesmo que falsas, do que estava na ordem do dia conferia credibilidade a Botacini. As revelações apresentadas, embora não originais, eram novidades para a maioria do público brasileiro.

Para explicar como as organizações nazistas eram financiadas, Botacini faz, em todos os livros, uma extensa descrição de como os tesouros nazistas estavam sendo escondidos. O autor relata que existem “vários documentos que revelaram muitos segredos; entre eles, um arquivo contendo cópias de diversos documentos secretos, até agora não revelados”.¹⁹⁵ Em um desses supostos documentos, o autor alega ter sido descoberta uma reunião secreta de vários industriais que já previam a derrota da Alemanha, portanto, estavam discutindo para onde enviar suas riquezas. Somente mencionando a existência de documentos e sem citá-los, Botacini detalha os locais onde as firmas iriam se estabelecer no pós-guerra detalhadamente, sendo “750 firmas na França, 58 em Portugal, 112 na Espanha, 35 na Turquia, 98 na Argentina — entre elas

¹⁹⁵ BOTACINI, Roberto. **Nazistas na América**. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1964b. p. 23.

a Corporação Capri — 240 na Suíça, 26 no Brasil e as restantes na América Central”.¹⁹⁶ Essas riquezas, transferidas para locais em todo o mundo, “ocultada pelos líderes da Alemanha Nazista, hoje está investida em grandes grupos industriais, proporcionando lucros fabulosos, os quais servem para financiar constantes fugas de ex-oficiais alemães”.¹⁹⁷

Importante para a construção das narrativas do autor é contrair o que está estabelecido no senso comum. A historiografia demonstrou que Hitler e Eva Braun se suicidaram no *bunker*, porém, em uma perspectiva na qual o IV *Reich* será erguido, a possibilidade de que Hitler sobreviveu ao fim do conflito é importante. O autor relata que, a partir de “grande quantidade de documentos”, os americanos reconstituíram uma versão dos momentos finais no *bunker*. Essa versão, entretanto, não “agrada a Moscou. Os russos sempre procuraram dificultar as investigações”, além disso, os “dois especialistas que fizeram os dentes postiços de Hitler, foram enviados a Moscou e nunca mais se teve notícias deles”. A conclusão de Botacini é que o “Serviço Secreto dos Soviéticos havia aprisionado os dois cirurgiões, para que estes não divulgassem que os dentes encontrados e analisados não eram os de Hitler”.¹⁹⁸

Por fim, um último exemplo que ilustra o acobertamento de entidades poderosas à sobrevivência dos nazistas. Devido ao sentimento anticomunista nos Estados Unidos, fruto da Guerra Fria, os nazistas e a “Odessa” teriam percebido que era possível tirar proveito dessa situação. A organização de resgate de criminosos de guerra teria trabalho em conjunto com a *CIA*, vendendo e trocando informações em troca de proteção. Dessa forma, os remanescentes nazistas conseguiram refúgio na América Latina e no Oriente Médio.¹⁹⁹

1.6—Apelo emotivo

O apelo às emoções é uma técnica utilizada pela História Alternativa, Romance Histórico e Ficção Científica. Trata-se da tentativa de engajar os leitores a partir de elementos narrativos que evoquem empatia, raiva, alegria ou outros sentimentos em contato com o texto. Discorrer sobre as mazelas de uma personagem, por exemplo, para então apresentar uma conclusão em que ela saia vitoriosa da situação, é uma forma de criar empatia ao personagem ao longo da leitura.

¹⁹⁶ Ibid., p. 24.

¹⁹⁷ Ibid., p. 17.

¹⁹⁸ Ibid., p. 35.

¹⁹⁹ BOTACINI, 1977, op. cit., p. 63.

Foram identificadas, ao longo dos livros, 7 ocorrências de “apelo emotivo”. Essas ocorrências são marcadas por algum desses aspectos: detalhamento exagerado de algum episódio; interatividade com o leitor, propondo perguntas diretas a ele; declarações que escancaram o apego do autor as possibilidades apresentadas nos livros e a atenuação da responsabilidade de alguns dos crimes cometidos na guerra.

O “apelo emotivo” nas obras de Botacini pode ir além de somente criar uma conexão sobre o tema da sobrevivência do nazismo entre o autor e o leitor. Em “A fuga de Hitler”, Botacini discorre sobre os momentos finais do *Führer*, e para tanto, utiliza supostos trechos de depoimentos de indivíduos que estavam presentes nos dias finais de abril de 1945. Antes de apresentar os depoimentos, entra em contato com o leitor dizendo: “No trecho seguinte pedimos a atenção do leitor para os depoimentos de Kempka, Linge e outras pessoas, e que verifiquem as contradições existentes nas declarações tomadas em separado”²⁰⁰. Em seguida, o autor demonstra algumas ambiguidades dos depoimentos, criando a sensação de que tudo que havia dito não passa de uma enganação, e que ele possui o conhecimento necessário para desvendar esse mistério.

O autor continua abordando outros depoimentos acerca do fim de Hitler, passando pelas versões russas do caso. Relata o depoimento de um sujeito chamado coronel Klimenko que alega ter encontrado os corpos de Hitler e Eva Braun, carbonizados, nos destroços do *bunker*. Mesmo antes de apresentar o depoimento do coronel, Botacini diz: “decorridos vinte anos do término da guerra, surge outro ‘descobridor’ do cadáver de Hitler; mais uma mentira a ser juntada ao rosário das já existentes”. Ao terminar de apresentar essa versão, conclui dizendo que “podemos observar que o coronel russo Klimenko esquece que todo mentiroso precisa ter boa memória”.²⁰¹

A linguagem usada por Botacini na exposição dessa versão da morte de Hitler contém nuances de apelo emocional. A dramaticidade a partir de termos como “descobridor” entre aspas e “mentira” e “mentiroso” em ambas as passagens garantem que não existem dúvidas de que o testemunho do coronel é falso.

Ao final desse capítulo, o autor termina declarando que as afirmações dos coronéis servem para “reforçar que de fato nada se sabe ainda o que de verdadeiro se passou no ‘bunker’”. Segue questionando “a todos os ‘descobridores’ dos cadáveres de Hitler e Eva Braun, porque

²⁰⁰ BOTACINI, Roberto. **A fuga de Hitler**. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1965. p. 24.

²⁰¹ Ibid., p. 27-31.

motivo não localizam o local e não efetuam a exumação dos ossos”, e termina respondendo a própria questão, já que “Hitler escapou de Berlim a bordo de um avião na noite de 30 de abril de 1945”.²⁰² Dessa força, Botacini cria uma atmosfera de medo, visto que no restante do livro apresentará argumentos para reforçar a ideia de que Hitler está vivo, tendo em suas mãos o conhecimento necessário para localizar o líder do partido. As declarações permitem evocar um sentimento de indignação com a injustiça, já que diversos criminosos estariam soltos e se articulando, sendo Botacini um corajoso desbravador, revelando a verdade, escondida, e combatendo a impunidade.

Outros trechos escritos pelo autor manifestam emoção, e talvez indiquem que era essa a sensação que ele queria transmitir aos leitores. Em “Nazistas na América”, após abordar sobre os dois submarinos que teriam transportados riquezas e nazistas e a existência de alemães na Argentina, termina o capítulo declarando que “somos pela suposição que tem apaixonado toda a Europa e o mundo, ou seja, a fuga e a sobrevivência de Adolf Hitler, na América do Sul, onde hoje viveria ao lado de Eva Braun e de alguns fiéis oficiais e soldados remanescentes da Wehrmacht e de divisões blindadas, encarregadas de proteger o fuhrer”.²⁰³ Um desses oficiais seria Martin Bormann, cuja a morte, segundo Botacini, seria somente uma encenação para que a eminência parda pudesse desaparecer. Ao fim do capítulo em que descreve como essa morte fictícia teria acontecido, o autor conclui dizendo que “alguma parte do mundo, vive alguém solitário; alguém, cujo desaparecimento representa um dos mais espantosos mistérios de nossa época: o paradeiro ou fim de Martin Bormann”.²⁰⁴

A atenuação da responsabilidade dos crimes cometidos é um tema que surge nas obras do autor. Alguns trechos podem demonstrar que Botacini possuía uma visão polêmica sobre os criminosos, e essas passagens são imbuídas de apelo emocional. No livro “O nazismo sobrevive ao Terceiro Reich”, Botacini aborda o caso do oficial da SS, Klaus Barbie. Após discorrer sobre o nazista, conclui dizendo que

deve mesmo um homem pagar por ‘crimes em série’ sob a responsabilidade do Estado? Altmann era um soldado e matou cumprindo ordens, isto equivale a dizer que matou, fuzilou, suplicou, perseguiu em função do dever [...] foi conquistando degraus na escala das atribuições importantes, como um indivíduo modesto que se identifica com os problemas do patrão.

²⁰² Ibid., p. 32-33.

²⁰³ BOTACINI, 1964b, op. cit., p. 27.

²⁰⁴ Ibid. p. 49.

O autor então continua dizendo que os “crimes não começaram com ele nem começaram por ele” e conclui argumentando que o “mundo capitalista, contraditoriamente, desejava a ‘guerra-santa’ que Hitler levaria contra a União Soviética, para acabar com o comunismo. Portanto, Hitler era-lhe necessário, com tudo que de ignóbil implicasse”.²⁰⁵

Finalmente, algumas dessas palavras já haviam sido ditas no livro “Onde estará Hitler?”. Trata-se, conforme referenciado pelo autor, de declarações de Servantius, advogado de Adolf Eichmann e que também atuou no Tribunal de Nuremberg.²⁰⁶ O autor parece coadunar com essa perspectiva ao passo que transfere a culpa dos criminosos para o sistema, podendo levar os leitores a refletirem sobre a existência de um inimigo maior.

1.7—Ceticismo radical

O “ceticismo radical” marca a presença de ideias que manifestam um ceticismo não saudável. A ciência é escrita a partir da dúvida. Os livros de Botacini são repletos de questões, assim como uma pesquisa acadêmica. As dúvidas e soluções encontradas pelo autor, entretanto, partem quase sempre de premissas radicais. De um lado, as questões elaboradas pelo autor sugerem possibilidades extraordinárias, como a existência de uma sócia de Hitler, ou até mesmo que o *Führer* tem um filho não declarado.²⁰⁷ Do outro, a solução possível para o desaparecimento de figuras importantes do regime é a existência de uma organização secreta imbuída de proteger esses indivíduos.

O “ceticismo radical” é encontrado na História Alternativa e na Ficção Científica, visto que a existência de possibilidades extraordinárias é útil na elaboração de uma narrativa especulativa. Botacini apresenta em seus livros possibilidades que assemelham aquelas existentes nos dois gêneros. Isso pode ser explicado se olharmos para suas referências. Além de livros que se aproximam das “teorias da conspiração”, uma de suas principais referências nos dois últimos livros é “O Dossiê Odessa”, de Frederick Forsyth.²⁰⁸

O livro de Forsyth, publicado em 1972, tornou famoso o mito de uma grande organização de resgate aos nazistas, a “Odessa”. O autor deixa claro que se trata de um livro de ficção.

²⁰⁵ BOTACINI, 1977, op. cit., p. 13-14.

²⁰⁶ BOTACINI, 1964a, op. cit., p. 86-87.

²⁰⁷ O trecho de um suposto filho de Hitler aparece quando o autor apresenta a existência de uma foto de uma criança. As similaridades com o *Führer* teriam surpreendido as autoridades, tornando possível a existência de um filho não declarado. Ver: BOTACINI, 1964b, op. cit., p. 39.

²⁰⁸ FORSYTH, 1972, op., cit.

A trama do livro gira em torno de um jornalista investigativo que segue uma pista após o suicídio de um judeu na Alemanha Ocidental e acaba se deparando com a organização. A “Odessa” é descrita por ele como a “Organização dos Ex-Membros da SS” e possui a missão de proteger os ex-membros do partido.²⁰⁹ As principais características da “Odessa” expostas por Botacini são as mesmas que Forsyth apresenta a partir de uma narrativa ficcional. Botacini apresenta, além da Odessa, outros supostos grupos:

Organizações como a ‘Nova Odessa’, ‘Der Spinne’, ‘Camisas Negras’ ou ‘Tacuara’, que congregam elementos filiados a Internacional Nazista, estão agindo em todos os pontos do mundo. Além da proteção aos sobreviventes do Reich de Hitler, cuidam da administração dos bens dos Partido Nazista e, da grande fortuna *acomulada* durante a II Guerra Mundial, tesouro este, hoje empregado em várias indústrias, que, se espalham por todo o mundo, representando um poderio econômico que poderá propiciar o surgimento do nazismo.²¹⁰

Essas organizações eram financiadas pelos espólios da guerra, e esses grupos teriam começado a “a atuar, assim, desde o primeiro dia da paz, como teias invisíveis, primeiro na sua tarefa de salvar criminosos de guerra, depois para a reconstrução da ‘nova ordem’ imaginada por Hitler”.²¹¹

O ceticismo que observamos nas obras de Botacini, além de se aproximar dos gêneros especulativos da literatura, assemelha-se às teorias da conspiração. No “Manual das Teorias da Conspiração”, escrito por Stephan Lewandowsky, a letra “O” representa o que os autores chamam de *Overriding suspicion* ou Suspeita absoluta. Nessa característica das teorias da conspiração, o autor da obra tenta invalidar as narrativas aceitas enquanto oficiais. Nesse sentido, apresentar as supostas evidências e descrever como Hitler fugiu do *bunker* ou como os nazistas estão se organizando não é possível sem uma descaracterização completa do que é aceito enquanto oficial.²¹³

Nos livros de Botacini, contamos a presença do marcador “ceticismo radical” em 21 ocasiões. Os argumentos do autor se repetem com frequência nos livros, dessa forma, consideramos somente a primeira vez que cada argumento aparece.

No livro “Onde estará Hitler?”, o autor apresenta a versão oficial do suicídio de Hitler e em seguida apresenta a “a morte de Hitler (versão n.º 2)”, em que Hitler teria sido morto pelos seus oficiais. Logo após, apresenta as contradições em ambas as versões a partir de supostos

²⁰⁹ MEINERZ, 2018, op., cit.

²¹⁰ BOTACINI, 1973, op., cit., p. 5.

²¹¹ BOTACINI, 1977, op. cit., p. 48.

²¹³ LEWANDOWSKY; COOK, 2020.

depoimentos, concluindo que não se sabe ao certo o que aconteceu com os corpos de Hitler e Eva Braun.

A conclusão para o estado de incógnita dos corpos de ambos é construída a partir de um ceticismo exagerado em relação aos depoimentos. O autor apresenta os supostos depoimentos de Erich Kempka e Heinz Linge, presentes no *bunker* em abril de 1945, e esmiúça os detalhes para chegar ao desfecho. Kempka teria dito que os ossos de Hitler e Eva Braun não foram encontrados porque foram eliminados pela artilharia russa. Porém, segundo o depoimento de Kempka, eles teriam sido colocados em uma cratera aberta por uma granada e que, segundo o autor, é “local considerado como um dos melhores abrigos durante um bombardeio de canhões”.²¹⁴ Essa linha de pensamento se repete nos demais livros, sendo a explicação do autor para a impossibilidade de se saber ao certo o fim dos corpos.

Após essa exposição, o autor segue nos livros descrevendo as possibilidades de fuga dos nazistas. A teoria que mais é reforçada ao longo dos livros é de que a fuga teria se dado via Espanha, visto que o *Führer* era amigo de Francisco Franco, ditador espanhol.

A explicação para que Hitler nunca tenha sido capturado é construída a partir do ceticismo radical. O autor afirma em “Nazistas na América” que “na Espanha [...] Hitler foi asilado por Franco, de quem era amigo íntimo e, após sofrer uma operação plástica, embarcou, juntamente com Bormann e outros líderes, a bordo de um submarino que os deixou na Argentina, onde clandestinamente, desembarcaram”.²¹⁵ Portanto, Hitler teria passado por cirurgias plásticas que alteraram sua fisionomia. Essa teoria parece fazer sentido para o autor, visto que ele apresenta em “Onde estará Hitler?” que sua principal testemunha, Enrico Steiner, teria dito em uns de seus comentários que “cirurgiões plásticos empreenderam a fuga juntamente com Hitler. O que lhe facilitaria uma operação”.²¹⁶

O ceticismo exagerado é uma forma encontrada pelo autor para gerar dúvidas em seus leitores. A partir do levantamento de suposições radicais, as narrativas do autor fazem com que seus leitores tenham desconfiança nas “narrativas oficiais”, descaracterizando-as. Além disso, o autor utiliza elementos encontrados na ficção como fatos históricos, como uso do livro de Frederick Forsyth. Essa estratégia engaja o leitor, uma vez que torna a narrativa mais emocionante, ao passo que cria uma zona entre o que é real e o que é imaginado, deixando o leitor em uma posição onde é difícil distinguir o que é real e o que não é.

²¹⁴ BOTACINI, 1964a, op. cit., p. 78.

²¹⁵ BOTACINI, 1964b, op. cit., p. 31.

²¹⁶ BOTACINI, 1964a, op. cit., p. 98.

1.8—Causa-Efeito

As teorias de “causa-efeito” são importantes traços na construção das obras de Botacini. O autor recorre a explicações simples e diretas para os questionamentos levantados ao longo de seus textos. Isso se dá porque, do ponto de vista do leitor, a resolução de questões por premissas fáceis pode ser mais atrativa.

Embora as obras do autor recorram a traços tipicamente acadêmicos, como abordado anteriormente, seus argumentos são produzidos para serem acessíveis, sem se aprofundar em detalhes acadêmicos. Isso garante ao leitor a sensação de estar diante de uma revelação na qual fica evidente quem são os nazistas desaparecidos e onde eles podem estar. As teorias de causa e efeito simplórias também contribuem na elaboração de narrativas mais envolventes. A forma de escrita de Botacini se assemelha a textos da literatura especulativa. O uso de argumentação acessível e direta auxilia o autor a desenvolver uma linha de raciocínio repleta de suspense e mistério, aproximando seus livros da ficção.

Encontramos 5 incidências de teorias de causa-efeito. Contabilizamos somente a primeira incidência quando o argumento aparecia em mais de um livro. As teorias de causa-efeito nos livros abordam as seguintes temáticas: o nome de Hitler; motivos pelo qual Hitler não teria se suicidado; Hitler e outros oficiais só poderiam ter fugido pela Espanha; as fugas do *bunker* se deram em pequenos aviões; Martin Bormann e Josef Mengele se mantiveram anônimos após a prisão de Adolf Eichmann com medo de serem capturados.

Para desconstruir a versão de que Hitler não poderia ter tirado a própria vida no *bunker*, Botacini ocorre a uma teoria de causa-efeito simples. O autor apresenta nos livros, que segundo teria afirmado o camareiro do *Führer*, “Hitler tinha uma inata repulsa pelas armas de fogo, tinha o temor de que, ao manejar um revólver o mesmo pudesse disparar”.²¹⁷ Dessa forma, não seria factível a versão “oficial” de que ele teria atirado contra a própria cabeça. O autor somente assume que, caso a versão de que Hitler teria realmente falecido fosse real, ele teria sido alvejado por seus próprios oficiais.

A rota de fuga de Hitler, exposta pelo autor, é a Espanha. Isso se dá porque, durante a guerra civil espanhola, Hitler teria ajudado Franco, e a partir de então surgiu uma grande amizade entre os dois. O líder do partido nazista teria então se refugiado na Espanha e então “após

²¹⁷ Ibid., p. 72-73.

sofrer uma operação plástica, embarcou, juntamente com Bormann e outros líderes, a bordo de um submarino que os deixou na Argentina, onde clandestinamente, desembarcaram”. O autor chega a apresentar a possibilidade de Hitler ter continuado na Espanha até os anos de 1950, se escondendo em um mosteiro, se passando por frade.²¹⁸

Todo o plano de fuga e o trajeto feito por Hitler são expostos por Botacini. Em “A fuga de Hitler”, o autor dedica cerca de 60 páginas para detalhar o feito. Segundo ele, “consequimos estabelecer de maneira irrefutável que um pequeno avião deixou o Tiergarten na madrugada de 30 de abril, levando três homens e uma mulher”.²¹⁹

Hitler teria convocado ao *bunker* o piloto alemão Robert von Greim, um pedido que o autor julgou ser contraditório. O convite feito pelo *Führer* teria como finalidade nomear o piloto comandante da *Luftwaffe*, a força aérea alemã. Botacini dedica longas páginas para narrar a ida de von Greim juntamente com a pilota Hannah Reitsch ao *bunker*, com detalhes como diálogos travados entre os dois. Ao chegar ao *bunker*, von Greim teria compreendido o motivo de ter arriscado a vida para encontrar Hitler, já que ele poderia ter sido nomeado por telegrama: trata-se do plano traçado para salvar o líder do partido.

Von Greim e Hannah Reitsch deveriam voar até o campo de pouso de Reichlin em 29 de abril, a cerca de 240 quilômetros de Berlim, e sob o título de comandante da *Luftwaffe*, dar a ordem e apresentar o plano a outros dois pilotos, Bauer e Beetz. Dessa forma, Hitler teria escapado para a Espanha nos pequenos aviões “Fieseler-Stork”.²²⁰

Mesmo que se trate de narrativas que misturam a literatura especulativa com teorias da conspiração, as relações estabelecidas nos livros precisam parecer plausíveis. A simplificação das explicações das causas e efeitos dos eventos contribui na construção de argumentos que soem lógicos para o leitor. Botacini aparenta conhecer os principais eventos da Segunda Guerra Mundial. Ao misturar fato, ficção e suspeitas presentes no senso comum, como a sobrevivência de Hitler, o autor consegue construir uma linha de raciocínio que aparenta ser bem fundamentada.

1.9—Incidência dos marcadores nos gêneros textuais

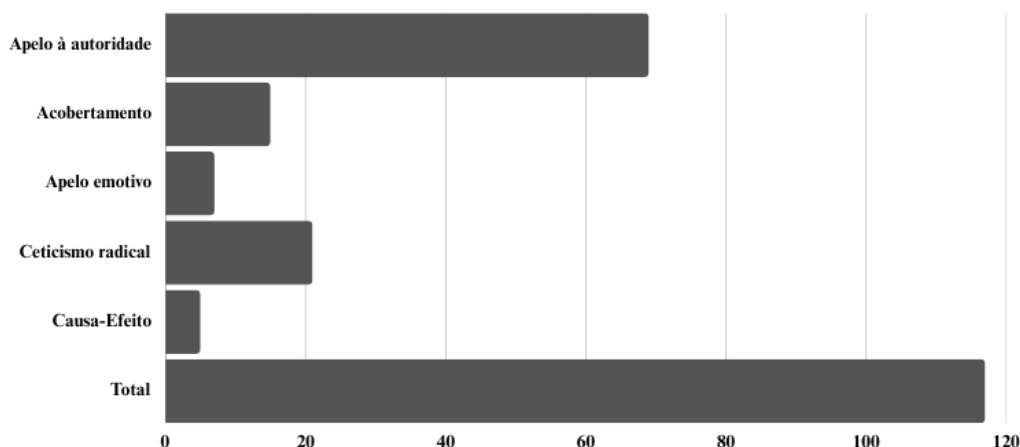
²¹⁸ BOTACINI, 1964b, op. cit., p. 31-32.

²¹⁹ BOTACINI, 1965, op. cit., p. 9.

²²⁰ Ibid., p. 63-76.

A partir dos gêneros textuais e dos marcadores, podemos elaborar dois gráficos. O primeiro gráfico demonstra as ocorrências dos marcadores nos livros de Botacini. O marcador “apelo à autoridade” possui 69 ocorrências; “acobertamento” possui 15 ocorrências; “apelo emotivo” possui 7 ocorrências; “ceticismo radical” possui 21 ocorrências; e “causa-efeito” possui 5 ocorrências. Temos, no total, 117 ocorrências dos marcadores nos 5 livros de Roberto Botacini.

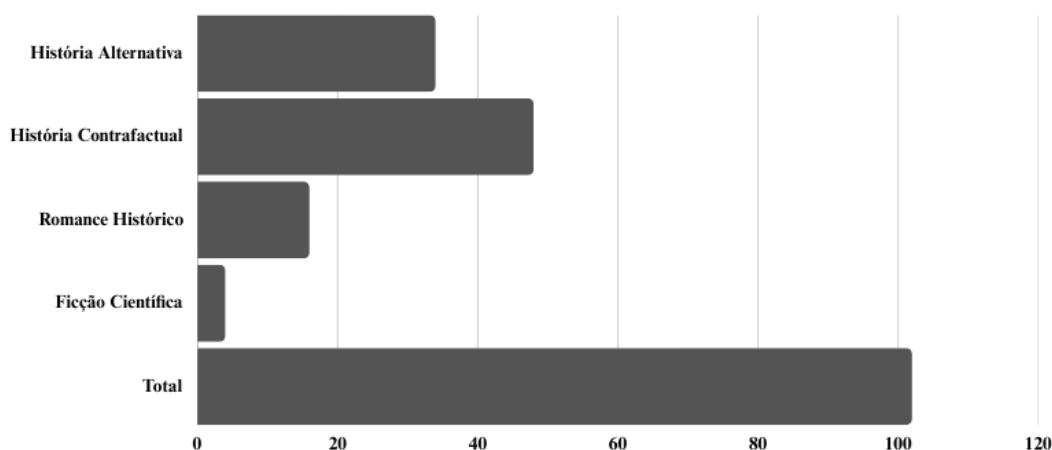
Tabela 2: Ocorrência dos marcadores



Fonte: Elaboração do autor

O segundo gráfico que podemos elaborar mostra a relação entre os marcadores e os gêneros textuais. Ao analisarmos as ocorrências dos marcadores nos livros, identificamos quais deles mais se aproximam com determinado gênero textual, ou não apresenta relação com nenhum. Dessa forma, contabilizamos que das 117 ocorrências, 102 se aproximam de alguma forma com algum dos gêneros textuais descritos anteriormente, enquanto as 15 restantes não se aproximam de nenhum dos gêneros. Das 102 ocorrências dos marcadores nos gêneros textuais, 34 são do gênero “História Alternativa”; 48 do gênero “História Contrafactual”; 16 do gênero “Romance Histórico”; e 4 do gênero “Ficção Científica”.

Tabela 3: Ocorrência dos marcadores nos gêneros textuais



Fonte: Elaboração do autor

A partir dos marcadores e dos gêneros textuais, podemos traçar uma melhor definição das obras de Botacini. Mesmo que as obras preencham muitas características comuns às teorias da conspiração, ela flerta com outros gêneros textuais na construção das narrativas. A aproximação com outros gêneros garante um tom mais atrativo às obras do autor. Por se tratar de um assunto que estava em voga, visto os julgamentos de Frankfurt e a captura de Adolf Eichmann nos anos de 1960, além de obras de história alternativa e ficção científica, como *The Man in the High Castle*, de Philip K. Dick, publicado originalmente em 1962, o autor recorreu a características, ou marcadores no nosso caso, comuns a diversos gêneros textuais para garantir uma narrativa mais acessível.

Podemos pensar as obras de Roberto Botacini a partir de características presentes nas História Alternativa, História Contrafactual, Romance Histórico e Ficção Científica, porém, a todo momento, o autor flerta com as Teorias da Conspiração. As obras são compostas pelo uso de referências e notas de rodapé como forma de validação de seus argumentos, testemunhas como prova concreta do que está sendo dito, a existência de organizações secretas em colaborações com entidades governamentais, narrativas detalhistas e emotivas, ceticismo exagerado acerca dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, e teorias de causa e efeito reducionistas.

À vista disso, Botacini se insere em um gênero textual composto pela mistura de todas essas características. Chamamos esse gênero de “Ficção Histórica Especulativa”. Trata-se de um modelo literário que não se apresenta enquanto ficção ou romance, mesmo que a narrativa se confunda com esses gêneros. Ao mesmo tempo, os livros não são expostos enquanto

historiografia, mas a todo momento utilizam de traços típicos da História. A mistura de realidade e imaginação é característica central nas obras de Botacini: elas misturam fato e ficção, colocando o leitor em uma zona nebulosa, onde é difícil distinguir o real do imaginado. A História é reconstituída a partir de elementos próprios da literatura especulativa, entretanto, sem se assumir enquanto romance ou historiografia. A “Ficção Histórica Especulativa” é um gênero marcado pelo pano de fundo histórico, com elementos narrativos típicos da literatura ficcional, que tenta dar conta de eventos históricos a partir de especulações e desafia classificações tradicionais.

CAPÍTULO 3

BOTACINI E A QUESTÃO DA AUTORIDADE

Para entender a relevância dos livros de Roberto Botacini, podemos pensá-los a partir de dois conceitos: autoridade e imaginário. O autor era tido como especialista na temática do nazismo³⁵⁵, portanto, possuía a capacidade de influenciar como o mundo era visto e como as pessoas agiam em relação a certos aspectos da vida. A autoridade de Botacini era epistêmica, isto é, estava ligada a um campo de conhecimento em que ele era visto enquanto um intelectual. Mesmo esse reconhecimento só sendo possível visto que existiam indivíduos que creditavam ao autor a autoridade na temática, seus argumentos são uma mistura do real e do imaginado.

A autoridade do autor é impulsionada na medida em que ele interage com o imaginário da sobrevivência do nazismo, tema que despertava o interesse de uma parcela de pessoas. Marcos Meinerz argumenta que a máquina de propaganda nazista, que pregava a ideia de um *Reich* de mil anos, foi um sucesso. Mesmo que do ponto de vista político o Partido Nazista tenha durante somente 12 anos, ele está presente no imaginário social até hoje, dando a impressão de que foram os nazistas que venceram o conflito. Isso porque, nas produções midiáticas, a Segunda Guerra Mundial é associada à sobrevivência de nazistas e conspirações de que possuem bases secretas na América do Sul, Oriente Médio e até na Antártida. Junto a isso, o nazismo é facilmente associado à encarnação do mal ou personificação do mal na sociedade contemporânea, tendo sua imagem estetizada como vilões misteriosos e malignos.³⁵⁶

3.1—Conceito de Autoridade

O que é autoridade? O que não é autoridade? Como alguém é reconhecido como autoridade em um tema? Essas são algumas questões que devemos nos perguntar para melhor entender a relação de Roberto Botacini e seus livros sobre a sobrevivência do nazismo. Para entender como o autor se tornou “especialista” em criminosos nazistas, devemos conceituar, antes, o que constitui um indivíduo enquanto autoridade.

³⁵⁵ “Onde estará Hitler?” aparece como sugestão de leitura para entender a Europa Contemporânea. Ver: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Vol. 14, n. 2. 2º sem. 1964. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/430870/12305>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

³⁵⁶ MEINERZ, 2018, op., cit. p. 6.

Para o sociólogo Richard Sennett, as definições de autoridade podem ser definidas pelas traçadas por Max Weber: a autoridade tradicional, isto é, baseada em tradições imemoriais. Essa autoridade não é tida com base na razão, mas em privilégios hereditários lembrados pela sociedade a partir de lendas e mitos; a segunda, a autoridade legal, em que a autoridade é exercida por alguém que ocupa uma posição de poder, como o chefe de uma firma; a última, a autoridade carismática, é a autoridade de um indivíduo por aceitação dos demais, geralmente por questões sagradas, como o caso de Jesus, ou então pela realização de algum ato tido como heroico ou exemplar.³⁵⁷

Outra perspectiva é a apresentada pelo filósofo Alexandre Kojève, na qual existem quatro formas distintas de teorias da autoridade propostas ao longo da história: a teológica ou teocrática, em que a autoridade pertence a Deus, e todas as outras formas de autoridades são derivadas dessa; a autoridade justa ou legítima de Platão, na qual a autoridade se manifesta pela justiça ou equidade, e qualquer tentativa de autoridade por força bruta é, na verdade, pseudo-autoridade; a teoria de autoridade de Aristóteles, em que a autoridade existe a partir do conhecimento e da sabedoria; e por fim, a teoria de Hegel, em que a autoridade é representada pela dicotomia entre o senhor e o escravo.³⁵⁸

A autoridade é necessariamente produto de uma atividade social. Somente a partir da interação de dois indivíduos é que ela pode existir. Segundo Kojève, a autoridade é a “a possibilidade que um agente tem de agir sobre outros (ou sobre outro) sem que estes reajam contra ele, apesar de serem capazes de fazê-lo”. A autoridade de um indivíduo fica evidente quando, sem mudar o próprio comportamento, este consegue fazer uma pessoa obedecer a um pedido ou ordem. Caso a suposta autoridade precise usar a força ou discutir com o indivíduo que direciona suas ordens, então a autoridade não existe.³⁵⁹

O uso da força como sinônimo de autoridade é corriqueiro. Segundo Hannah Arendt, a autoridade é comumente confundida com poder ou violência. A autora afirma, entretanto, que onde existe violência e coerção, não existe autoridade. Isso porque, ao utilizar a força para conseguir algo, um indivíduo fracassa em ter sua autoridade reconhecida. A autoridade também é hierárquica, excluindo a persuasão, que coloca os indivíduos em igualdade.³⁶⁰ Mesmo assim, sendo a autoridade é um fenômeno social inevitável, é importante se atentar para o abuso dela.

³⁵⁷ SENNETT, Richard. **Authority**. New York: W.W. Norton, 1993. n.p.

³⁵⁸ KOJÈVE, Alexandre. **The notion of authority: a brief presentation**. New York: Verso, 2014. n.p.

³⁵⁹ Ibid.

³⁶⁰ ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2016. n.p.

O sociólogo Pedro Demo argumenta que esse problema surge quando o argumento desaparece, restando somente a autoridade. Um exemplo hipotético disso é quando um indivíduo, autoridade em um campo específico da ciência, começa a propagar teorias da conspiração ou *fake news*. Muitos de seus admiradores acreditarão nessas teorias da conspiração ou *fake news* simplesmente porque esse indivíduo possui uma autoridade consolidada.

O cientista americano James Watson, ganhador do prêmio Nobel de Medicina de 1962 por seus avanços em pesquisa do DNA deu declarações racistas em janeiro de 2019, alegando que existem diferenças nos testes de inteligência entre brancos e negros por questões genéticas. Watson já havia dado diversas declarações racistas anteriormente, em que apontava que os problemas do continente africano não seriam resolvidos porque as políticas de cooperação e desenvolvimento “se baseiam no fato de que sua inteligência é a mesma que a nossa [brancos]”. O cientista acabou por perder vários títulos e honorários.³⁶¹ Nesse caso, os argumentos desapareceram, restando somente a autoridade.³⁶²

Se pensarmos na teoria de autoridade a partir do conhecimento e da sabedoria, chegamos à conclusão de que a ciência se fez autoridade. Conforme Demo, a vida é guiada a partir das noções que vivem no senso comum, e essas noções estão cada vez mais permeadas pela ciência. Se é impossível se especializar em todo o conhecimento humano, aceitamos a autoridade de outros indivíduos mediante a apresentação de títulos que confirmem o mérito do sujeito em algum campo específico. Isso ocorre porque seríamos incapazes, geralmente, de contestar os argumentos dessa pessoa.³⁶³ O senso comum, portanto, não é crítico. Demo conclui que ele existe para confirmar relações sociais, e não para contestá-las.³⁶⁴

Para o filósofo Richard De George, a autoridade aparece em diversas formas na vida cotidiana. Um indivíduo pode ser uma autoridade ou então ter autoridade. Um indivíduo pode também falar com autoridade, mesmo que não tenha ou seja uma autoridade.³⁶⁵ Uma pessoa, portanto, pode ser uma autoridade em algum campo ou área específica, ou pode possuir autoridade, isto é, poder, na posição em que ele exerce em uma sociedade. No primeiro caso, um

³⁶¹ ANSEDE, Manuel. A volta do Prêmio Nobel que não abandona suas teorias racistas sem base científica. Brasil, El País, 5 de jan. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/03/internacional/1546527532_263106.html. Acesso em: 30 de mai. 2025.

³⁶² DEMO, Pedro. **Argumento de autoridade x Autoridade do argumento: interfaces da cidadania e da epistemologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005. p. 20.

³⁶³ Ibid. p. 17.

³⁶⁴ Ibid. p. 19.

³⁶⁵ DE GEORGE, Richard. T. **The nature and limits of authority**. Kansas: University Press of Kansas, 1985. p. 12-13.

cientista ocupa uma posição de autoridade em um certo campo de conhecimento, no segundo, um político ocupa uma posição na sociedade que garante a ele certos direitos ou poderes.³⁶⁶

Uma pessoa ou alguma coisa, a qual De George chama de ‘X’, só é autoridade em relação a outra pessoa ou coisa ‘Y’. A autoridade ‘X’ é superior a ‘Y’ em algum campo ou domínio da vida, chamado de ‘R’. Alguns exemplos são: um professor de História ‘X’ é autoridade em relação aos seus estudantes ‘Y’ em uma aula sobre Segunda Guerra Mundial, ou um general do exército ‘X’ é autoridade em relação aos seus soldados ‘Y’ em um treinamento de sobrevivência. De George continua demonstrando que uma autoridade ‘X’ precisa ter conhecimento sobre um campo ‘R’ considerável para ser visto como autoridade. Além disso, o conhecimento que ‘X’ possui em ‘R’ é relativo ao contexto social em que ele está inserido. O professor de História ‘X’, em uma sala de aula, possui mais conhecimento sobre um determinado tema ‘R’ que seus estudantes ‘Y’, sendo visto por eles como uma fonte de conhecimento. Isso pode não acontecer caso o professor ‘X’ esteja em uma sala de universidade, com diversos especialistas sobre Segunda Guerra Mundial. De George afirma, portanto, que a relação de autoridade é baseada na desigualdade, já que o indivíduo visto como autoridade será sempre superior aos seus subordinados, sendo esses inferiores.³⁶⁷

A autoridade pode ser dividida em dois tipos: autoridade executiva e autoridade não executiva. A autoridade executiva é possuída ou dada a alguém. Isto quer dizer que o professor de História ‘X’ é autoridade no seu campo de conhecimento ‘R’, mas possui também, no contexto escolar, a autoridade enquanto professor sobre seus estudantes ‘Y’. O professor de História ‘X’ é também uma autoridade não executiva em relação a um campo ou domínio ‘R’ se os estudantes ‘Y’ levarem como verdade ou mentira algo simplesmente por ser dito pelo professor ‘X’.³⁶⁸

Segundo De George, um exemplo de autoridade não executiva é a autoridade epistêmica. Isto quer dizer que, ao possuir muito conhecimento em um determinado campo ‘R’, um indivíduo é visto como autoridade.³⁶⁹ Entretanto, essa autoridade só existe se algum indivíduo ‘Y’ acreditar na autoridade de ‘X’.

A autoridade epistêmica pode surgir em livros, mapas ou qualquer outra produção humana. Quando um indivíduo ‘Y’ lê uma proposição sobre a Segunda Guerra Mundial em um

³⁶⁶ Ibid. p. 13.

³⁶⁷ Ibid. p. 14.

³⁶⁸ Ibid. p. 22.

³⁶⁹ Ibid. p. 26.

livro de História e aceita ela como verdade, o indivíduo ‘Y’ está aceitando o livro enquanto autoridade no campo ‘R’. Porém, sendo o livro um produto humano, o indivíduo ‘Y’ está, mesmo que indiretamente, aceitando a autoridade do indivíduo ‘X’, autor do livro.³⁷⁰

De George argumenta que os motivos para ‘Y’ acreditar em ‘X’ não precisam ser absolutos. Os indivíduos ‘Y’ podem aceitar as proposições de ‘X’ porque já acreditavam nelas mesmo antes de ‘X’ enunciá-las, ou então porque agora possuem certeza, visto que ‘X’ confirmou as preposições. Os indivíduos ‘Y’ podem também ter posições diferentes sobre as diferentes preposições de ‘X’, aceitando algumas e outras não, mesmo que sejam todas sobre o mesmo campo ou domínio ‘R’.³⁷¹ Ao longo de sua vida e a partir da escrita dos livros que alegam a sobrevivência do nazismo e do *Führer*, a existência de redes de resgate secretas do nazismo e a criação de um IV *Reich* nazista, Botacini se tornou autoridade na temática nazista. Para alguns indivíduos ‘Y’, o autor foi referência primordial para se entender os momentos finais da guerra e o paradeiro de criminosos de guerra.

Os livros de Botacini são vistos, ao longo dos anos de 1960 e 1970, como indicações para se entender o mundo pós-Segunda Guerra. O livro “Onde estará Hitler?” aparece como referência, em 1964, para se entender a Europa Contemporânea no “Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro”³⁷²; o livro “Nazistas na América” surge em uma matéria de jornal, em 1965, como indicação para se entender o caso Eichmann³⁷³; e o livro “Peron: a volta do nazismo” aparece em 1974 como indicação para se entender as origens do nazismo na Argentina e a organização secreta “Odessa”.³⁷⁴

Para angariar seu público, Botacini instrumentaliza o imaginário social do mundo durante a Guerra Fria, marcado pelo medo, angústias e expectativas do futuro. Fortemente influenciado pela propaganda e pela difusão, na cultura de massa, de narrativas fantásticas envolvendo temas que fomentavam a imaginação das pessoas, os livros do autor se aproveitaram dessa euforia para fazer sucesso e garantir autoridade epistêmica na temática.

³⁷⁰ Ibid. p. 27-28.

³⁷¹ Ibid. p. 36-42.

³⁷² Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Vol. 14, n. 2. 2º sem. 1964. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/430870/12305>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

³⁷³ Revolucionário é punido com transferência. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 30 de dez. 1965. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/154083_02/23072. Acesso em: 4 de jan. 2024.

³⁷⁴ Livros novos. O Estado de São Paulo, São Paulo, 28 de abr. 1974. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19740428-30394-nac-0254-lit-2-not/busca/Botacini>>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

3.2—Autoridade e Imaginário

Pontuamos a importância da autoridade para que Roberto Botacini seja reconhecido enquanto especialista em criminosos nazistas. Para produzir seus livros, o autor recorre ao imaginário de que ex-membros da SS viviam livres da justiça em diversas partes da Europa, nas Américas e em outras partes do globo. Para entendermos como a autoridade do autor é construída a partir da exploração desse imaginário, precisamos conceituar o termo e entender como o “imaginário” pode ser usado para o estabelecimento da autoridade.

Os imaginários são produzidos sempre em sociedade, tendo como origem o passado e o presente. O historiador Juan Camilo Villegas aponta que os imaginários são passados de indivíduo para indivíduos diariamente, de maneiras por vezes conscientes, já que surgem em formas verbais e escritas, como no discurso.³⁷⁵

Nos discursos, as representações coletivas são organizadas na linguagem, compostas por sistemas simbólicos que manifestam tanto as experiências dos indivíduos como seus desejos, ambições e impulsos. O imaginário fornece interpretações a um grupo social de experiências complexas, além de nutrir as expectativas e esperanças desse grupo. Fica evidente o motivo do imaginário ser um campo de autoridade e poder tão disputado: ele fornece aos indivíduos orientações sobre aspectos da vida, guiando a tomada de decisões, como os indivíduos se comportam e o pensamento de um grupo social, em suma, o imaginário informa os indivíduos sobre a realidade em que vivem.³⁷⁶

O contexto de produção das obras de Botacini, isto é, a Guerra Fria, é importante para entender como os discursos e narrativas sobre a sobrevivência do nazismo faziam relativo sucesso. Segundo o historiador Orivaldo Biagi, a Guerra Fria foi um importante momento da construção de símbolos a partir dos problemas que assolavam o mundo após a Segunda Guerra Mundial, muitos deles saindo do campo metafísico e se materializando, como filmes e livros.³⁷⁷

Biagi aponta que, no contexto do imaginário da Guerra Fria, foram produzidas 6 significações imaginárias secundárias, sendo elas: a divisão bipolar do mundo; o medo da expansão comunista; o maniqueísmo político; a Revolução Socialista; e o medo da Terceira Guerra

³⁷⁵ VILLEGAS, Juan Camillo. **Lo Imaginario. Entre las ciencias sociales y la historia**. Medellín: Fondo Editorial Universidad EAFIT, 2000. p. 117.

³⁷⁶ BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. *Em*: ANTHROPOS-HOMEM. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 311.

³⁷⁷ BIAGI, Orivaldo Leme. O IMAGINÁRIO DA GUERRA FRIA. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa - PR, v. 6, n. 1, p. 61–112, 2007. p. 62.

Mundial; e a Contracultura. A partir dessas significações imaginárias, surgiram diversas construções que imaginavam o mundo e o futuro como produtos de acontecimentos que envolveriam essas significações.³⁷⁸

O controle da produção e disseminação dos imaginários sociais garante controle sobre vários aspectos da vida dos indivíduos de um grupo social. Tendo influência na vida cotidiana das pessoas, com a “posse” do imaginário é possível obter “resultados práticos desejados, canalizar as energias e orientar as esperanças” de um grupo. A própria interpretação do passado é condicionada pelo imaginário, visto que a memória coletiva é constantemente condicionada pelo plano simbólico do imaginário. Dessa forma, os eventos do passado são muitas vezes menos importantes do que as representações que temos sobre eles. Em momentos de forte tensão, as pessoas se voltam ainda mais aos imaginários, buscando cessar as incertezas e projetando seus medos e esperanças sobre o futuro.³⁷⁹

Nenhuma relação social se sustenta somente no mundo físico. A imaginação possibilita que os indivíduos estendam suas percepções para além do mundo material, desenvolvendo imagens da sua própria existência e dos demais. Para o filósofo Bronislaw Baczko, o coração é que leva o indivíduo a agir, e é através do imaginário que as paixões e os desejos se manifestam. Em uma sociedade, a harmonia existe enquanto o fato social seja reconhecido como superior ao fato individual, dando sentido à consciência coletiva. É somente por símbolos exteriores ao mundo físico que o fato social toma forma. As representações da consciência coletiva externam os ânimos de uma sociedade, isto é, o estado em que esses indivíduos vivem e como eles reagem a certos estímulos e acontecimentos.³⁸⁰

Toda a estrutura social de uma sociedade acontece porque os indivíduos procuram dar sentido às suas atitudes. Baczko afirma que “o social se produz através de uma rede de sentidos, de marcos de referência simbólicos por meio dos quais os homens comunicam, se dotam de uma identidade coletiva e designam as suas relações com instituições políticas”. Assim, os indivíduos definem um “código coletivo”, nele estando suas expectativas, medos, angústias e desejos. O imaginário reflete as instabilidades de uma sociedade. O conjunto de representações da realidade material e social são expressas a partir do imaginário, assim como as relações estabelecidas entre as duas. Cada época e sociedade possuem formas particulares de imaginário, tecendo relações de pensamento e sentimentos com a realidade de formas específicas. É através

³⁷⁸ Ibid. p. 70-71.

³⁷⁹ BACZKO, op., cit. p. 312.

³⁸⁰ Ibid. p. 301-306.

do imaginário que uma sociedade organiza diversos aspectos da vida social. Os produtos do imaginário são valores de referência para a vida de um grupo, que organizam sua identidade, os papéis dos indivíduos na sociedade, crenças e códigos sociais.³⁸¹

Para o psicólogo Carlos Serbena, o campo do imaginário é um campo de disputas. Em momentos de mudança política e social, o imaginário é contestado por grupos que exploram as representações coletivas em busca de poder político. Por ser socialmente constituído, o imaginário é produto de negociações e disputas. Isso porque os fatos sociais não se resumem somente ao real empírico, mas também pelo imaginado por um grupo social.³⁸² Mesmo que o imaginário seja algo intangível, isto é, que se manifesta principalmente no campo metafísico, ele é tão real como as coisas concretas. Villegas aponta que, assim como coisas materiais, o imaginário pode intervir no comportamento e na sensibilidade dos indivíduos.³⁸³ Baczko também afirma que o imaginário, assim como o concreto, são fenômenos reais da vida social. Para Baczko, o imaginário é “irreal” somente quando colocado entre aspas, já que assim como as coisas materiais da vida, ele influencia ações e comportamentos.³⁸⁴

A função social dos imaginários é múltipla, sendo a luta política e ideológica uma delas. É através do imaginário que se mobilizam os indivíduos, definindo as identidades, inimigos, o passado, presente e futuro e os objetivos de uma sociedade.³⁸⁵ Baczko afirma que, diferente do que se era propagado, isto é, que o imaginário servia somente para enxergar as aspirações que um grupo social tinha a respeito da vida, as ciências humanas mostraram que ele “sempre tinha estado no poder”. Desta forma, as ciências humanas teriam demonstrado que qualquer tipo de poder necessita articular as representações coletivas, sendo o imaginário um local estratégico na busca por autoridade.³⁸⁶

No exercício do poder político, a autoridade e a dominação são também exercidas pela apropriação dos símbolos e representações do grupo, garantindo ao líder a obediência dos indivíduos. Baczko afirma que os “bens simbólicos, que qualquer sociedade fabrica, nada têm de irrisório”, sendo assim “constituem o objeto de lutas e conflitos encarniçados e que qualquer poder impõe uma hierarquia entre eles, procurando monopolizar certas categorias de símbolos

³⁸¹ Ibid. p. 307-309.

³⁸² SERBENA, Carlos Augusto. Imaginário, ideologia e representação social. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, v. 4, n. 52, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1944>. p. 2-3.

³⁸³ VILLEGAS, op., cit. p. 114.

³⁸⁴ BACZKO, op., cit. p. 298.

³⁸⁵ SERBENA, op., cit. p. 5.

³⁸⁶ BACZKO, op., cit. p. 297.

e controlando as outras”. O controle do poder político depende da habilidade de manejar com destreza os imaginários, tendo “prioridade sobre qualquer reflexão teórica”.³⁸⁷

Por conseguinte, o imaginário é importante força reguladora de uma sociedade. As representações sociais determinam as relações que os indivíduos possuem com a sociedade em que vivem e, portanto, é um mecanismo que, se dominado por alguém, possibilita o “exercício da autoridade e do poder”. As sociedades precisam imaginar quais requisitos legitimam alguém com autoridade, visto que o poder e a autoridade não são coisas naturais, isto é, não são inerentes ao ser humano ou à natureza. Assim, qualquer instituição social participa “de um universo simbólico que a envolve e constitui o seu quadro de funcionamento”.³⁸⁸

Sendo o imaginário um fenômeno que desempenha interferências reais nas vidas das pessoas, avaliá-lo criticamente é importante. O imaginário independe dos critérios científicos de verdade. Trata-se de um conjunto de imagens mentais produzidas em uma sociedade a partir de diversas fontes, que ressoam e se transformam de diferentes formas em determinadas épocas. Os imaginários podem ser expressos por livros, músicas, produções estéticas e científicas, assim como na memória coletiva. Sendo assim, trata-se de uma manifestação necessariamente coletiva, que se expressa de inúmeras formas. Mesmo que o imaginário não seja avaliado pelos critérios tradicionais de verdade, ele pode ser aprovado por outras convenções sociais, como a fé e a tradição. Villegas afirma que os imaginários podem ser avaliados somente por eles mesmos, ou seja, aquele que deseja se debruçar sobre um imaginário pode compreender seu funcionamento e tecer críticas, mas não avaliar sua facticidade por critérios costumeiros de verdade. Isso porque os imaginários não possuem leis, eles podem desaparecer e ressurgir, sem uma lógica bem estabelecida.³⁸⁹

Os livros de Roberto Botacini trabalham com o imaginário. É importante, entretanto, entender que o autor não estava sozinho nessa empreitada. Ao longo da Segunda Guerra Mundial, da Guerra Fria e até hoje, diversos livros que alegam a sobrevivência do nazismo e seus principais criminosos são escritos. Mesmo que a forma como Botacini articula seus argumentos seja importante para entendermos a autoridade e o uso do imaginário pelo autor, as teorias apresentadas por Botacini, em geral, não eram inéditas. O autor estava inserido em uma corrente de ideias, em que vários autores compartilham pensamentos sobre o tema. É necessário, portanto, expor algumas das principais obras sobre o tema.

³⁸⁷ Ibid. p. 298-300.

³⁸⁸ Ibid. p. 309-310.

³⁸⁹ VILLEGAS, op., cit. p. 113-115.

3.3—Botacini e outras produções

3.3.1—Nazismo em Argentina, de Silvano Santander

O livro “Nazismo em Argentina: la conquista del ejercito”, de Silvano Santander, publicado no Uruguai em 1945, tenta demonstrar como os mais altos cargos do exército argentino estão infiltrados por nazistas e são financiados por eles. Na capa do livro, a obra visa demonstrar o processo completo da penetração nazista na República Argentina, em especial no exército. Silvano Santander foi deputado pelo Partido Radical na cidade de Buenos Aires. Em 1941, na Câmara dos Deputados da cidade, criou, junto a Raúl Taborda, outro autor de livros que incriminam Juan Perón de apoiar criminosos de guerra, a “Comisión Investigadora de Actividades Antiargentinas”³⁹⁰, sendo extinta já em 1943. Foi também ex-membro da “Comisión de Defensa Nacional de la Cámara”.³⁹¹

A penetração de criminosos de guerra alemães no exército argentino se deu, segundo Santander, já que devido à longa tradição do exército alemão, “sua abundante bibliografia, o brilho de seus triunfos e a hierarquia universal alcançada por todos esses atributos [tradução nossa]” teriam sido motivos de atração para o exército argentino que ainda estava em formação e não tinham tradição de guerra.³⁹²

O livro segue narrando como Perón teria acobertado esses nazistas. Santander alega que Perón possuía uma mentalidade típica do exército argentino, marcada por um certo tipo de educação. Perón teria chegado à Itália no auge do governo de Mussolini, tendo aprendido a admirar o fascismo e reconhecido no governo italiano um modelo de Estado.³⁹³ Nos capítulos seguintes, o autor busca demonstrar como a lei orgânica do exército argentino foi moldada a partir de preceitos nazifascistas. Santander cita trechos dessa lei seguidas de comentários e explicações, utilizando cifras numéricas e alguns documentos.³⁹⁴

O restante do livro é elaborado a partir de diversas planilhas e documentos que buscam demonstrar quanto o exército custa para a economia nacional e quem são os indivíduos que compõem o exército. O objetivo final do autor com essa exposição é demonstrar que o exército

³⁹⁰ CARVALHO, 2021a, op., cit. p. 40.

³⁹¹ SANTANDER, Silvano. **Nazismo en Argentina: la conquista del ejercito**. Montevideo: Pueblos Unidos, 1945.

³⁹² Ibid. p. 14.

³⁹³ Ibid. p. 35-36.

³⁹⁴ Ibid. p. 56-70.

argentino, além de ter nazistas em suas fileiras mais elevadas, trabalha por interesse próprio e não para os interesses da nação.

3.3.2—Técnica de uma traición, de Silvano Santander

Dez anos depois, em 1955, Santander publica o livro “Técnica de una traición: Juan D. Peron y Eva Duarte agentes del nazismo em la Argentina”, em Buenos Aires. No prólogo do livro, Santander explica que seu livro “Nazismo en Argentina” nunca circulou pela Argentina e que, nesse livro, ele irá mais uma vez desmascarar as figuras nazistas na Argentina e as traições à nação cometidas por Perón.³⁹⁵

Na primeira parte do livro, Santander denuncia o Parlamento argentino de não colaborar com suas investigações. O autor diz possuir vasta documentação e provas da presença nazista na Argentina, tendo interesse na organização de um projeto para buscar e prender diversos indivíduos ligados ao Terceiro *Reich*. No Parlamento, entretanto, encontrou somente negativas as suas tentativas. O Parlamento teria concedido somente 10 minutos para ele apresentar seu projeto, além de enfrentar oposição da maioria da assembleia. Ele alega que o Parlamento agia sob ordens de negar qualquer tentativa sua.³⁹⁶

A principal figura denunciada por Santander é Ludwig Freude. Freude foi um empresário de origem alemã, sendo, ao período do término da Segunda Guerra Mundial, um dos homens mais ricos da América Latina. Freude teria ligações com Perón, tendo auxiliado o ex-presidente argentino quando este se encontrava em situações delicadas. O empresário foi supostamente ligado à ajuda de nazistas no país. Santander apresenta falas que ele mesmo proferiu e que estão, como apresentado no livro, nos “Diarios de Sesiones” do dia 31 de julho de 1946. Nas suas falas, o autor diz que somente após anos, Freude teria “se lembrado da necessidade de obter sua carta de cidadania [tradução nossa]”. Santander afirma que isso teria acontecido visto que “Freude foi nazista e se lembrou de ser argentino depois que o nazismo foi derrotado na Europa [tradução nossa]”.³⁹⁷

O livro segue apresentando supostos novos documentos descobertos por Santander, que comprovam a presença sistemática de nazistas na Argentina. O autor descreve alguns desses

³⁹⁵ SANTANDER, Silvano. **Técnica de una traicion**. Buenos Aires: Edicion Argentina, 1955.

³⁹⁶ Ibid. p. 16-18.

³⁹⁷ Ibid. p. 23.

documentos e trabalha com eles, tentando provar existirem planos concretos de nazistas se estabelecerem na Argentina sob anuência de Perón.³⁹⁸

3.3.3—O IV Reich, de Juracy Costa

O livro “O IV Reich: o ressurgimento do nazismo” escrito pelo jornalista Juracy Costa, ex-redator da Manchete, O Globo e da Folha de São Paulo, publicado em 1969, apresenta logo em seu prefácio que “deve ser lido principalmente pelos mais jovens, por aqueles que da última guerra guardam apenas vagas lembranças” já que “conhecem-na apenas através da distorção de autores engajadíssimos, ou comprometidos que começam a contar a sua ‘História’”.³⁹⁹ O livro explora o paradeiro de alguns criminosos, como Martin Bormann e Josef Mengele, além de explicar como o Partido Nazista está infiltrado no governo da República Federal.

O livro de Juracy Costa foi uma importante referência para Roberto Botacini, sendo citado pelo autor em diversas ocasiões. No livro, o autor argumenta que o nazismo está ressurgindo, sendo criminosos que escaparam da justiça os principais responsáveis por reerguer o partido.⁴⁰⁰ Algumas afirmações que vemos nos livros de Botacini estão presentes no livro de Costa. A ideia de que existiu uma grande operação de desvio de dinheiro para locais onde existissem minorias germânicas, como na América do Sul e na própria Europa, para a construção de uma rede de resgate de nazistas. Segundo ele, os nazistas começaram a atuar “desde o primeiro da paz, como teias invisíveis, primeiro na sua tarefa de salvar criminosos de guerra, depois para a reconstrução da ‘nova ordem’ imaginada e esboçada por Hitler”.⁴⁰¹ Costa finaliza o capítulo apontando que o neofascismo está espalhado por todo mundo, mas não de forma autônoma, “fios invisíveis as unem e há um centro diretor oculto” e continua dizendo que o “Leviatan outra vez ergue a cabeça, afia as garras e se prepara para o ataque”.⁴⁰²

Um dos principais argumentos de Juracy Costa é que o Partido Nacional-Democrático da Alemanha, partido de influência neonazista fundado em 1964, estaria infiltrado por ex-membros do partido no governo da Alemanha Ocidental. O Estado Alemão estaria sendo conivente com isso, já que necessita “em sua etapa atual de desenvolvimento do neonazismo e o estimulam conscientemente”.⁴⁰³ Assim como Botacini, Juracy Costa lista os principais homens das

³⁹⁸ Ibid. p. 51-48.

³⁹⁹ COSTA, Juracy. **O IV Reich: O ressurgimento do nazismo**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969. p. 12.

⁴⁰⁰ Ibid. p. 16.

⁴⁰¹ Ibid. p. 29.

⁴⁰² Ibid. p. 34-35.

⁴⁰³ Ibid. p. 51.

finanças da Alemanha, responsáveis pela criação de monopólios no país que promoveram a industrialização acelerada da potência, e o nome de diversos membros do atual governo que faziam parte do Partido Nazista, o que permitiria o país novamente se erguer em vista de uma possível revanche.⁴⁰⁴ O autor denuncia que a Alemanha Ocidental possui um grande poderio armamentista e supõe a existência de armamentos nucleares.⁴⁰⁵ Posteriormente, levanta números que supostamente demonstram que o contingente do exército, de aviões e de armamentos da República Federal é maior que o das outras potências da OTAN.⁴⁰⁶

3.3.4—O renascimento da suástica no Brasil, de Erich Erdstein

O livro “O renascimento da suástica no Brasil”, publicado em 1977 com o título original “Inside the Fourth Reich”, de Erich Erdstein, conta a história de um judeu de mesmo nome que teria sido o responsável pela morte de Josef Mengele. Erdstein é austríaco e judeu, e procurou refúgio na América do Sul em 1939 por conta da perseguição nazista.⁴⁰⁷

O livro possui elementos narrativos não muito comuns. Ele é escrito como um romance ou trama policial, seguindo traços da literatura do fantástico, com descrições detalhadas, narrador onisciente e linhas de diálogo. O personagem principal, entretanto, é o próprio autor do livro, já que, na prática, trata-se de um relato ou testemunho de como o autor chegou a Mengele e seu assassinato.

Os nomes que aparecem no livro, como de agentes policiais, são de pessoas reais, e Erdstein teria passado por diversas cidades do sul do Brasil, como Marechal Cândido Rondon e Rio do Sul, com sua carteira de tradutor da DOPS de Curitiba e como detetive da Delegacia de Furtos e Roubos, dando a si próprio o título de “agente especial”.⁴⁰⁸ Erdstein teria sido o responsável pela morte de Mengele, o “Anjo da Morte”, em uma cena digna de filmes de ação narrada no livro. O autor, em meio a uma perseguição de lancha, fez “quatro disparos contra Mengele. Os tiros atingiram-no no peito e do lado. [Mengele] virou-se para mim, olhou-me com uma expressão de surpresa e tornei a disparar. Desta feita atingi-o em cheio na garganta”.⁴⁰⁹ Assim teria morrido Mengele.

⁴⁰⁴ Ibid. p. 57-60 e 123-129.

⁴⁰⁵ Ibid. p. 65-71.

⁴⁰⁶ Ibid. p. 89-91.

⁴⁰⁷ MEINERZ, Marcos Eduardo. O imaginário da formação do IV Reich na América Latina: o agente Erich Erdstein no Brasil. **História Unisinos**, v. 17, n. 2, p. 133–145, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/htu.2013.172.05>

⁴⁰⁸ Ibid.

⁴⁰⁹ ERDSTEIN, Erich. **O renascimento da suástica no Brasil**. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1977. p. 194.

O livro de Erdstein ganhou notoriedade na mídia da época, bem como seu autor. Erdstein teria vendido seus relatos para jornais brasileiros, bem como para revistas internacionais. Uma dessas revistas foi a *Neue Revue*, no qual o relato de Erdstein afirmava que Martin Bormann e Josef Mengele seriam um sujeito chamado Alexander Lenard. Lenard tomou conhecimento da reportagem, que incluía uma foto sua, decidiu publicar no jornal alemão *Stuttgarter Zeitung* uma resposta à notícia. Lenard era húngaro e dava aulas de línguas clássicas nos Estados Unidos, e alegou que Erdstein seria um leitor de James Bond.⁴¹⁰

3.3.5—El escape de Hitler, de Patrick Burnside

O livro “El escape de Hilter: su vida invisible em la Argentina—Las conexiones com Evita y Perón” de Patrick Burnside, publicado originalmente em 2000, em Buenos Aires, conta com 40 capítulos e 700 páginas. No livro, Burnside procura realizar uma pesquisa completa da fuga de Hitler, bem como de seus asseclas. O autor nasceu em 1948, em Genova, na Itália, e viveu sua juventude em Tirol do Sul, região conhecida como rota de fuga de criminosos nazistas. Trabalhou como periodista em jornais de Genova e posteriormente se especializou em investigação política, tendo assessorado outros autores em investigações sobre a máfia, maçonaria e grupos paramilitares.⁴¹¹ Em 2011, o livro se tornou um documentário com o mesmo título, exibido originalmente no *History Channel*.

Logo na introdução do livro, Burnside afirma que a investigação do livro nasceu como um desejo de verificar uma possibilidade histórica, mas que terminou com a revisão de uma época. O autor alega que escreveu o livro para que as gerações futuras não aprendam, desde a escola, outro mito. Afirma ainda que, desde a época das pirâmides, a história está atormentada de mitos.⁴¹²

No primeiro capítulo, o autor explica que a motivação para o livro nasce a partir de uma suposição: a de que um esconderijo para o *Führer* na Patagônia já havia sido planejado. Nele, Burnside conta o relato de um padre chamado Cornelius Sicher, que teria recebido a informação do almirante Wilhelm Canaris de que este estava preparando um esconderijo para Hitler. Nos capítulos seguintes, Burnside realiza a manobra típica de teorias da conspiração: tenta demonstrar as inconsistências da versão oficial do fim de Hitler, isto é, o suicídio. A partir dos

⁴¹⁰ MEINERZ, 2013, op., cit.

⁴¹¹ BURNSIDE, Patrick. **El escape de Hitler**. Buenos Aires: Booklet, 2004.

⁴¹² Ibid. p. 19.

testemunhos disponíveis, como de Erich Kempka, e utilizando os relatos disponibilizados na obra de Hugh Trevor-Roper, buscando descredibilizar a versão oficial. Propõe o uso de novas testemunhas, além da necessidade de se traçar um perfil de Hitler.⁴¹³

Para o redator de conspirações, as informações reveladas acerca de determinado evento nada mais são que “estórias” que buscam minar o entendimento do fato. Dessa forma, Hitler não poderia ter se matado dentro de seu bunker, ou então, seu corpo não poderia ter sido cremado. Todas essas explicações, vistas pelo conspiracionista como “oficiais”, existem pela necessidade de se esconder o que de fato se passou, e todo o esforço conjunto de divulgar as versões “oficiais” são mais uma prova da farsa.

Posteriormente, o autor discute os últimos momentos do *bunker*, apresentando as reuniões que precederam o dia 30 de abril, a distribuição de venenos e a versão soviética dos fatos, discutindo sobre a suposta arcada dentária encontrada. Uma parte considerável do livro é dedicada a explicar a ascensão do Terceiro *Reich* ao poder na Alemanha e o início da Segunda Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, o autor narra os planos de construção do esconderijo e a presença germânica em países da América do Sul.⁴¹⁴

A maior parte do livro, entretanto, se dedica a explicar como a fuga de Hitler e outros nazistas se deu. Teorias bem conhecidas, como as dos submarinos U-530 e U-977, a chegada à Argentina e a ida para Bariloche, a organização secreta “ODESSA” e a ajuda a outros criminosos de guerra, estão presentes no livro. Ao final de cada capítulo, temos a seção “Notas”, em que o autor apresenta a bibliografia consultada. A partir dessa seção, podemos perceber que Burnside consultou uma ampla gama de livros, desde testemunhos à historiografia, mas que também possuía conhecimento de obras que alegam a sobrevivência de Hitler. Autores como Jorge Camarasa e o livro “Odessa al Sur” e Silvano Santander, autor de “Técnica de uma Traição”.⁴¹⁵

3.3.6—Bariloche Nazi, de Abel Basti

O livro “Bariloche Nazi: sítios históricos relacionados al nacionalsocialismo” de Abel Basti, publicado em 2004 na Argentina, foi escrito para ser utilizado como uma guia pela cidade de Bariloche, na Patagônia Argentina. Basti foi jornalista e trabalhou em jornais como o diário

⁴¹³ Ibid.

⁴¹⁴ Ibid.

⁴¹⁵ Ibid.

Clarín, o autor vive em Bariloche desde 1979.⁴¹⁶ A capa do livro é uma montagem feita a partir de uma fotografia no Centro Cívico de Bariloche, no centro da cidade, onde existe uma estátua de Julio Roca. Ao invés de Roca, temos a figura de Hitler.⁴¹⁷

O interesse do autor pela temática nazista se inicia efetivamente quando é escalado para cobrir o caso de Erich Priebke, um capitão das SS, que vivia em Bariloche e foi extraditado a pedido da justiça italiana em 1995. Basti aponta que, devido à prisão de Priebke, um fenômeno curioso começou a ocorrer na cidade: os guias turísticos levavam os visitantes à frente da casa do nazista e comentavam o que se passou ali. Assim, o autor decidiu iniciar uma investigação para descobrir se existiam outros locais em Bariloche associados a figurões nazistas que fugiram da Europa.⁴¹⁸

Ao longo do livro, somos apresentados a 25 locais na cidade de Bariloche que supostamente possuíam ligações com o Terceiro *Reich*. Nos capítulos, por se tratar de um guia, Basti nos mostra como chegar no local, além de apresentar uma foto do imóvel e supostos documentos que comprovam suas afirmações. Ao final do livro, temos dois mapas da cidade com os locais apresentados pelo autor.⁴¹⁹

3.3.7—Mengele: el angel de la muerte en sudamerica, de Jorge Camarasa

O livro “Mengele: el ángel de la muerte em Sudamérica” de Jorge Camarasa, foi publicado em 2008, na Argentina. Camarasa é um jornalista argentino que trabalhou em diversos jornais do país. Conforme é exposto na capa do livro, foi assessor do *Simon Wiesenthal Center*, uma organização internacional de direitos humanos, fundada pelo famoso caçador de nazistas Simon Wiesenthal.

O livro busca contar a história do médico nazista Josef Mengele, conhecido como o “Anjo da Morte” devido às operações desumanas que realizou no campo de Auschwitz. O livro inicia contando o que o autor chama de “Prehistoria de um asesino”, momento em que narra a trajetória de vida de Mengele na tentativa de responder uma pergunta: “Que sistema social, político e filosófico pode ter criado um homem como Josef Mengele? [tradução nossa]”.⁴²⁰

⁴¹⁶ BASTI, Abel. **Bariloche Nazi**. Buenos Aires: Edición del autor, 2004.

⁴¹⁷ ROCHA, Lucas. **Turismo nazi: uma análise do livro “Bariloche Nazi”**, de Abel Basti. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/32923/1/2022_LucasOliveiraRocha_tcc.pdf

⁴¹⁸ BASTI, 2004, op., cit.

⁴¹⁹ Ibid.

⁴²⁰ CAMARASA, Jorge. **Mengele: el ángel de la muerte en Sudamérica**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2008. p. 19.

No que se segue, a autor discorre sobre as experiências que Mengele realizava, seu refúgio na América do Sul e sua morte no Brasil.

Os trechos mais interessantes do livro, entretanto, são os que Camarasa narra a suposta passagem de Mengele pela cidade de Cândido Godói, no Rio Grande do Sul. Camarasa descreve a cidade como não sendo parte do “Brasil turístico, mas do Brasil profundo, agrícola, que não se oferece em nenhuma agência de viagens” além de que “aqui não há praias, caipirinhas nem mulheres espetaculares [tradução nossa]”.⁴²¹ O pequeno município, com pouco mais de 6 mil habitantes, possui uma alta incidência de gêmeos, destoando do padrão nacional. Além disso, trata-se de uma cidade com uma população de maioria germânica, o que levou Camarasa a suspeitar de que o grande número de gêmeos seja fruto de experimentos de Mengele.

Para o autor, a presença da alta taxa de natalidade de gêmeos foi incorporada na vida dos moradores da cidade, se tornando normal. Ainda, foi utilizado para promover o turismo para a cidade. Camarasa afirma que no museu e nas oficinas públicas da cidade, quando em alguma celebração, não se nega a presença de Mengele no passado na cidade, entretanto, somente enquanto observador, já que o médico havia ouvido de um amigo sobre os gêmeos de Cândido Godói e se interessou na cidade, dando origem a lenda de que ele foi o responsável pelo fenômeno. Camarasa, entretanto, aponta que existem testemunhos de que ele atendia mulheres grávidas na cidade e utilizava remédios e medicamentos, além de falar sobre inseminação artificial. De qualquer forma, o autor conclui o livro alegando que “qual seja o segredo do povo, segue guardado as sete chaves [tradução nossa]”.⁴²²

3.3.8—Grey Wolf: The escape of Hitler, de Simon Dunstan e Gerrard Williams

O livro “Grey Wolf: the escape of Hitler”, de Simon Dunstan e Gerrard Williams, publicado nos Estados Unidos em 2011, conta os supostos preparativos e a fuga de Hitler, além de tentar provar que o *Führer* viveu na região de Bariloche, na Patagônia argentina.⁴²³ Em 2012, o livro chegou aos cinemas em formato de documentário, dirigido por Gerrard Williams.⁴²⁴

Dunstan é inglês e é descrito como autor, *filmmaker* e fotógrafo. Enquanto fazia reportagens em Buenos Aires para a “Al-Jazeera network”, um conglomerado jornalístico com sede

⁴²¹ Ibid. p. 45.

⁴²² Ibid. p. 185-188.

⁴²³ DUNSTAN, Simon.; WILLIAMS, Gerrard. **Grey Wolf: The escape of Adolf Hitler**. New York: Sterling, 2011.

⁴²⁴ MEINERZ, 2018, op. cit., p. 173.

em, Doha, sua equipe encontrou supostas evidências da passagem de Hitler pelo país, uma “história muito grande para ser ignorada [tradução nossa]”.⁴²⁵ Williams dirigiu seu primeiro documentário em 1983, já tendo trabalhado como jornalista em *filmmaker* por 30 anos e atuado em 65 países. O jornalista atuou em diversos episódios dramáticos do último século, como a queda da União Soviética, a primeira Guerra do Golfo e o Tsunami de 2004.⁴²⁶

A publicação do livro foi alvo de polêmica, já que a produção do livro foi feita a partir das pesquisas de Abel Basti, outro conspiracionista argentino. Embora o nome de Basti figure nos créditos do livro, ele afirma que as informações e afirmações utilizadas em “Grey Wolf” são oriundas de suas descobertas, já publicadas em seus próprios livros e utilizadas sem a devida atribuição de créditos no livro.⁴²⁷

Em 15 de outubro de 2007, Basti teria assinado um contrato com a produtora de Williams para a publicação do livro. Em 2009, a produtora devia um montante próximo dos 100 mil dólares para Basti, que notificou judicialmente a produtora no mesmo ano, negando o uso de seus materiais, já que Williams não poderia arcar com a dívida. Tanto o livro e o documentário foram publicados mesmo assim, o que levou Basti a processar a produtora, com uma indenização de 130 mil dólares. Em 2015, Williams estreia outro documentário, *Hunting Hitler*, no canal de televisão *History Channel*, arrecadando 16 milhões de dólares.⁴²⁸

Uma das principais propostas elaboradas por Basti que é utilizada nos livros é como Hitler teria chegado a Argentina e onde vivia. Em “Grey Wolf”, Hitler teria escapado da Europa para a América do Sul de submarino, vindo à tona os *U-boots* alemães U-530 e U-977. Além disso, Dunstan e Williams apontam a residência de Hitler na Patagônia, assim como Basti, como sendo uma mansão às margens do lago Nahuel Huapi.⁴²⁹

3.3.9—Las fotos de Hitler Después de Segunda Guerra, de Abel Basti

Após a publicação de “Bariloche Nazi”, Basti seguiu escrevendo sobre a temática, publicando mais de 10 livros sobre a sobrevivência do nazismo. Em 2023, publicou o livro “Las fotos de Hitler Después de Segunda Guerra”, na Colômbia. No livro, novamente se debruça sobre Hitler não ter se suicidado no bunker, alegando que seu cadáver nunca foi identificado.

⁴²⁵ Ver: <https://www.ebsoc.org.uk/local-story/simon-dunstan/>. Acesso em: 30 de mai. 2025.

⁴²⁶ Ver: <https://www.amazon.com.br/stores/author/B005BDPCKY/about>. Acesso em: 30 de mai. 2025.

⁴²⁷ MEINERZ, 2018. p. 171-172.

⁴²⁸ ROCHA, op., cit. p. 32.

⁴²⁹ MEINERZ, 2018, op., cit. p 173 e DUNSTAN; WILLIAMS. op., cit.

O livro teria sido escrito já que, a partir de supostos documentos da Inteligência dos Estados Unidos, Hitler teria passado em algum momento na Colômbia, em 1954. A partir de então, por meio de diversas fotografias e documentos “secrets”, Basti elabora a obra.⁴³⁰

A investigação proposta no livro segue a cronologia usual das obras do autor. Hitler teria desembarcado na Argentina, onde viveu com Eva Braun, e se refugiado no Paraguai após a queda de Perón. Como a Colômbia não é um país reconhecido notadamente como local de refúgio de criminosos nazistas, encontrar vestígios para a investigação foi um trabalho difícil.⁴³¹

O livro é dividido em duas partes. Na primeira parte, Basti se dedica a narrar um pouco da história da Colômbia, associando a chegada de nazistas no país à “Empresa Siderúrgica Nacional da Paz de Rio”, um megaprojeto iniciado em 1947. O Estado colombiano teria ido em busca de financiamento estrangeiro para a empresa, razão pela qual alguns alemães teriam desembarcado no país. No capítulo seguinte, Basti afirma que 1954 é um ano simbólico para o livro, já que, segundo documentos da *CIA*, Hitler teria sido fotografado na Colômbia. O período de Hitler no país teria coincidido com o momento em que o presidente Rojas Pinilla teria vendido a maioria da siderúrgica para empresas privadas, sendo algumas delas ligadas ao Terceiro *Reich*. No capítulo 3, Basti busca explicar os motivos que poderiam ter levado Hitler ao país. A principal teoria do autor é que o *Führer* estaria envolvido com indústrias químicas e farmacêuticas na Colômbia.⁴³²

Na segunda parte do livro, Basti reúne os documentos que possui, juntos das fotografias, e elabora sua narrativa que comprova a presença do verdugo no país. Hitler teria sido flagrado com um sujeito chamado Philip Citroën, em Tunja. Basti discorda da descrição da *CIA* de que Citroën teria sido um ex-membro da *SS*, e afirma que era um holandês especialista em submarinos que trabalhava para os americanos. O capítulo 6 é onde Basti apresenta seus testemunhos, que afirmavam ter visto Hitler na Colômbia. Nesse capítulo, o autor chega à conclusão, a partir das testemunhas, de que Hitler viveu no bairro de Teusaquillo, em Bogotá. Os capítulos restantes se dedicam à fotografia de Hitler na Colômbia mencionada pelos supostos documentos da *CIA*, tendo encontrado a fotografia por um parente de Citroën.⁴³³

3.4—Autoridade e o Imaginário da sobrevivência do nazismo nas obras de Botacini

⁴³⁰ BASTI, Abel. *Las fotos de Hitler después de la guerra*. Bogotá: Planeta, 2023. n.p.

⁴³¹ Ibid.

⁴³² Ibid.

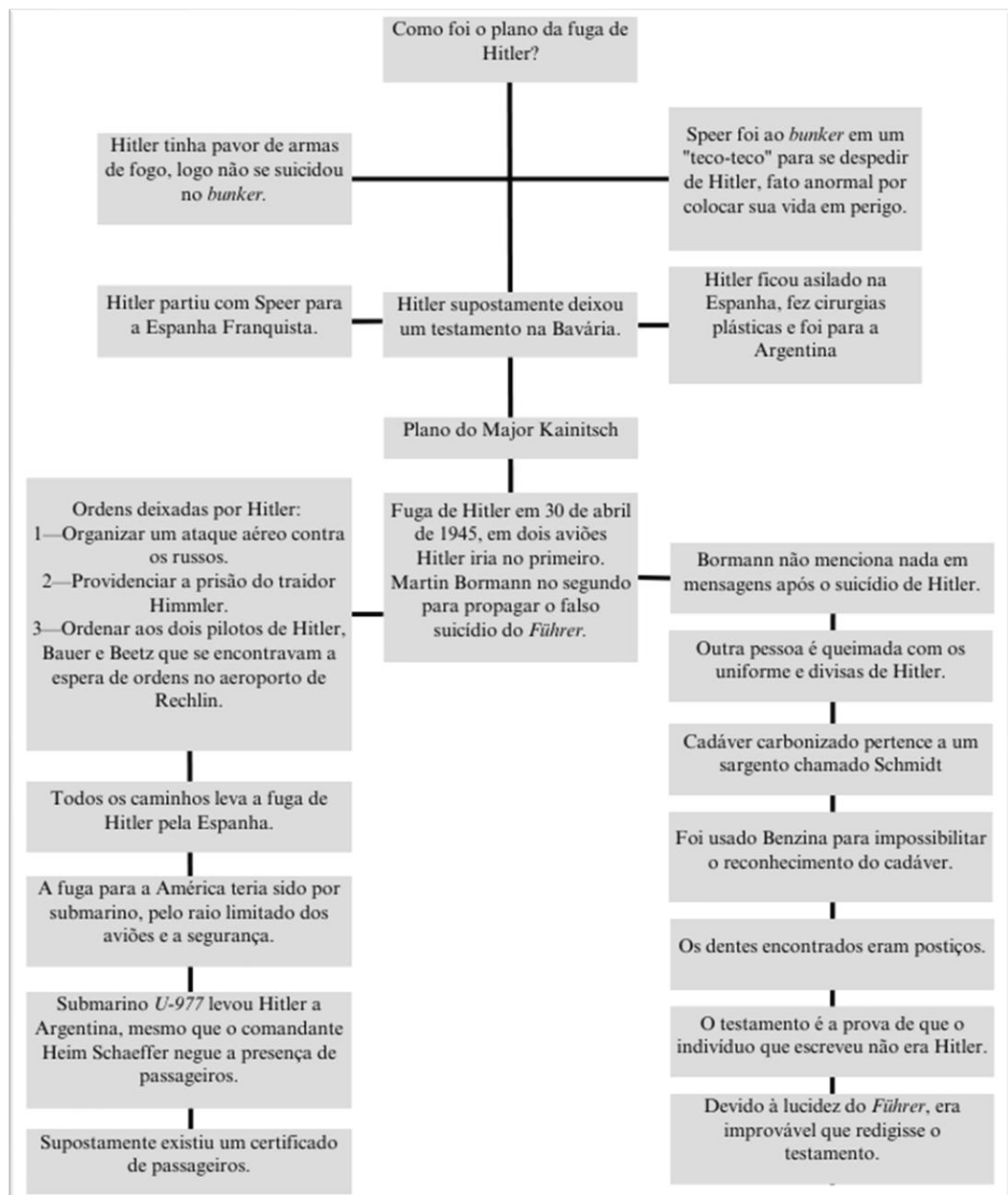
⁴³³ Ibid.

As obras de Roberto Botacini possuem uma função dupla: de um lado, garantem ao autor o título de autoridade e especialista em nazismo, visto que Botacini publica suas obras em um momento que as pessoas possuíam muitas dúvidas e lacunas sobre o fim do Partido Nazista e criminosos de guerra, trazendo supostas verdades a tona, e a historiografia sobre a temática ainda era incipiente. De outro, contribuem para a formação do imaginário de que o Partido Nazista continua vivo, está em processo de se reerguer e que os nazistas possuem uma rede complexa de ajuda mútua.

Conforme foi apresentado na seção anterior, as obras de Botacini pouco introduzem novos conceitos. A ideia de que Hitler, Bormann ou Goebbels não estavam mortos, a existência de submarinos que trouxeram líderes do partido para a América do Sul ou que uma organização secreta chamada “ODESSA” estava resgatando nazistas não é nova. Desde antes do fim do conflito, já se especulava sobre que fim teria o *Reich*.

Para que possamos entender como o autor explica a fuga de Hitler, elaboramos 3 diagramas. Os diagramas a seguir esclarecem melhor as principais ideias de Botacini sobre a sobrevivência do nazismo e de Hitler na América do Sul. Para tanto, eles buscam demonstrar as ideias de Botacini a partir de três questões: “Como foi o plano de fuga de Hitler?”; “Como o autor afirma que os nazistas tinham planos de fugir para a América do Sul?”; e “Como os nazistas conseguiram se estabelecer na América do Sul?”.

Tabela 4: Como foi o plano de fuga de Hitler de acordo com os livros de Roberto Botacini



Fonte: Elaboração do autor, 2024.

A principal teoria defendida por Botacini é a da execução do plano do Major Kainitsch. Ao longo dos livros, não fica claro quem seria Kainitsch, já que não existe nenhuma indicação além do sobrenome do responsável pelo plano. Em um livro publicado em 2014 pelo espanhol Valeriano de la Cruz, com o título “¿Dónde está el cadáver de Hitler?”, o suposto nome de Kainitsch seria “Peter”.⁴³⁴

⁴³⁴ Ver: <https://dondeestaelcadaverdehitler.wordpress.com>. Acesso em: 12 de mai. 2025.

O plano de Kainitsch consistia em tirar Hitler e seus asseclas da Alemanha no dia 30 de abril, em dois aviões. No primeiro, estaria Hitler, no segundo, Martin Bormann. Bormann não iria embarcar com Hitler já que, segundo os planos, ele ficaria em Berlim incumbido de propagar uma falsa morte do *Führer* para enganar os aliados. Outra pessoa seria queimada no lugar de Hitler, usando o uniforme e as divisas do *Führer*. O cadáver encontrado pelos soviéticos seria posteriormente de um sargento chamado “Schmidt”, que apresentava um orifício de bala na testa. Para dificultar a identificação do cadáver, foi usada benzina, e os dentes encontrados eram postiços.⁴³⁵

Para explicar como foi a fuga de Hitler do *bunker*, Botacini inicia negando a possibilidade de ele ter dado um tiro contra a própria cabeça. Essa afirmação seria impossível, visto que o *Führer* teria pavor de armas, portanto, nunca portava uma consigo.

O plano de fuga é explicado pela ida dos pilotos Robert von Greim e Hanna Reitsch para o *bunker*. Von Greim teria sido chamado ao *bunker* para ser nomeado comandante da *Luftwaffe*. O piloto, inicialmente, não teria entendido o motivo de ser chamado pessoalmente ao *bunker* para ser nomeado comandante, sendo que isso poderia ter sido feito por telegrama. O autor explica que, posteriormente, o chamado de Von Greim fica claro. Ele teria que voar até o aeroporto de Rechlin e ordenar que os pilotos Baur e Beetz fossem até Berlim a bordo de dois aviões “Fieseler-Stork” para dar prosseguimento à fuga.⁴³⁶

Outro episódio que chama a atenção do autor é que Speer teria arriscado sua vida sobrevoando os céus de Berlim para se despedir de Hitler. O fato levanta estranheza para Botacini, visto que a despedida teria um perigo duplo para Speer: o primeiro seria “cruzar um intenso fogo inimigo, pilotando um frágil e desguarnecido avião ‘teco-teco’”. O segundo era a possibilidade de ser executado por Hitler, já que ele “estava comprometido em um complô para eliminar Hitler e todos os chefes nazistas. O plano consistia em introduzir gás no sistema de ventilação do *bunker*”.⁴³⁷ Mesmo assim, uma das possibilidades que Botacini levanta é que Hitler teria ido com Speer para a Espanha franquista.

O testamento deixado por Hitler também é contestado como prova de fuga do líder do partido. O autor alega que, no estado mental em que ele se encontrava, seria muito improvável que tenha conseguido escrever a carta. Botacini afirma que o testamento “é a prova mais palpável de que o indivíduo que fez suas despedidas no refúgio da chancelaria, na madrugada de

⁴³⁵ BOTACINI, 1964b, op., cit. p. 32-35.

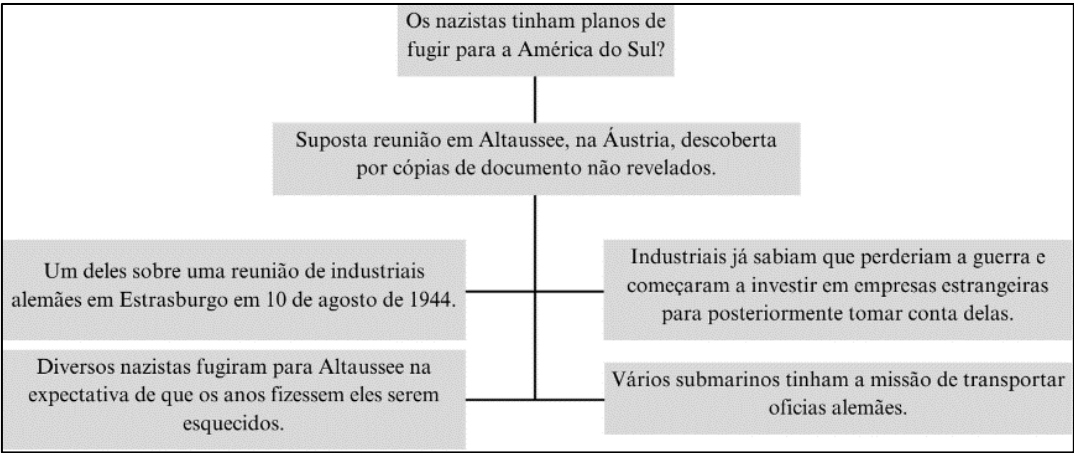
⁴³⁶ BOTACINI, 1965, op., cit. p. 37-49.

⁴³⁷ BOTACINI, 1964a, op., cit. p. 106.

30 de abril ou 1.º de maio, não era o verdadeiro Führer”. Continua questionando o leitor sobre como é improvável acreditar que um indivíduo que “parecia dopado e tinha os olhos vidrados possuísse um dia ou dois, antes, (o testamento está datado de 29 de abril) uma lucidez mental suficiente para conceber e redigir um documento semelhante?”.⁴³⁸

Após chegar à Espanha, onde teria sido asilado por Franco, Hitler passou por cirurgias plásticas que dificultaram seu reconhecimento e embarcou em um submarino com destino à Argentina.⁴³⁹

Tabela 5: Argumentos que levam Roberto Botacini a acreditar que os nazistas estavam vindo para a América do Sul



Fonte: Elaboração do autor, 2024.

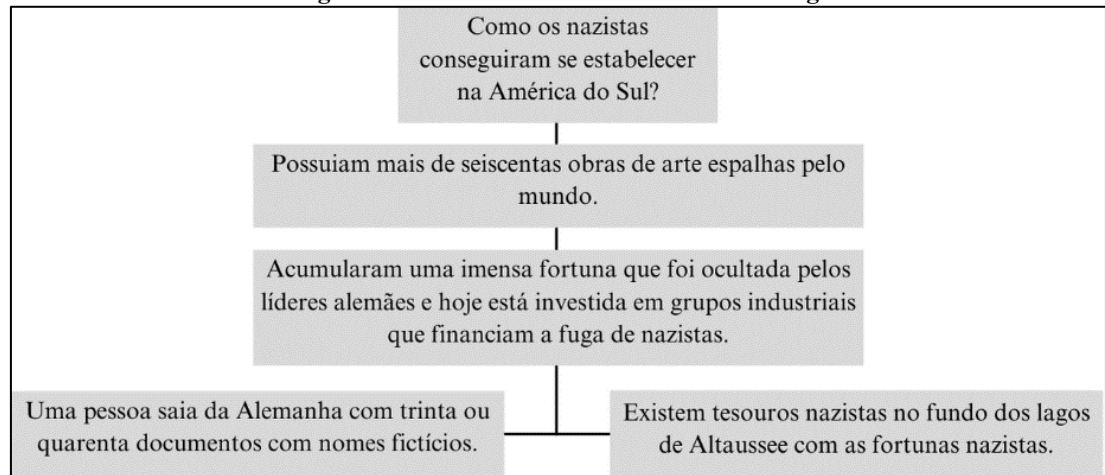
Para explicar que os nazistas já tinham planos para fugir para a América do Sul, Botacini cita supostos documentos não revelados que indicam planos anteriores ao fim da guerra. O autor afirma que, na região de Alt-Aussee, vários documentos foram encontrados e que eles revelaram muitos segredos. Dentre esses documentos, “um deles se referia a uma reunião especial de industriais alemães, que se realizou num hotel de Estrasburg a 10 de agosto de 1944”. Nessa reunião, os industriais já sabiam que a guerra estava perdida e decidiram entrar em contato com firmas estrangeiras, para “investir dinheiro nelas e, posteriormente, assumir o controle das mesmas, a fim de poderem financiar e reorganizar o Partido Nazista, após a guerra”. Além disso, diversos nazistas alemães teriam fugido para a mesma região na esperança de o tempo modificar suas aparências e eles serem esquecidos. Assim, vários submarinos já haviam sido preparados para transportar fugitivos para a América do Sul.⁴⁴⁰

⁴³⁸ BOTACINI, 1964b, op., cit. p. 39.

⁴³⁹ Ibid. p. 31.

⁴⁴⁰ Ibid. p. 23-24.

Tabela 6: Como os nazistas conseguiram se estabelecer na América do Sul segundo Roberto Botacini



Fonte: Elaboração do autor, 2024.

A última pergunta que traçamos é como Botacini explica como os nazistas conseguiram se manter, financeiramente, na América do Sul. Durante a guerra, o Partido Nazista assumiu para si diversas obras de arte, com valores elevados. Botacini afirma que existem mais de seiscentas obras de arte espalhadas pelo mundo, nas quais alguns donos conseguem contemplá-las secretamente ou com amigos de confiança. As obras são somente uma parcela da fortuna que foi acumulada durante a guerra e que hoje está escondida ou investida em grandes grupos industriais, que proporcionaram enormes lucros. Parte desse lucro está sendo utilizado para financiar a fuga de ex-oficiais alemães. Junto a isso, nessa rede de apoio aos nazistas, uma pessoa poderia sair da Alemanha com até 40 documentos com nome e identidades fictícias.⁴⁴¹

As teorias da sobrevivência do nazismo e seus membros garantem a autoridade na temática para Botacini visto que, por se tratar de um imaginário latente na época, trazem algumas certezas à tona. Ao detalhar os planos de fuga de Hitler, traçando seu trajeto e seu destino, Botacini consegue forjar certezas. Demo aponta que “precisamos forjar certezas, não porque sejam certas, mas porque precisamos nos acalmar”. Dessa forma, temos a tendência a seguir modelos que aparentam ser lógicos, “precisamos de crenças, porque as incertezas nos devoram”.⁴⁴²

Os livros do autor afirmam que essas certezas serão fornecidas logo nas informações da capa, contracapa e apresentação dos livros. Em “Onde estará Hitler?”, na apresentação, é dito

⁴⁴¹ Ibid. p. 14-19.

⁴⁴² DEMO, op., cit. p. 31.

que as “hipóteses formuladas sobre o paradeiro de Hitler são contraditórias e não convencem plenamente”. Botacini é introduzido como “profundo investigador da matéria em pauta” e o livro será capaz de “esclarecer o que realmente aconteceu, e, assim, lançar mais luz sobre esse mistério indecifrável”.⁴⁴³

No livro “Nazistas na América”, os editores do livro afirmam que a obra “relata pormenorizadamente, a fuga dos principais líderes do Nazismo”. Ainda segundo os editores, a localização dos criminosos é de “conhecimento geral”, isto é, “encontram-se hoje, refugiados, em sua maioria, nos países da América Latina”. Na seção “Nota do autor”, Botacini esclarece que o objetivo do livro não é “denunciar oficiais e líderes sobreviventes do exército alemão”, mas “esclarecer alguns pontos obscuros da história, relativos ao desaparecimento de figuras importantes do nazismo”.⁴⁴⁴

Em “A fuga de Hitler”, o autor apresenta na introdução que o mundo vem se perguntando, desde o fim da guerra, se Hitler teria conseguido fugir do *bunker*. Apresenta, logo em seguida, alguns argumentos que corroboram com a ideia. Afirma, então, que “consequimos estabelecer de maneira irrefutável que um pequeno avião deixou o Tiergarten na madrugada de 30 de abril” e levanta o questionamento: “Existe prova de que Adolf Hitler fez preparativos, com o fim de estabelecer um refúgio onde pudesse ficar escondido depois da derrota?”. A resposta é positiva, embora tudo tenha sido feito no maior segredo.⁴⁴⁵

Nos dois últimos livros do autor, a proposta é a mesma: desvendar o paradeiro de Hitler e seus asseclas. Em “Perón: a volta do nazismo”, na introdução, o livro promete apresentar “como antigos criminosos de guerra, conseguiram refúgio na América Latina e Oriente Médio, suas ligações com vários governos, grupos terroristas, traficantes de armas, de drogas e divisas, e principalmente com as maiores empresas comerciais e industriais do mundo”.⁴⁴⁶ Em “O nazismo sobrevive ao Terceiro Reich”, o autor é apresentado como “um dos mais categorizados e aceitos escritores sobre o problema” e o objetivo do livro é descrever “os acontecimentos que até agora foram marginalizados do grande público leitor”.⁴⁴⁷

Fica evidente, a partir dos trechos expostos logo na apresentação dos livros, que o objetivo do autor era esclarecer supostas lacunas e apaziguar os anseios de um público repleto de dúvidas. É importante lembrar que estamos falando principalmente do início dos anos de 1960.

⁴⁴³ BOTACINI, 1964a, op., cit. p. 10.

⁴⁴⁴ BOTACINI, 1964b, op., cit.

⁴⁴⁵ BOTACINI, 1965, op., cit. p. 7-10.

⁴⁴⁶ BOTACINI, 1973, op., cit.

⁴⁴⁷ BOTACINI, 1977, op., cit.

Nesse momento, a prisão de Adolf Eichmann, o “arquiteto do Holocausto”, os julgamentos de Frankfurt e as produções da indústria do entretenimento traziam a temática do nazismo de volta à tona. A historiografia sobre o destino dos nazistas era incipiente, levando muitos curiosos a voltarem seus olhos para obras que prometiam encerrar suas angústias. Mesmo assim, os livros de Botacini não podem ser vistos enquanto verdadeiros por existirem leitores que aceitam a autoridade do autor no tema. Isso porque, conforme exposto por De George, as proposições do autor não se tornam verdadeiras pela crença coletiva, já que “crença baseada em autoridade não constitui prova [tradução nossa]”. Contudo, quando existe pouco ou nenhum indício que garanta o oposto, a autoridade de Botacini é motivo razoável para alguns leitores acreditarem em suas teorias.⁴⁴⁸

Podemos definir que o autor se aproxima da autoridade epistêmica proposta por De George. Sua autoridade é construída na premissa de que ele tem em suas mãos o conhecimento necessário para desvendar alguns mistérios do passado e do presente nazista. Uma autoridade epistêmica, conforme exposto anteriormente, é uma autoridade baseada no suposto conhecimento que um indivíduo possui. Quando outros indivíduos “Y” reconhecem que Botacini, ou “X”, possui um vasto conhecimento em nazismo, ele é reconhecido enquanto autoridade epistêmica.⁴⁴⁹

O contrário também é verdade. Caso percebamos que Botacini não possui o vasto conhecimento que se supunha, então ele deixa de ser autoridade epistêmica no campo “R”. A dificuldade dessa abordagem, entretanto, é definir a “quantidade” de conhecimento que Botacini precisaria ter para ser uma autoridade no tema. Para resolver esse impasse, De George nos sugere pensar a autoridade epistêmica a partir dos indivíduos que reconhecessem a autoridade de Botacini, enfatizando a relação de autoridade exercida pelo autor aos seus leitores. Assim, essa abordagem possibilita diferentes opiniões sobre um indivíduo “X” ser, ou não, uma autoridade.⁴⁵⁰

Sendo a relação estabelecida entre Botacini (X) e seus leitores (Y) o critério para definir se o autor é ou não uma autoridade epistêmica em um campo (R), o conhecimento de Botacini ou a veracidade de seus argumentos deixa de ser o fator principal. A autoridade epistêmica de Botacini (X) é consolidada a partir do momento em que ele possui leitores (Y) que acreditam no que está sendo dito em seus livros. Se não existem leitores (Y) que acreditem em seus livros,

⁴⁴⁸ DE GEORGE, op., cit. p. 42.

⁴⁴⁹ Ibid. p. 26.

⁴⁵⁰ Ibid. p. 27.

não importa o quão erudito sobre o assunto seja o autor, ele não é uma autoridade. Portanto, Botacini se faz autoridade independentemente dos seus argumentos.⁴⁵¹

O imaginário da época pode ser visto como o principal motivo que leva os indivíduos Y a acreditarem no autor. As teorias de Botacini ganham ainda mais atenção já que, além da autoridade do autor, elas se apoiam no imaginário de uma parcela de indivíduos que possuem anseios profundos. Conforme é exposto por Baczko, elas “acabam por se tornar uma razão de existir e agir para os indivíduos e para os grupos sociais”. Mesmo que as preposições do Botacini misturem o real e o imaginado, o papel que os desejos, aspirações e motivações desempenham nas suas obras é grande. As obras estão rodeadas “por um horizonte de expectativas e de recusas, de temores e de esperanças”. Desse modo, se as representações dos acontecimentos por vezes são mais relevantes que o próprio acontecimento em um imaginário, as projeções do futuro, repletas de inquietações, expectativas e desejos, sejam elas sobre o futuro do *Reich* ou dos criminosos de guerra, são frutos das representações do imaginário.⁴⁵²

Os livros de Botacini são pretensamente científicos. A autoridade da ciência e seus métodos, à pelo menos um século, se aproximam do sagrado. Pedro Demo afirma que “temos a tendência a reverenciar a ciência como se reverencia qualquer livro sagrado, porque, assim como antigamente a religião invadia todas as dobras da vida, hoje este papel é reservado à ciência”. Os livros de Botacini se apresentam como pesquisas científicas, em prol da busca pela verdade e a resposta a questionamentos levantados nas obras. O problema desse tipo de obra, como aponta Demo, é que enquanto “ciência”, elas não são admitidas como fonte de contestação, mas sim a partir de uma aceitação subserviente.⁴⁵³

O uso de referências e notas de rodapé, de citações à historiografia renomada da época, de documentos e de outros conspiracionistas, garante às obras um alto grau de plausibilidade. Essas informações organizadas a partir de métodos pretensamente científicos, nas quais Demo aponta que dificilmente quem as consome saberiam decifrá-las, além de demonstrar que é mais importante “a ênfase, não a informação, o furo de reportagem, não a notícia, a elegância e o charme do apresentador, não o contexto dos fatos”.⁴⁵⁴

A referência, por exemplo, artifício utilizado por Botacini, é uma dessas características do argumento de autoridade. Demo aponta que, muitas vezes, “um texto vale pelo argumento

⁴⁵¹ Ibid. p. 29.

⁴⁵² BACZKO, op., cit. 311-312.

⁴⁵³ DEMO, op., cit. p. 22.

⁴⁵⁴ Ibid.

que contém, não pela boca que o profere”. Isso se torna mais evidente quando o autor dos argumentos referencia o que ele chama “vacas sagradas”, revelando que o uso de referências pode revelar traços de subserviência.⁴⁵⁵

Os livros escritos pelo autor são, portanto, importantes na construção de sua autoridade. Sua conturbada vida política e social, alinhada as obras que pretensamente exploram a solução de um dos temas mais intrigantes de sua época, tornam os livros do autor um ponto de partida importante para se entender como se dá o cunho de especialista ou *expert*, isto é, a autoridade, e como um imaginário social pode ser explorado para os mais diversos fins. As atitudes e episódios protagonizados por Botacini, que em um olhar menos atento podem apenas ser curiosos, demonstram que o autor nutria uma profunda desconfiança do Estado. As polêmicas do autor visavam denunciar, de forma explícita ou velada, alguma postura governamental que ele julgava errônea, sejam leis ou indivíduos. Os livros são mais uma forma de denuncia empregada por Botacini, que queria comprovar a corrupção dos Estados ao demonstrar que eles acobertaram nazistas e colaboracionistas.

No intervalo de 13 anos, o autor publicou, pelo menos, 5 livros.⁴⁵⁶ Os argumentos utilizados nos livros se mantêm praticamente estáticos, com poucas novidades entre eles. Os 3 primeiros livros, “Onde estará Hitler?” e “Nazistas na América”, de 1964, e “A Fuga de Hitler” de 1965, são reproduções um do outro. Os dois últimos, “Perón: a volta do nazismo”, de 1973, e “O nazismo sobrevive ao Terceiro Reich”, de 1977, apresentam abordagens diferentes, mas pouco inovam nas justificativas. A fuga de Hitler do *bunker* para a Espanha na noite de 30 de abril e a respectiva ida à Argentina por submarino, a existência de organizações como a “ODESSA” e a “A Aranha” e as incongruências dos argumentos apresentados pela “história oficial” até então são explorados da mesma forma nos 5 livros.

⁴⁵⁵ Ibid. p. 16.

⁴⁵⁶ Existem menções a um livro com o título “Hitler não morreu em Berlim”, porém, o livro parece nunca ter sido publicado. As últimas notícias que encontramos é que o livro estava prestes a ser publicado e foi enviado para a Censura Federal, durante a ditadura militar, e estava esperando a liberação. Ver: “Hitler não morreu em Berlim”. A Cidade, Santa Catarina, 5 de jul. 1972. <http://memoria.bn.br/DocReader/882860/23111>. Acesso em: 5 de jan. 2024 e “Seguidinhas...”. A Tribuna, São Paulo, 14 de abr. 1971. http://memoria.bn.gov.br/DocReader/153931_05/13995. Acesso em: 16 de mai. 2025.

Imagem 7: Roberto Botacini



Fonte: São Paulo Antiga⁴⁵⁷

Os curiosos episódios trabalhados no capítulo anterior, como a aposentadoria da mula Menina e a candidatura e cassação do papado, podem revelar mais que críticas veladas as instituições. No primeiro caso, Botacini conseguiu demonstrar que, enquanto várias pessoas aguardavam para conseguir suas aposentadorias, em pouco tempo uma mula teve a sua aprovada. Na segunda, uma instituição que tanto prega sobre a liberdade e a democracia, realiza eleições que desconsideram as vontades dos seus bilhões de fiéis. Em uma reportagem sobre Botacini, publicado no site “São Paulo Antiga”, a filha mais nova do autor, Karina Magalhães, aponta que “foi uma afronta à Igreja. Ele era ateu”.⁴⁵⁸ Os livros do autor demonstram que Botacini tinha críticas ferrenhas aos Estados, mas também uma grande desconfiança neles.

Na epígrafe de “Nazistas na América”, o autor diz que “muitas vezes os atos de covardia dos vencedores recebem o nome de heroísmo e os atos de bravura dos vencidos são chamados de crimes de guerra”.⁴⁵⁹ Logo em seguida, na seção “Nota do autor”, continua dizendo:

não creio em crimes de guerra, pois todos perseguem, condenam e executam os vencidos, mas, ninguém ousa condenar os vencedores; nenhuma voz se levanta contra os criminosos vitoriosos. Crimes de Guerra não existem; o que existe é a necessidade de

⁴⁵⁷ NASCIMENTO, Douglas. Bottacin, o paulista eu quis ser papa. São Paulo Antiga, São Paulo, 8 de mai. 2025. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/bottacin-o-paulista-que-quis-ser-papa/>. Acesso em: 26 de mai. 2025.

⁴⁵⁸ “Roberto Botacin, o ribeirãopirense que se candidatou a papa em 1978”. Diário de Ribeirão Pires, São Paulo, 11 de mai. 2025. Disponível em: <https://diariorp.com.br/2025/05/11/roberto-botacin-o-ribeiraopirense-que-se-candidatou-a-papa-em-1978/>. Acesso: 26 de mai. 2025.

⁴⁵⁹ BOTACINI, Roberto. *Nazistas na América*. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1964b.

evitar-se que certas pessoas sobrevivam, pois suas declarações seriam comprometedoras para alguns países vencedores ou sociedades, as quais dirigiram as indústrias interessadas, que precisavam do sangue da humanidade para poderem sobreviver.⁴⁶⁰

Mesmo que o autor estivesse situado em uma corrente cultural mais ampla dos pós-Segunda Guerra, em que teorias da fuga de Hitler e da sobrevivência do nazismo estavam na ordem do dia, fica evidente suas críticas aos governos, seja o brasileiro, estadunidense ou de países europeus.

Os livros, publicados durante a ditadura militar brasileira, denunciam não somente crimes de guerra. Ao explorar a sobrevivência do nazismo, Botacini discute sobre estruturas de poder e influências totalitárias, tecendo uma crítica as dinâmicas de poder brasileiras e potencialmente fugindo dos órgãos de censura da ditadura. Dessa forma, podemos perceber que mesmo episódios que aparentam não ter conexão alguma com os livros, como o pedido de Habeas corpus para cachorros⁴⁶¹, desafiam a autoridade estatal e os limites da interpretação jurídica, e demonstram que criticar e desafiar o Estado brasileiro era o principal motor de Botacini.

Assim, suas denúncias, que poderiam ser interpretadas como atos humorísticos, são críticas performáticas ao Estado e a burocracia brasileira. O historiador Arnaldo Boaventura Neto, em uma reportagem do “Diário de Ribeiro Pires”, afirma que Botacini “estudava diversos tipos de legislações a fim de encontrar os chamados ‘absurdos legais’ onde poderia agir para criticar determinado problema”.⁴⁶²

Ao velar suas críticas em casos curiosos, Botacini conseguia ampliar seu alcance, atingindo jornais do Brasil inteiro e escapando somente do escopo local do ABC Paulista. O autor, ao estudar as legislações em buscas de brechas, desafia as leis e a burocrática ao extremo, expondo injustiças e abusos em situações incomuns, por meios que o discurso político convencional não conseguiria.

Mesmo assim, no âmbito da literatura da sobrevivência do nazismo no Brasil, os livros de Botacini são uma novidade. Eles possuem influência de obras publicadas na Argentina, país no qual a temática chamou mais atenção devido às denúncias a Perón, como as de Silvano Santander, Raúl Taborda e Ladislao Szabo, de onde boa parte de seus argumentos são retirados. Portanto, contribuem para a inauguração ao importar para o Brasil ideias que estavam sendo propagadas no restante da América do Sul.

⁴⁶⁰ Ibid.

⁴⁶¹ Habeas-corpus para os cachorros. Jornal da República, São Paulo, 15 de nov. 1979. <http://memoria.bn.br/DocReader/194018/1176>. Acesso em: 5 de jan. 2024.

⁴⁶² “Roberto Botacin, o ribeirãopirenses que se candidatou a papa em 1978”, op., cit.

Os livros de Roberto Botacini são uma importante fonte para compreender como se deu a disseminação do imaginário da sobrevivência do nazismo e criminosos de guerra no Brasil e na América do Sul. Escritos por uma importante figura na política brasileira, o escritor trouxe ao Brasil ideias que, até hoje, alimentam o imaginário da sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, examinei cinco livros publicados por Roberto Botacini, em que o autor defende a possibilidade de Hitler conseguido fugir do *bunker*, junto a outros generais nazistas e criminosos de guerra. Nos livros, Botacini busca demonstrar a existência de uma organizada e complexa rede de apoio aos nazistas, financiada com dinheiro de industriais

alemães que desde antes da guerra pensaram em formas de acobertar esses criminosos e mover suas empresas e lucros para outros locais do mundo. O autor realiza também denúncias a Estados nacionais, que estariam abrigando esses criminosos em busca de interesses próprios.

A partir das obras de Roberto Botacini, sendo elas: “Onde estará Hitler?”, “Nazistas na América”, “A fuga de Hitler”, “Perón, a volta do nazismo” e “O nazismo sobrevive ao Terceiro Reich”, traçamos como os argumentos do autor são construídos a partir dos gêneros textuais “História Alternativa”; “História Contrafactual”; “Romance Histórico”; e “Ficção Científica”, com os marcadores, ou as características “Apelo à autoridade”, sendo as técnicas empregadas pelo autor para conferir credibilidade as suas obras, como o uso de referência, notas de rodapé e testemunhas; “Acobertamento”, que marca a presença de uma desconfiança exagerada nos livros, na qual uma entidade muito poderosa ou o governo estariam empenhados em esconder a verdade das pessoas; “Apelo emotivo”, marcado pela tentativa de engajar os leitores a partir de elementos que evoquem emoções, como empatia, raiva ou alegria; “Ceticismo radical”, marcado por ideias que demonstram um ceticismo não saudável, isto é, dúvidas e soluções encontradas pelo autor sugerem possibilidades extraordinárias; e “Causa-Efeito”, marcado pelo uso de explicações simples e diretas aos questionamentos levantados. Essas características podem, ou não, estar presentes nos livros. Concluimos que, a partir da mistura dos gêneros textuais supracitados, e da maior ou menor presença dos marcadores, flertando com as teorias da conspiração, as obras de Botacini estão inseridas em um gênero que chamamos de “Ficção Histórica Especulativa.

A construção da autoridade do autor em nazismo, a partir da exploração do imaginário social e do preenchimento de lacunas da época sobre o fim de criminosos de guerra e do *Reich*, foi central a construção dessa dissertação. Todos os livros foram escritos no período da Guerra Fria, marcado pelo clima de medo e incerteza, criando um terreno propício para a proliferação de narrativas fantásticas e teorias da conspiração. O caldo cultural favorável do período, marcado pela curiosidade pública sobre esses temas, serviu de combustível para o autor, que emergiu enquanto especialista em criminosos de guerra a partir do manejo desse imaginário e garantiu certa autoridade epistêmica na temática. A mistura constante do real e do imaginado torna complexa a empreitada de distinguir o que é real e o que foi concebido pelo autor.

Demonstramos que as obras de Botacini não estavam sozinhas nessa empreitada. Outros autores, desde antes do fim da Segunda Guerra Mundial, se dedicaram a escrever sobre o destino do partido nazista. Desde teorias que tentam explicar como Hitler não teria se suicidado e

fugido para algum local, até o detalhamento dos planos de ressurgimento de um IV *Reich*, diversos outros autores se debruçaram e apontaram as possibilidades e as formas como isso aconteceria.

Os principais argumentos apresentados pelo autor que traçamos em suas obras revelam que além de estar inserido em uma linha de pensamento, notadamente a dos teóricos da conspiração da sobrevivência do nazismo, demonstram que o autor nutria críticas e desconfianças quanto a diversos governos do mundo.

Segundo as obras de Botacini, Hitler teria escapado do *bunker* em avião “teco-teco”, em um plano previamente traçado pelos verdugos. Teria ido primeiramente a Espanha, onde recebeu o asilo de Francisco Franco, e posteriormente passado por cirurgias plásticas para que sua aparência fosse irreconhecível. Essa teoria é reforçada pelo autor a partir da possibilidade da ida de alguns médicos junto ao *Führer*. Da Espanha, embarcou em um submarino com destino a América do Sul, tendo vivido na Argentina.

Para demonstrar que Hitler não teria tirado a própria vida e posteriormente cremado, Botacini recorre à ausência de prova definitivas em relação aos fatos narrados na “narrativa oficial”. Hitler tinha pavor de armas, portanto, não poderia estar portando uma; o corpo encontrado cremado seria de outro soldado nazista, que teria sido cremado vestindo o uniforme e as insígnias do líder do partido; os dentes encontrados pelos soviéticos eram postiços.

Com relação aos demais criminosos de guerra e ex-membros do partido, a explicação das fugas passaria por uma organização secreta, a “ODESSA”, ou “Organização de ex-membros da SS”. A partir dos lucros obtidos durante o conflito, sejam eles pelas riquezas subtraídas ou pelos investimentos feitos pelas indústrias no exterior, Botacini defende a ideia de que houve uma articulação minuciosamente planejada pelos nazistas para ajudar uns aos outros. Essa organização estaria presente no mundo inteiro, e seria responsável pela distribuição de passaportes e por garantir a segurança dos nazistas.

Não obstante, ao longo de sua vida, Botacini foi responsável por casos e episódios “folclóricos”. Demonstramos que as polêmicas que envolviam o autor foram formas encontradas por ele para criticar, de forma performática, questões como a burocracia estatal, que atrasava aposentadorias, e outras instituições, como a Igreja Católica, que embora criticasse regimes autoritários, era movida por práticas que o autor considerava autoritárias. Buscando a todo momento brechas legais que possibilitassem cenários absurdos, o autor buscou expressar sua desconfiança ao Estado por vias que garantissem mais visibilidade para si.

Roberto Botacini foi uma figura importante. As polêmicas e os livros demonstram vivia em profunda desconfiança quanta a diversas entidades. Seus livros, embora apresentem poucas ideias inéditas quanto a sobrevivência do nazismo, trazem ao contexto brasileiro uma forma de enxergar os fenômenos da queda do Terceiro *Reich* a partir de uma ótica não habitual. Esta pesquisa teve por objetivo analisar as obras e a vida do autor, identificar os recursos utilizados pelo autor que garantiram sua credibilidade e das suas obras, a construção da autoridade a partir dos livros e das polêmicas e a articulação do imaginário da sobrevivência do nazismo oriundo da Guerra Fria, que constatarem a desconfiança de Botacini em relação ao Estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A. Fontes

BASTI, Abel. **Bariloche Nazi**. Buenos Aires: Edición del autor, 2004.

BASTI, Abel. **Las fotos de Hitler después de la guerra**. Bogotá: Planeta, 2023.

BOTACINI, Roberto. **A fuga de Hitler**. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1965.

BOTACINI, Roberto. **Nazistas na América**. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1964b.

BOTACINI, Roberto. **O nazismo sobrevive ao Terceiro Reich**. São Paulo: Combrig, 1977.

BOTACINI, Roberto. **Onde estará Hitler?** São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1964a.

BOTACINI, Roberto. **Perón: a volta do nazismo.** São Paulo: Combrig, 1973.

BURNSIDE, Patrick. **El escape de Hitler.** Buenos Aires: Booklet, 2004.

CAMARASA, Jorge. **Mengele: el ángel de la muerte en Sudamérica.** Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2008.

COSTA, Juracy. **O IV Reich: O ressurgimento do nazismo.** Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

DANTAS, Ewaldo. **O Depoimento do SS Altmann=Barbie.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

DUNSTAN, Simon; WILLIAMS, Gerrard. **Grey Wolf: The escape of Adolf Hitler.** New York: Sterling, 2011.

ERDSTEIN, Erich. **O renascimento da suástica no Brasil.** Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1977.

FORSYTH, Frederick. **O Dossiê Odessa.** Rio de Janeiro: Record, 1972.

SANTANDER, Silvano. **Nazismo en Argentina: la conquista del ejercito.** Montevideo: Pueblos Unidos, 1945.

SANTANDER, Silvano. **Tecnica de una traicion.** Buenos Aires: Edicion Argentina, 1955.

B. Jornais e reportagens

“Hitler não morreu em Berlim”. A Cidade, Santa Catarina, 5 de jul. 1972. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/882860/23111>. Acesso em: 5 de jan. 2024.

“Roberto Botacin, o ribeirãoopirense que se candidatou a papa em 1978”. Diário de Ribeirão Pires, São Paulo, 11 de mai. 2025. Disponível em: <https://diariorp.com.br/2025/05/11/roberto-botacin-o-ribeiraopirense-que-se-candidatou-a-papa-em-1978/>. Acesso: 26 de mai. 2025.

“Seguidinhas...”. A Tribuna, São Paulo, 14 de abr. 1971. http://memoria.bn.gov.br/DocReader/153931_05/13995. Acesso em: 16 de mai. 2025.

Ademir Medici. Roberto Bottacin vive. Diário da Grande ABC, São Paulo, 7 de ago. 2021. <https://www.dgabc.com.br/Noticia/3738980/roberto-bottacin-vive>. Acesso em: 6 de jan. 2024.

Alfândega de Santos. A Tribuna, São Paulo, p. 3, 2º caderno, 19 de nov. 1968. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/153931_01/91905. Acesso em: 4 de jan. 2024.

ANSEDE, Manuel. A volta do Prêmio Nobel que não abandona suas teorias racistas sem base científica. Brasil, El País, 5 de jan. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/03/internacional/1546527532_263106.html. Acesso em: 30 de mai. 2025.

As peripécias de um historiador que quis se tornar Papa e aposentou uma mula. Folha Ribeirão Pires, São Paulo, p. 6, 18 de mar. 2011. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/15823613/curiosidades-e-lendas-da-estancia-folha-ribeirao-pires#>. Acesso em: 6 de jan. 2024.

Até cristãos admitem leigo no trono papal. O Fluminense, Rio de Janeiro, 7 de nov. 1977. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/100439_11/49514. Acesso em: 5 de jan. 2024.

Bitributação traz crise a olarias de Ribeirão Pires. A Tribuna, São Paulo, p. 9, 2º caderno, 24 de jun. 1973. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/153931_02/48631. Acesso em: 5 de jan. 2024.

Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Vol. 14, n. 2. 2º sem. 1964. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/430870/12305>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

Botacini. Um leigo quer ser Papa. Cidade de Santos, São Paulo, n. 3.711, p. 7, 10 de nov. 1977. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/896179/58815>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

Brasileiro que pesquisa o paradeiro de nazistas já publicou três livros. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 9 de jul. 1972. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/239150. Acesso em: 5 de jan. 2024.

Câmara solicitou funcionamento imediato da Comissão de Turismo. A Tribuna, São Paulo, p. 8, 4 de fev. 1960. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/153931_01/892. Acesso em: 4 de jan. 2024.

Cassação. O Estado de São Paulo, São Paulo, 6 de jul. 1980. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19800605-32277-nac-0012-999-12-not/busca/Bottacin>>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

Clima de festa teve início cedo. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p. 2, 1º caderno, 17 de abr. 1984. http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/118196. Acesso em: 5 de jan. 2024.

Comemora-se hoje em Ribeirão Pires o Dia do Padroeiro da Cidade: São José. Correio Paulistano, São Paulo, p. 10, 19 de mar. 1963. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_11/15127. Acesso em: 4 de jan. 2024.

Depois de 30 anos, o descanso merecido. A Tribuna, São Paulo, p. 18, 1 de set. 1978. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/153931_02/110285. Acesso em: 5 de jan. 2024.

Diário da Câmara dos Deputados, terça-feira, 4 de set. de 1973. Diário do Congresso Nacional, editado pelo Senado Federal, Capital Federal, 4 de set. de 1973. Ano XXVIII, nº 97, p. 5191.

Disponível em: <<http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD04SET1973.pdf>>. Acesso em: 9. de fev. de 2023.

Disputa-se, esta tarde, o Torneio Início do Campeonato Paulista Profissional de Futebol de 1953. O Estado de São Paulo, São Paulo, 12 de jun. 1953. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19530712-23978-nac-0017-999-17-not/busca/Botacini>>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

Escritor pede para tirar Papa. O Fluminense, Rio de Janeiro, p. 7, 5 de jun. 1980. http://memoria.bn.br/DocReader/100439_12/4119. Acesso em: 5 de jan. 2024.

Estado atribui à Receita Federal a bitributação. O Estado de São Paulo, São Paulo, 31 de ago. 1973. Disponível em: < <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19730831-30192-nac-0039-999-40-not/busca/Botacini>>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

EX-CHEFE DA GESTAPO REVELOU AO ESCRITOR QUE HITLER ESTÁ VIVO. O Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 7 jul. 1972. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/100439_11/8572. Acesso em: 4 mar. 2025.

Habeas-corpus para os cachorros. Jornal da República, p. 12, São Paulo, 15 de nov. 1979. <http://memoria.bn.br/DocReader/194018/1176>. Acesso em: 5 de jan. 2024.

Imposto ilegal atingirá a construção civil. Cidade de Santos, São Paulo, p. 9, 10 de jun. 1973. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/896179/34560>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

INPS não paga, a taxa é cara, salário falta. Cidade de Santos, São Paulo, p. 6, 12 de jul. 1967. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/896179/90>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

Livros novos. O Estado de São Paulo, São Paulo, 28 de abr. 1974. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19740428-30394-nac-0254-lit-2-not/busca/Botacini>>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

Luiz Carlos de Assis. Desde quando Botacini é nome de corintiano. Manchete Esportiva, Rio de Janeiro, 1978. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116335/9231>. Acesso em: 5 de jan. 2024.

Mula aposentada por merecimento morre em SP. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p. 8, 11 de dez. 1987. http://memoria.bn.br/DocReader/154083_04/28764. Acesso em: 5 de jan. 2024.

Museu de Rib. Pires amplia acervo e itens em exposição. Folha do ABC, São Paulo, 22 de jan. 2019. <https://www.folhadoabc.com.br/index.php/secoes/cidade/item/11800-museu-de-rib-pires-amplia-acervo-e-itens-em-exposicao>. Acesso em: 6 de jan. 2024.

NASCIMENTO, Douglas. Bottacin, o paulista eu quis ser papa. São Paulo, 8 de mai. 2025. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/bottacin-o-paulista-que-quis-ser-papa/>. Acesso em: 26 de mai. 2025.

O Fluminense, Rio de Janeiro, 7 de jul. 1972. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/100439_11/8572. Acesso em: 5 de jan. 2024.

OLIVEIRA, Vanessa de. Marcos da História de Ribeirão Pires. Mais Notícias, Ribeirão Pires, 17 de mar. 2011. Disponível em: <https://jornalmaisnoticias.com.br/marcos-da-historia-de-ribeirao-pires/>. Acesso em: 15 de jan. 2024.

Paulistano excêntrico vai pedir a cassação do papa. Diário do Paraná, Paraná, p. 2, 1º caderno, 5 de jun. 1980. <http://memoria.bn.br/DocReader/761672/142125>. Acesso em: 5 de jan. 2024.
Político mal sucedido agora quer ser o papa. A Tribuna, São Paulo, p. 4, 10 de nov. 1977. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/153931_02/102528. Acesso em: 18 de jan. 2024.

Problemas do Pôrto em Convenção. A Tribuna, Santos, p. 3, 1º caderno, 17 de set. 1969. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/153931_01/87774. Acesso em: 4 de jan. 2024.

Revolucionário é punido com transferência. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 30 de dez. 1965. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/154083_02/23072. Acesso em: 4 de jan. 2024.

Ribeirão Pires (SP) faz eleição direta para escolher o padroeiro. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p. 4, 1º caderno, 11 de set. 1983. http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/294857. Acesso em: 5 de jan. 2024.

Ribeirão Pires poderá ter um novo padroeiro. O Estado de São Paulo, São Paulo, 8 de jul. 1983. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19830708-33232-nac-0031-999-31-not/busca/Bottacin>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

Ribeirão Pires pretende criar uma outra Câmara. O Estado de São Paulo, São Paulo, 11 de jun. 1981. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19810611-32590-nac-0033-999-33-not/busca/Bottacin>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

Ribeirão Pires pretende preservar velha estação. O Estado de São Paulo, São Paulo, 22 de mar. 1983. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19830322-33140-nac-0016-999-16-not/busca/Bottacin>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

Ribeirão Pires será palco de Inumeras Filmagens. Correio Paulistano, São Paulo, p. 2, 1º caderno, 21 de abr. 1963. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_11/15471. Acesso em: 4 de jan. 2024.

Um morro divide Ribeirão Pires. O Estado de São Paulo, São Paulo, 17 de fev. 1974. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19740217-30335-nac-0039-999-39-not/busca/Bottacini>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

Uma Câmara paralela em Ribeirão Pires. O Estado de São Paulo, São Paulo, 7 de ago. 1981. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19810807-32639-nac-0019-999-19-not/busca/Bottacin>. Acesso em: 4 de jan. 2024.

Vaticano—Empresa e Estado. A Tribuna, São Paulo, p. 24, 22 de ago. 1978. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/153931_02/109947. Acesso em: 5 de jan. 2024.

C. Livros e artigos

ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2016.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. Em: ANTHROPOS-HOMEM. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 295–332.

BARTHES, Roland. Introdução a análise estrutural da narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BIAGI, O. L. O IMAGINÁRIO DA GUERRA FRIA. Revista de História Regional, v. 6, n. 1, p. 61–112, 2007.

BUNZL, Martin. Counterfactual History: A User's Guide. The American Historical Review, v. 109, n. 3, p. 845–858, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/ahr/109.3.845>

BYFORD, Jovan. Conspiracy Theories: A Critical Introduction. UK: Palgrave MacMillan, 2011.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. O Homem dos Pedalinhos: Herberts Cukurs - a História de Um Alegado Nazista no Brasil do Pós-Guerra. Rio de Janeiro: FGV, 2021.

CARVALHO, Eros Moreira. Teorias da conspiração: Por que algumas não valem um caracol. Perspectiva Filosófica, v. 48, n. 2, 2021.

DE GEORGE, Richard. T. The nature and limits of authority. Kansas: University Press of Kansas, 1985.

DEMO, Pedro. Argumento de autoridade x Autoridade do argumento: interfaces da cidadania e da epistemologia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.

DUNSTAN, Ssimon.; WILLIAMS, Gerrard. Grey Wolf: The escape of Adolf Hitler. New York: Sterling, 2011.

EVANS, Richard. Altered pasts: counterfactuals in history. Massachusetts: Brandeis University Press, 2013.

EVANS, Richard. O Terceiro Reich em guerra. São Paulo: Planeta, 2012.

EVANS, Richard. The Hitler Conspiracies. New York: Oxford University Press, 2020.

FAIRCLOUGH, Norman. Language and power. New York: Longman, 1996.

FEST, Joachim. No bunker de Hitler. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2010.

FRIEND, Stacie. VIII—Fiction as a Genre. *Proceedings of the Aristotelian Society* (Hardback), v. 112, n. 2pt2, p. 179–209, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9264.2012.00331.x>

GENETTE, Gérard. *O discurso da narrativa*. Lisboa: Vega Universidade, [s. d.].

GUTERMAN, Marcos. *Nazistas entre nós*. São Paulo: Contexto, 2016.

HELLEKSON, Karen. *The alternate history: refiguring historical time*. Ohio: The Kent State University Press, 2001.

HOFSTADTER, Richard. *The paranoid style in american politics and other essays*. Massachusetts: Havard University Press, 1996.

JACKISH, C.; MASTROMAURO, D. Identificación de criminales de guerra llegados a la Argentina según fuentes locales. *Cuclos*, [s. l.], v. X, n. 19, Ciclos, p. 217–235, 2000.

JAMESON, Frederic. O romance histórico ainda é possível? *Novos estudos*. CEBRAP, [s. l.], v. 77, p. 185–203, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/xDSWf78FZTqyfnhBd-gSvtpB/?lang=pt>

KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KERSHAW, Ian. *O fim do Terceiro Reich*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KOJÈVE, Alexandre. *The notion of authority: a brief presentation*. New York: Verso, 2014.

LE GUIN, Ursula. K. *A mão esquerda da escuridão*. São Paulo: Aleph, 2014.

LEWANDOWSKY, S.; COOK, J. *The Conspiracy Theory Handbook*. [s. l.], 2020. Disponível em: <http://sks.to/conspiracy>

LUKÁCS, Gyorgy. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MEINERZ, Marcos Eduardo. *O Reich de mil anos: o imaginário conspiratório da sobrevivência nazista após a Segunda Guerra Mundial*. 2018. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, [s. l.], 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/56014>

MEINERZ, Marcos Eduardo. *O Reich de mil anos: o imaginário conspiratório da sobrevivência nazista após a Segunda Guerra Mundial*. 2018. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/56014>

MOSSE, Geroige. *Shell-shock as a Social Disease*. New Delhi: *Jornal of Contemporary History*, Vol 35(1), p. 101-108, 2001. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/002200940003500109?casa_token=uHHmTl8DaGEAAAAA:g_-DOYFkzE3d4LfU6GXxqaOXomIs8wDI7W4EYR6yloGUd9P_GzvaNHL1mjvx6pDCdE-bWaoDb2H0WDg. Acesso em: 16 de jan. 2024.

- MUNSLOW, Alun. *Narrative and History*. New York: Palgrave MacMillan, 2007.
- ROBERTS, Adam. *Science Fiction: The new critical idiom*. New York: Routledge, 2006.
- ROCHA, Lucas. *Turismo nazi: uma análise do livro “Bariloche Nazi”, de Abel Basti*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/32923/1/2022_LucasOliveiraRocha_tcc.pdf
- ROSENFELD, Gavriel. *The Fourth Reich: the specter of Nazism from World War II to the present*. New York: Cambridge University Press, 2019.
- ROSENFELD, Gavriel. Why do we ask “what if?” Reflections on the function of alternate history. *History and Theory*, [s. l.], v. 41, p. 90–103, 2002.
- SENNETT, Richard. *Authority*. New York: W.W. Norton, 1993.
- SERBENA, Carlos Augusto. Imaginário, ideologia e representação social. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, [s. l.], v. 4, n. 52, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1944>
- STEINACHER, Gerald. *Nazis on the run*. New York: Oxford University Press, 2011.
- VILLEGAS, Juan Camillo. *Lo Imaginario. Entre las ciencias sociales y la historia*. Medellín: Fondo Editorial Universidad EAFIT, 2000.
- WALTERS, Guy. *Hunting Evil: How the Nazi War Criminals Escaped and The Hunt to Bring Them to Justice*. London: Bratam Press, 2009.
- WHITE, Hayden. The Value of Narrativity in the Representation of Reality. *Critical Inquiry*, v. 7, n. 1, p. 5–27, 1980.